UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

THAIS ROSA VIVEIROS

Indícios de autoria em redações escolares: entre a regularidade e a ruptura

VERSÃO CORRIGIDA

SÃO PAULO
2018

THAIS ROSA VIVEIROS

Indícios de autoria em redações escolares: entre a regularidade e a ruptura

VERSÃO CORRIGIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa

Assinatura do Orientador em 10/09/2018

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

V857i

Viveiros, Thais Rosa
Indícios de autoria em redações escolares: entre a regularidade e a ruptura / Thais Rosa Viveiros ; orientador Manoel Luiz Gonçalves Corrêa. - São Paulo, 2018.
152 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. autoria. 2. redações escolares. 3. regularidade. 4. ruptura. I. Corrêa, Manoel Luiz Gonçalves, orient. II. Título.

Nome: VIVEIROS, Thais Rosa

Título: Indícios de autoria em redações escolares: entre a regularidade e a ruptura

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de mestre em Letras.

Aprovada em: 11/06/2018

Banca examinadora

Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa Instituição: USP - FFLCH

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. Fernanda Correa Silveira Galli Instituição: UNESP / S.J. do Rio Preto

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Luiz Andre Neves de Brito Instituição: UFSCAR

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. Norma Seltzer Goldstein Instituição: USP - FFLCH

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Aos meus pais, José e Patrícia,

com carinho

AGRADECIMENTOS

Ao professor Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, pela competência no processo de minha orientação e por sempre me desafiar;

À professora Norma Goldstein, por incentivar meu retorno à universidade e pela amizade demonstrada nesse processo;

À professora Fernanda Correa Silveira Galli, pelos direcionamentos e pelas detalhistas contribuições em minha banca de qualificação;

Ao professor Luiz André Neves de Brito, pelos conselhos e pelas detalhistas correções durante meu processo de qualificação;

Às professoras Fabiana Komesu e Luciani Ester Tenani, pela disposição em discutir os encaminhamentos de minha pesquisa nos intervalos da Abralin 2017;

Ao grupo de pesquisa *Práticas de Leitura e Escrita em Português Língua Materna*, pelas trocas, pelo apoio e pelos momentos de reflexão e estudo;

Ao Arnaldo Camargo, pelo apoio durante o V Flael, em Fortaleza, no ano de 2016;

Ao Leonardo Gonçalves de Lima, pelo apoio, pela amizade e pela paciência nos meus momentos de incerteza;

À Vanda Mari Trombetta, que, desde o início de minha participação no grupo, me ouviu e me apoiou;

A meus ex-alunos e a minhas ex-alunas, por cederem seus textos e autorizarem o uso deles no desenvolvimento desta pesquisa;

Ao Sr. Maurício Ceroni Ivo, pelo apoio e pela compreensão, principalmente no período final do desenvolvimento desta pesquisa;

A todos os colegas professores, pelo apoio, pelo incentivo e pela ajuda no dia a dia escolar;
A meus amigos, por me apoiarem nesta etapa da vida;

A meus irmãos, que sempre tiveram uma palavra de incentivo nos momentos difíceis;

Por fim, a meus pais, José e Patrícia, pelo carinho, pela compreensão e por estarem sempre ao meu lado ao longo destes anos.

RESUMO

VIVEIROS, T. R. **Indícios de autoria em redações escolares: entre a regularidade e a ruptura**. 2018. 150f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Esta pesquisa tem por objetivo investigar a presença de indícios de autoria em redações escolares. Para a sua realização, analiso 41 redações produzidas por alunos de uma escola de alto padrão da cidade de São Paulo. Essas redações são o resultado de um concurso interno de redação, cujo tema foi "a busca da felicidade"; os alunos participantes escreveram sobre este tema em diferentes gêneros (crônica, conto, artigo de opinião ou dissertação escolar) e postaram o texto na plataforma *moodle*. Nesta pesquisa, cuja premissa parte de uma análise discursiva (pautada na Análise do Discurso de linha francesa e na teoria da enunciação bakhtiniana), após o levantamento dos dados, foi possível pensar a distribuição do material analisado sob as seguintes perspectivas: a) o individual, o humano e o social; b) ainda considerando essa tríade, a incidência da voz coletiva e do tom proverbial; c) o tempo e o espaço nas relações de continuidade e ruptura. No decorrer das análises propostas, pude perceber a presença de pré-construídos acerca da felicidade, estabelecidos I) pelo diálogo com os textos da coletânea da proposta de redação entregue aos alunos e II) pelo universo sociocultural e histórico no qual estão inseridos os escreventes participantes do concurso; esse universo permite um entendimento do que convencionei nomear "império do eu". Isso, somado à consideração dos três eixos de circulação do escrevente pela escrita (CORREA 2004), à consideração da escrita como heterogênea (CORREA 2004) e à consideração do outro como mostrado e constitutivo (AUTHIER-REVUZ 1995) dos textos em análise, propiciou a abordagem sobre autoria aqui proposta. Os indícios de autoria são perceptíveis nas rupturas que se abrem na regularidade, na continuidade dos discursos, rupturas que deixam à vista o ponto de contato entre o que há de mostrado, o que há de constitutivo e o que pode ser considerado como manobras (POSSENTI 2009) do escrevente em seu trabalho com a escrita. Essas rupturas, considerando as perspectivas analíticas que assumo como diretrizes a partir da análise do material, podem ser pensadas em relação às três abordagens já dadas: a) na presença da consideração do social, mesmo que ainda atravessada pela regularidade da generalização; b) na voz coletiva e no tom proverbial como instanciação do outro, por meio de duas imagens, o simples, como critério para a felicidade, e os conceitos direito e dever, vinculados à busca da felicidade; e c) nas rupturas no *continuum* espaço-tempo por meio I) da fratura do cotidiano; II) da instanciação da perda como oportunidade; e III) do passar biológico do tempo. Cada uma dessas rupturas permite que seja instanciada uma posição enunciativa a partir da qual aquele discurso, e nenhum outro, nessas circunstâncias, nesse tempo e nesse espaço possa ser enunciado aqui e em nenhum outro lugar. Desse modo, entendo como indícios de autoria os momentos em que o escrevente se faz notar. Pensar a autoria em redações escolares a partir de uma premissa discursiva pode permitir, por fim, uma nova abordagem do conceito autoria nas aulas de redação e no modo como o conceito autoria é previsto em grades de correção de redações escolares e dos vestibulares.

Palavras-chave: autoria; redações escolares; regularidade; ruptura.

ABSTRACT

VIVEIROS, T. R. **Evidence of authorship in school essays: between regularity and rupture**. 2018. 150f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

This research aims to investigate the presence of indications of authorship on school essays. To do as much, we have analyzed 41 essays produced by students from a high profile school in São Paulo city. These essays are the result of an inside writing contest, for which the theme was "the pursuit of happiness"; the participating students were to write about it in different genres (chronicle, short story, opinion piece, school essay) and post their work on the Moodle platform. In this research, for which my premise stems from a discursive analysis (based on the French line of Discourse Analysis and on Bakhtin's enunciation theory), after data survey, it was possible to think the distribution of the analyzed material under the following perspectives: a) the transition from the subjective to the human, disregarding the social; b) still taking into account the jump from particularization to generalization; the incidence of a collective voice and a proverbial note; c) time and space as characters of a narrative. Over the proposed analyses, we could perceive the presence of pre-construes on happiness, stablished I) by the dialogue with texts from the proposal compilation handed to the students and II) by the historical and sociocultural universe in which the participating writers are inserted; this universe allows an understanding of what we have decided to call the "me empire". This, added to the consideration of three axes of circulation of the writer through writing (CORREA 2004), to the consideration of writing as heterogenous (CORREA 2004) and the consideration of the other as shown and constituted (AUTHIER-REVUZ 1995) of the analyzed texts, has provided the approach on authorship herein proposed. To us, the indications of authorship may be perceived in the ruptures that open in regularity, in discourse continuity, and which show the point of contact between what is shown, what is constitutive and what may be considered the writer's maneuvers (POSSENTI 2009) in his or her writing work. Taking into account the analytical perspectives we took as directives from the material analysis, said ruptures may be considered, under the three given perspectives, a) in the presence of the consideration of the social, even if it's still traversed by the impression of whole; b) in the collective voice and the proverbial note as instantiation of the other in the discourse, while becoming, through two images, the simple, as a criterion for happiness, and the concepts "right" and "duty", tied to the pursuit of happiness; c) in the ruptures of space-time continuum through the fracture of routine, the instantiation of loss as opportunity, the biological passing of time. Each of these ruptures allows the instantiation of a subject position from which that discourse, and no other, under these circumstances, in this time and space, may be enunciated here and in no other place. To think authorship in school essays under a discursive premise may allow, at last, a new approach of the concept of authorship in writing classes and in the way the concept authorship is previewed in correction grids in schools and in entrance exams for universities.

Key-words: authorship; school essays; regularity; rupture.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – quantidade de textos por série e por gênero 36
Tabela 2 – desvios quanto às instruções estabelecidas na proposta de redação 51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – entre o externo e o interno 55
Quadro 2 – equilíbrio como lugar da felicidade 58
Quadro 3 – a ruptura do *continuum* espaço-tempo 118
Quadro 4 – a presença, ou não, do social 140
Quadro 5 – o simples, o direito e o dever 142
Quadro 6 – as rupturas no espaço-tempo 143

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - charge sobre o papel social do professor em duas temporalidades, na França .. 42
Figura 2 - ranking das carreiras mais bem remuneradas em 2014 42

SUMÁRIO

Introdução **13**
Capítulo 1 – Referencial teórico e Metodologia **15**
1.1 Do sujeito e do discurso 15
1.2 Metaenunciação e discurso citado 17
1.3 Das várias noções de autoria 19
1.3.1 O dialogismo bakhtiniano, autoria e estilo 19
1.3.2 A autoria em Foucault 24
A autoria em Barthes – distanciamento da compreensão foucaultiana de autor 27
1.3.3 A autoria em Maingueneau 28
1.3.4 A autoria em Possenti 29
1.4 Os gêneros do discurso 32
1.5 Apresentação do *corpus* 35
1.6 A proposta de redação solicitada no concurso 39
1.7 Das análises 51
Capítulo 2 – O individual, o humano e o social **59**
2.1 Entre o enunciador desejado e a posição assumida: constatando contradições 59
2.2 Constatação de contradições e diferentes textos 66
2.3 A voz coletiva e o tom proverbial 91
2.3.1 O simples como critério 93
2.3.2 A contradição entre ser e ter 102
2.3.3 Ser feliz: entre um direito e um dever 107
Capítulo 3 – Tempo e espaço: ruptura, recomeço e ciclo de vida **115**
3.1 O cotidiano e a fratura 118
3.2 A perda como recomeço 125
3.3 O tempo biológico 133
Considerações finais **140**
Referências **146**
Anexo **152**

“O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta.”

Michel Foucault

Introdução

A autoria é considerada critério de avaliação em redações escolares, tanto nas avaliações internas, realizadas na escola, quanto em avaliações externas, como o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e demais vestibulares. No entanto, não é algo que fique claro aos alunos e a dúvida deles com relação ao que está sendo avaliado nesse critério foi, inicialmente, a minha motivação para pensar autoria em redações escolares, ainda que reconheça a zona movediça que se constrói em torno dessa noção, sobretudo no âmbito da análise do discurso de linha francesa, uma vez que todo enunciado estará sempre vinculado a uma (ou várias) formação discursiva, a um pré-construído que alimenta o dizer. Nesse sentido, a presença – inegável e constituinte – do outro no discurso obriga a reconhecer que aquele dizer está já-lá, em algum lugar do alhures; ao mesmo tempo, é possível ter em conta que, se há o repetível, há também o novo acontecimento, que instaura a novidade no fio do discurso. Assim, entre o outro que é mostrado, e o outro que é constitutivo do dizer, há um espaço para a instanciação do novo acontecimento. Ou seja, se há, no discurso, a regularidade (FOUCAULT 2016), há, também, a ruptura, por onde pode emergir uma posição sujeito na qual seja possível vislumbrar "indícios de autoria"[1] (POSSENTI 2002).

De fato, indícios de autoria podem existir nos momentos em que se volta o olhar para o enunciado em se fazendo (AUTHIER-REVUZ 1995), para a responsividade que denuncia o outro (BAKHTIN 2011), para a natureza da autorreflexividade que permite a parada sobre o dizer (AUTHIER-REVUZ 2008), para a representação do discurso outro (AUTHIER-REVUZ 2008). Todas essas referências – que serão abordadas no decorrer desta dissertação – colocam o acontecimento discursivo como algo em construção, sempre. Isso implica, portanto, a inevitabilidade de pensar uma ideia de autoria como real apenas se vinculada ao processo de construção do discurso e perceptível nos indícios que o texto permite reconhecer. Sem pretender lançar uma nova definição de autoria[2], a expectativa é contribuir para ampliar a compreensão dessa noção por meio da análise discursiva e interpretativa dos textos – que foram produzidos para a participação em um concurso de redação[3]. Isso, por sua vez, pode permitir uma revisão da noção de erro, de equívoco e do próprio processo de ensino da escrita.

---

[1] Nesta dissertação, o termo "indícios de autoria" está em diálogo com as reflexões de Sírio Possenti.

[2] Nessa questão, considero legítima a ponderação de Maingueneau acerca da legitimidade de se pensar autoria em análise do discurso: "Integrar a problemática da autoralidade à análise do discurso não significa erigi-la em centro, mas ver aí a zona de troca e de recobrimento recíproco de um 'interior' e um 'exterior' do texto: todo texto implica certa autoralidade, e o mundo de onde emerge o texto implica ele próprio essa forma de autoralidade." (MAINGUENEAU 2010, p. 46)

[3] O concurso de redação será explicado detalhadamente no capítulo 1.

Este estudo pretende, assim, por meio da análise de textos produzidos por alunos dos níveis Fundamental e Médio, verificar se é possível pensar autoria em redações escolares, à luz das teorias da análise do discurso de linha francesa e da teoria da enunciação bakhtiniana. Com isso, objetivo a oportunidade de, por meio da indicação dos indícios de autoria presentes em redações escolares do ponto de vista discursivo, lançar luz ao ensino da escrita institucionalizada, no que concerne à questão da autoria. Para isso, pretendo: a) fazer o mapeamento e a interpretação dos indícios de autoria presentes nos textos analisados; b) propor o entendimento das rupturas como possibilidade no que concerne aos indícios de autoria; e c) apresentar uma análise discursiva da regularidade e da ruptura.

No capítulo 1: a) apresento os fundamentos teóricos que embasam esta dissertação, inclusive a posição que assumo no que concerne à noção autoria, a partir do levantamento de alguns autores e de algumas definições; b) detalho os aspectos pertinentes ao concurso de redação de onde foram extraídos os textos analisados nesta pesquisa e proponho uma análise da proposta de redação entregue aos alunos, na intenção de compreender em que medida a própria proposta estabelece, com os textos, uma posição dialógica; c) explico a organização deste trabalho, especificando a disposição dos textos, o modo como serão marcados os destaques e o objetivo por trás dos destaques realizados; e d) encerro com dois exemplos das análises que serão apresentadas nos capítulos 2 e 3, de modo a deixar evidente tanto a estrutura quanto o conteúdo das análises feitas.

Nos capítulos 2 e 3, serão apresentados os demais textos utilizados para esta pesquisa, seguidos da análise feita. Por meio das análises, pude observar dois elementos que se tornaram o caminho para a estruturação deste trabalho, sendo cada um deles o mote de um capítulo, a saber: a) o indivíduo, o humano e o social, considerando, também, as remissões à voz coletiva; e b) nos textos narrativos, a assunção do tempo e do espaço como personagens do texto – para isso, serão considerados o cotidiano, a perda como recomeço e a passagem biológica do tempo. Na introdução de cada um desses capítulos, uma breve estruturação teórica será feita, como base para as análises desenvolvidas na sequência.

No capítulo de considerações finais, há a retomada de alguns textos-chave de cada perspectiva de análise, sendo, para cada olhar, proposto um quadro que aproximará referências que permitem vislumbrar os momentos em que há ruptura na regularidade – e, por isso, os momentos em que considero haver indícios de autoria. Por fim, as referências bibliográficas e o anexo.

Capítulo 1: Referencial teórico e Metodologia

O apanhado teórico que realizo neste capítulo reúne um conjunto de conceitos que funcionam como fundamento da análise ou que, eventualmente, são localizáveis na análise. Não se trata, portanto, de estabelecer, neste capítulo, um conjunto de categorias a serem mecanicamente buscadas nos textos analisados. Pelo contrário, a tentativa é localizar, nos próprios textos, os elementos discursivos que os organizam.

1.1 Do sujeito e do discurso

Neste trabalho, em associação ao modo como entendo o sujeito – como constituído no e pelo discurso e, portanto, distinto de uma visão biológica de indivíduo –, o discurso pode ser visto, numa primeira aproximação, pelo que propõe Foucault:

> "O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinados a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo." (FOUCAULT 2016, p. 66).

e mais adiante

> "Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; (...)." (FOUCAULT 2016, p. 143).

Desse modo, o discurso registra uma enunciação só possível em um dado universo de possibilidades, posto que vinculado – por ratificação ou retificação – a uma (ou mais de uma) formação discursiva que sustenta, histórica e ideologicamente, um determinado dizer. Essa noção, que é da lavra de Foucault, foi adotada e modificada por autores ligados à ADF. A noção de formação discursiva está estabelecida em relação à de interdiscurso[4], de modo que mantém com ele uma relação de dependência e de troca, relação que possibilita a construção dos sentidos do ponto de vista da associação de ideias resultante dessa simbiose. Isso é resultado do fato de que "Todo discurso é atravessado pela interdiscursividade, tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos, de entrar no interdiscurso." (CHARAUDEAU *and* MAINGUENEAU 2006, p. 286)

[4] No artigo "Observações sobre o interdiscurso", Possenti faz um estudo das várias compreensões de interdiscurso – buscando, *a priori*, uma associação entre os termos "polifonia", "dialogismo", "heterogeneidade", "intertextualidade" e "interdiscurso". Ao longo de sua reflexão, conclui que o termo interdiscurso é hegemônico: "algo sempre fala antes e alhures." (POSSENTI 2009, P. 155)

Tomando por base o artigo "Observações sobre o interdiscurso", de Sírio Possenti, a noção de formação discursiva empregada neste trabalho remonta à noção engendrada na chamada terceira fase da Análise do Discurso francófona, após a definição feita por Pêcheux de interdiscurso e de formação discursiva:

> "Uma formação discursiva não é um espaço estrutural fechado, já que ela é constitutivamente 'invadida' por elementos provenientes de outros lugares (i.e., de outras formações discursivas) que nela se repetem, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo, sob a forma de 'pré-construídos' e de 'discursos transversos')." (PÊCHEUX 1983, p. 297)

A isso, em seu estudo do discurso comunista direcionado aos cristãos, e buscando aprimorar a noção de FD a partir do confronto de duas FD's distintas, mas que falavam entre si, Courtine acrescenta

> "Com efeito, o interdiscurso é o lugar no qual se constituem, para um sujeito falante que produz uma sequência discursiva dominada por uma formação discursiva determinada, os objetos de que esse sujeito enunciador se apropria para fazer deles objetos de seu discurso, bem como as articulações entre esses objetos, pelos quais o sujeito enunciador vai dar uma coerência a seu propósito." (COURTINE 1981, p. 35)

Maingueneau, por sua vez, tenta limitar a vaguidão do conceito interdiscurso por meio da apresentação de uma tríade: "universo discursivo"; "campo discursivo"; "espaços discursivos" (MAINGUENEAU 1984, pp. 27-30). Tomando por base essa classificação, no caso aqui estudado, o confronto entre professor e aluno e, mais especificamente, entre as várias compreensões de felicidade – tema de redação que dá base para os textos aqui analisados – que emanam das redações, teremos, como lugar de análise, o espaço discursivo de uma atividade pedagógica.

Por esse motivo, considero a memória discursiva como fator a ser ressaltado. Maingueneau aponta que "um discurso supõe mais que uma memória das controvérsias que lhe são exteriores; à medida que aumenta o corpus de suas próprias enunciações, com o passar do tempo e com a sucessão das gerações de enunciadores, vê-se desenvolver uma memória polêmica interna." (MAINGUENEAU 1997, p. 125). Por isso, foi uma noção considerada durante a leitura do material, uma vez que os textos sobre a busca da felicidade que serão analisados neste estudo manifestam, por meio do discurso citado, do tom proverbial e da voz coletiva, o discurso-outro com o qual estão relacionados. Sobre essa questão, tomo de empréstimo observação de Possenti, o qual afirma que

> "Aquilo que é considerado 'conhecimento de mundo' em certas teorias do texto ou de leitura passa ser considerado como 'outros discursos', que

> constituem a memória discursiva, que são mencionados ou aludidos no discurso presente e para o qual são ingredientes de constituição e de interpretação." (POSSENTI 2009, p. 82)

Nesse sentido, assumo que

> "Esse discurso-outro, enquanto presença virtual na materialidade descritível da sequência, marca, do interior desta materialidade, a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica, logo como o próprio princípio do real sócio-histórico." (PÊCHEUX 1997, p. 55)

Com isso, a memória, além de carregar resquícios de outros acontecimentos, pode movimentar uma dada formação discursiva no sentido de fazer nascer dela uma outra formação, dissidente, mas associada, fruto também das agitações sócio-históricas pertinentes a um determinado enunciado.

1.2 Metaenunciação e discurso citado

O desconhecido como constitutivo do real é aquilo para o que olha Jacqueline Authier-Revuz, uma vez que ter o signo como opaco é ter o signo como referente, não mais o mundo. Nesse sentido, a autora identifica como objeto de seu estudo a metaenunciação, a partir do que ela considera os três sentidos do metadiscurso: a) na língua, ao modo de Jackobson; b) na remissão a outros discursos – o caso do discurso citado, por exemplo; e c) a autorreflexividade do campo metaenunciativo; este, por sua vez, também pensado sob três aspectos: I. o autocomentário; II. o autoiniciado; e III. o imediato (AUTHIER-REVUZ 1995, p. 24). Essas observações decorrem do fato de "(...) le méta-énonciatif s'inscrit dans le dire d'un énonciateur, énonçant à propos de sa propre énonciation (…)"[5] (AUTHIER-REVUZ 1995, p. 24). A noção de metaenunciação está sendo considerada nesta pesquisa justamente pelo exercício metaenunciativo presente em algumas redações. Nesse momento, ocorre de o fluxo do discurso ser interrompido por uma volta sobre o dizer, de modo que o dito deixa de ser o foco, para dar lugar àquilo que se pensa sobre o que está sendo dito, em uma autoavaliação do discurso em se fazendo que, em última instância, deixa ver a heterogeneidade constitutiva de todo dizer.

Sobre a metaenunciação como indício de autoria, há duas importantes observações de Possenti. A primeira propõe uma definição: metaenunciação seria a

[5] Em tradução livre: (...) o metaenunciativo se inscreve no dizer de um enunciador, enunciando a propósito de sua própria enunciação (...).

interrupção do fio do discurso, seguida de um comentário. Mais precisamente, ela pode acontecer em:

> "enunciados, partes de enunciados ou de textos nos quais se interrompe um suposto fio homogêneo do discurso e se faz, de alguma forma, um comentário sobre elementos do próprio texto (uma palavra, um enunciado), sobre os interlocutores ou sobre a própria circunstância da enunciação." (POSSENTI 2009, pp. 65-66)

A segunda observação é uma explanação sobre a metaenunciação como lugar que manifesta o outro constitutivo do discurso:

> "Para a AD, o sujeito faz tais comentários por estar em uma posição que o leva a impedir que um discurso se confunda com outro; o sujeito não faz o que faz porque quer ou porque sabe, faz o que faz premido por determinações externas. Pensa que sabe o que fala (ilusão etc.), que comenta seu próprio discurso, mas apenas revela um espaço interdiscursivo tenso, um lugar em que a própria língua exibe seu funcionamento discursivo, longe de ser, portanto, mero instrumento à disposição de interlocutores." (POSSENTI 2009, p. 67)

Além disso, considero o discurso citado também como um procedimento relevante, já que sua presença no texto manifesta a heterogeneidade mostrada, por meio do que Authier-revuz (2008) convencionou nomear Representação do Discurso Outro (RDO). A denominação dada pela autora é justificada da seguinte maneira:

> "Do lado das razões positivas, escolher o termo 'RDO' é posicionar explicitamente o domínio visado no campo, englobante, da metadiscursividade (discurso sobre discurso) com a especificação da alteridade (do discurso outro) pela qual se distingue da autorrepresentação do discurso se fazendo." (AUTHIER-REVUZ 2008, p. 108)

Nesse sentido, "(...) a problemática do discurso citado abre constantemente para o conjunto dos fenômenos de polifonia e de heterogeneidade." (CHARAUDEAU *and* MAINGUENEAU 2006, p. 173), pois "dizer que a interdiscursividade é constitutiva é também dizer que um discurso não nasce, como geralmente é pretendido, de algum retorno às próprias coisas, ao bom senso, etc., *mas de um trabalho sobre outros discursos*." (MAINGUENEAU 1997, p. 120, destaque do autor). Também a remissão a outros discursos pode ser um indício de autoria, já que o trabalho do sujeito surge no espaço entre o que há de constitutivo e o que há de mostrado – aspecto melhor detalhado no subitem 2.3, a voz coletiva e o tom proverbial.

1.3 Das várias noções de autoria

Nos subitens seguintes, abordo, remetendo a algumas perspectivas teóricas, a questão do autor com o objetivo de apontar suas principais características e de especificar as posições que assumo acerca do que compreendo como indícios de autoria.

1.3.1 O dialogismo bakhtiniano, autoria e estilo

A teoria da enunciação bakhtiniana determina que o enunciado só existe na relação que se estabelece entre os participantes de um dado evento comunicativo, pois o acabamento do sentido do enunciado só é possível no outro. Com isso, o enunciado é compreendido de maneira distinta em relação ao que a linguística nomeia oração, já que "O enunciado concreto (e não a abstração linguística) nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação." (BAKHTIN / VOLOSHINOV 1929, p. 10). De fato, Bakhtin (2011 p. 323) afirma que as relações dialógicas pressupõem a participação dos sujeitos, e não se dão, portanto, no sistema da língua. Ou seja, para o autor, o material da língua, desvinculado da emergência de valores consequente do confronto de vozes, não pode produzir sentido por si só. Isso se dá na medida em que "Dois enunciados alheios confrontados, que não se conhecem e toquem levemente o mesmo tema (ideia), entram inevitavelmente em relações dialógicas entre si. Eles se tocam no território do tema comum, do pensamento comum." (BAKHTIN 2011, p. 320)

Com base nisso, tem-se como ponto de partida a prioridade da emergência do outro – da alteridade, portanto – emergência da qual depende vivamente a teoria bakhtiniana. Isso se deve ao fato de que, em Bakhtin, "o discurso verbal é um evento social" (1929, p. 9), o que implica a presença constante do outro – ou dos outros – em qualquer enunciação.

> "Por palavra do outro (enunciado, produção de discurso) eu entendo qualquer palavra de qualquer outra pessoa, dita ou escrita na minha própria língua ou em qualquer outra língua, ou seja, é qualquer outra palavra *não minha*. Nesse sentido, todas as palavras (enunciados, produções de discurso e literárias), além das minhas próprias, são palavras do outro. Eu vivo em um mundo de palavras do outro." (BAKHTIN 2011, p. 379, destaque do autor)

Essa presença massiva do outro constitui o fundamento das relações dialógicas, as quais são caracterizadas como relações de sentido entre enunciados, considerando a situação de interação verbal ocorrida (FARACO 2009, p. 65). Essa interação não pode ser

pensada apenas do ponto de vista da interação face a face (FARACO 2009, p. 65), mas deve ser compreendida no âmbito de qualquer interação, considerando para isso não apenas o verbal, mas também o extraverbal, essencial à construção de sentido, pois ativa o que Bakhtin/Voloshinov chamam de presumidos sociais (BAKHTIN / VOLOSHINOV 1929, p. 6).

O quadro das relações dialógicas ainda compreende as seguintes afirmações, válidas para a esfera literária, mas aplicáveis também aos demais campos: (I) a relação viva que existe entre o autor, o herói e o ouvinte (BAKHTIN / VOLOSHINOV 2009, p. 13); (II) a entoação, os julgamentos de valor que sustentam os movimentos axiológicos das vozes sociais envolvidas em dado enunciado (BAKHTIN / VOLOSHINOV 2009, p. 7); (III) o estilo como resultado da relação intrincada entre a tríade – acima descrita – que compõe o enunciado concreto (BAKHTIN / VOLOSHINOV 2009, p. 13).

As réplicas possuem natureza axiológica a qual introduz um juízo de valor específico; é no aproximar das vozes em réplica que ocorre a compreensão dos sentidos:

> "(...) a diferença axiológica profunda, essencial e de princípio entre o *eu* e o *outro*, diferença essa que tem caráter de acontecimento: fora dessa diferenciação não é possível nenhum ato axiologicamente ponderável. O *eu* e o *outro* são categorias axiológicas basilares, que pela primeira vez tornam possível qualquer *juízo de valor efetivo*, e um momento desse juízo, ou melhor a diretriz axiológica da consciência não ocorre só no ato na verdadeira acepção do termo mas em cada vivenciamento e até na sensação mais simples: viver significa ocupar uma posição axiológica em cada momento da vida, significa firmar-se axiologicamente." (BAKHTIN 2011, pp. 173-174, destaques do autor)

Pode-se, pois, concluir que as relações dialógicas são constitutivas da linguagem, estabelecidas nas réplicas que ocorrem como resultado da responsividade entre os enunciados, os sujeitos, o já-dito (BAKHTIN 2011, p. 312).

Dialogismo e autoria

Considerando a inerente relação dialógica da teoria bakhtiniana, o autor apresenta-se como o elemento constituinte do objeto artístico que, por meio do excedente de visão (BAKHTIN 2011, p. 11), torna-se capaz de criar para o herói um mundo coerente, do ponto de vista estético (FARACO 2005, p. 41), no qual ele possa atuar. O autor-criador, assim estabelecido, ao estar fora da obra, estabelece com a personagem um elo não de *eu* em relação a *outro*, mas de *outro do outro* (LEMOS 1994, p. 41), devido ao fato de que, com seu excedente de visão, o autor assume posição transgrediente (BAKHTIN 2011, p. 10) que

lhe permite circular entre o mundo da vida e o mundo da obra, tornando verossímil a existência do herói.

> "A consciência do autor é a consciência da consciência, isto é, a consciência que abrange a consciência e o mundo da personagem, que abrange e conclui essa consciência da personagem com elementos por princípio transgredientes a ela mesma e que, sendo imanentes, a tornariam falsa." (BAKHTIN 2011, p. 12)

Essa visão de autor que possui excedente de visão e que, graças a isso, consegue manter vivo o mundo do herói dialoga com o que diz Cândido (2007) quando reflete sobre o valor da personagem no romance e sobre a necessidade de essa ser um ente verossímil. É possível aproximar as duas teorias, pois o mundo do herói construído pelo autor-criador bakhtiniano está em relação com a conclusão de Cândido ao mencionar que a verossimilhança de uma personagem está vinculada à coerência com que um determinado enredo é organizado e apresentado (CÂNDIDO 2007, p. 80).

Para Bakhtin, o autor-criador é, portanto, um elemento da obra, participante dela (BAKHTIN 2011, p. 191), como um organizador do mundo do herói e como um orientador do leitor – nesse sentido, como o elemento que mantém em diálogo constante a tríade do enunciado (autor, ouvinte, herói). Isso se dá, porque o autor está em união estética com a personagem, estabelecimento que fundamenta a axiologia da criação artística.

> "O autor conflui imediatamente com a personagem e seu mundo e só na relação axiológica imediata com ela define sua posição como posição artística, só nessa relação axiológica com a personagem ganham pela primeira vez a sua significação, o seu sentido e o peso axiológico (...)." (BAKHTIN 2011, p. 182)

No caso do que estou entendendo, nesta dissertação, por indícios de autoria em redações escolares, tomando por base a teoria bakhtiniana, seria possível pensar, como indícios de autoria, a própria complexidade enunciativa (CORRÊA 2006, p. 208), perceptível na relação dialógica que há entre a) o escrevente e a proposta de redação que deve desenvolver; b) o escrevente e o professor (ainda que fosse um concurso de redação, a figura do professor é um elemento coercitivo do trabalho de escrita); c) o escrevente e o gênero que escolheu para desenvolver seu texto (mesmo que essa escolha venha tomada das ruínas (CORRÊA 2006, p. 209) de outros gêneros que falam no gênero que se pensou desenvolver); d) o escrevente e o modo como compreende a escrita institucionalizada e a própria escrita – associando esse elemento aos três eixos de circulação do escrevente (CORRÊA 2004, pp. 10-11); e) o escrevente e seu mundo, ou melhor, o escrevente e o modo como compreende e representa o mundo (nas relações várias estabelecidas com o já-dito).

Nesse sentido, a noção autor, tal qual dado em Bakhtin, não poderia ser tomada de empréstimo, como já-dado. No caso de escreventes em idade escolar, os indícios de autoria, quando existem, marcam-se pela circulação do escrevente, pela sua inserção sócio-histórica no momento da enunciação, assumindo uma posição axiológica acerca do problema da felicidade, segundo o gênero que escolheu redigir, não pelo conjunto de sua obra ou pelo fato de o autor ser parte da obra. Considerando isso, seria mais pertinente pensar os indícios de autoria vinculados ao modo como o escrevente se insere no mundo – real e historicamente constituído – e no mundo da escrita. Seria válido, assim, ressaltar que, segundo Corrêa (2006),

> "(...) a novidade quanto à produção do texto pode estar justamente em reconhecer a legitimidade de relações intergenéricas não previstas. Se, por um lado, o processo de fala/escrita se particulariza no escrevente, por outro, seus 'equívocos' são repletos de respostas que denunciam a convivência de práticas sociais, as quais, por sua natureza histórica, se transformam, estabelecendo novas relações dialógicas. Eis um modo interessante de vincular a criatividade do falante/escrevente à particularidade de sua inserção histórica e de suas relações com o enunciado do outro." (CORRÊA 2006, p. 219)

De fato, durante as análises, o cruzamento de gêneros textuais será um elemento a se considerar no que concerne ao atravessamento a que está sujeito o escrevente, pois os seus "equívocos" testemunham as relações dialógicas estabelecidas, as quais ficam materializadas na escrita.

Dialogismo e estilo

Também é dialógica, em Bakhtin, a noção de estilo, pois só é possível pensar estilo[6] na teoria bakhtiniana (BAKHTIN 2016, p. 18) a partir do momento em que é entendido como um dos elementos próprios a um dado enunciado, sendo, portanto, um dos componentes de um gênero específico. Desse modo, o estilo estaria no manejo das línguas sociais (BAKHTIN 2011) várias e, sobretudo, no seu encontro e na inter-relação de sujeitos, enunciados e gêneros do discurso.

> "O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos de seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação

[6] Beth Brait dedicou um artigo à compreensão da noção de estilo em Bakhtin. Para ela, "(...) *estilo* se apresenta como um dos conceitos centrais para se perceber, a contrapelo, o que significa, no conjunto das reflexões bakhtinianas, dialogismo, ou seja, esse elemento constitutivo da linguagem, esse princípio que rege a produção e a compreensão dos sentidos, essa fronteira em que eu/outro se interdefinem, se interpenetram, sem se fundirem ou se confundirem." (BRAIT 2005, p. 80)

> discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. O estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento." (BAKHTIN 2016, p. 18)

Em "Estética da criação verbal", estilo é definido como "a unidade de procedimentos de enformação e acabamento da personagem e do seu mundo" (p. 186). Com base nessa definição, nota-se que há uma aproximação do autor-criador em relação ao estilo. Em "Discurso na vida e discurso na arte", Bakhtin / Voloshinov, ao abordar a obra de arte, faz referência ao estilo como determinado pela relação estabelecida entre a tríade autor, herói e ouvinte (1929, p. 13). Assim, o estilo de uma dada obra é o resultado da entoação, dos aspectos valorativos que emanam das réplicas estabelecidas entre os componentes da obra, o que estabelece, entre eles, uma atitude avaliativa que, em última instância, garante a construção dos sentidos numa certa direção.

Autoria e estilo: aproximações e distanciamentos a partir da noção de dialogismo

Partindo da imagem de estilo como resultado do dialogismo constitutivo da linguagem, a ideia de autor-criador como parte do objeto estético (FARACO 2005, p. 37) e sua relação com o herói e com o Outro estão na base da teorização bakhtiniana do processo criativo. Para Bakhtin, estilo não é pessoalidade, singularidade, algo como o *modus operandi* de um autor – aqui aproximado da ideia de autor-pessoa. De fato, estilo, na teoria bakhtiniana, se distancia do que pode ser compreendido como um *modo de fazer* (destaque meu). Essa consideração é importante, pois, com bastante frequência, sobretudo em certa tradição dos estudos literários, estilo está associado às características de escrita próprias de um autor, àquilo que define uma obra como própria de um sujeito autor – nesse caso, a pessoa do escritor, não o autor-criador como parte da obra.

O estilo – do ponto de vista bakhtiniano – só existe quando visto como o resultado da constante responsividade que há entre os elementos de um enunciado concreto. O autor-criador – parte da obra – está axiologicamente estabelecido em relação ao herói, ao mundo da vida, ao mundo da obra, ao material linguístico, à forma, ao conteúdo. Assim, o estilo de uma obra, na teoria bakhtiniana, é determinado pelas relações dialógicas várias que convergem para uma dada produção de sentido. Sendo o estilo obtido por meio das réplicas estabelecidas entre os elementos de um enunciado concreto, ele só pode ser aproximado da ideia de autor-criador a partir do fato de que o autor-criador é, em Bakhtin, também um elemento da obra.

Uma análise, ainda que olhe para o contexto, e com isso abranja a historicidade da língua, quando não considera o outro, fica na superfície do texto e, assim, não ocorre com a profundidade necessária ao considerar a dialogia como constitutiva da linguagem. Por ser constitutiva, uma análise de textos que considere o pensamento bakhtiniano assume a dialogia como princípio organizador do discurso em todas as suas instâncias. Nesse sentido, seria possível considerar a noção de autor a partir da teoria da enunciação bakhtiniana do ponto de vista das relações dialógicas que emanam no discurso, na refração e na reflexão que estabelecem entre si. No caso de redações escolares – o foco neste trabalho – não me parece possível pensar o escrevente como autor-criador, no sentido estabelecido por Bakhtin. Ao mesmo tempo, é possível pensar uma redação escolar como um registro dos atravessamentos do escrevente e do modo como se dá o entrelaçamento de vozes. Nesse sentido, considerar o próprio entrelaçar como indício de autoria de um escrevente em idade escolar apresenta o ganho de assumir a voz coletiva, o tom proverbial e o discurso citado como manifestações da reflexão e da refração, do processo valorativo envolvido: a) na defesa de um ponto de vista acerca da busca da felicidade – nos textos argumentativos; e b) na construção das personagens e das relações espaço-temporais dos textos narrativos.

1.3.2 A autoria em Foucault

O coração das teorias foucaultianas é a busca por uma compreensão do sujeito como uma função do discurso, pois este não deve ser pensado a partir de uma ideia de origem ou fundação, mas deve ser tratado no "jogo de sua instância" (FOUCAULT 2016), porque

> "Certamente, os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais do que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato de fala. É esse *mais* que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever." (FOUCAULT 2016, p. 60, destaques do autor)

Em seus estudos sobre o poder e o discurso, Foucault faz do sujeito sua grande questão e, para estudá-lo, debruça-se também sobre a questão do autor, discutida em diversos trabalhos, principalmente em "A ordem do discurso", conferência proferida ao Collége de France, em 1970, e na conferência proferida para a Sociedade Francesa de Filosofia, em 1969, "O que é um autor?".

Em "Arqueologia do Saber", Foucault afirma que [um enunciado é considerado enunciado] "na medida em que pode ser assinalada uma posição do sujeito." (FOUCAULT 2016, p. 116). A análise de um enunciado depende da consideração de diversos fatores, entre

eles sua condição de existência, as quatro características que detalham a função enunciativa, as leis de raridade, de exterioridade e de acúmulo, uma vez que "(...) as coisas ditas dizem bem mais que elas mesmas." (FOUCAULT 2016, p. 134). No contexto do método proposto por Foucault, o sujeito do enunciado e o autor – funções do discurso separadamente estudadas – só podem ser pensados a partir da função sujeito que ocupam, no quadro de uma historicidade pautada por uma descontinuidade que torna o sujeito, e o autor, também descontínuos.

> "A análise dos enunciados se efetua, pois, em referência a um *cogito*. (...) como o conjunto das coisas ditas, as relações, as regularidades e as transformações que podem aí ser observadas, o domínio do qual certas figuras e certos entrecruzamentos indicam o lugar singular de um sujeito falante e podem receber o nome de um autor. 'Não importa quem fala', mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar. É considerado, necessariamente, no jogo de uma exterioridade." (FOUCAULT 2016, p. 150, destaque do autor)

O jogo das limitações impostas ao discurso é bastante significativo, pois o autor – que Foucault entende como uma função do discurso, a função-autor – é um princípio de limitação interno do discurso (FOUCAULT 2009, p. 26), no jogo entre identidade e individualidade. Vale ressaltar que o autor "(...) não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso; como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência." (FOUCAULT 2009, p. 26), ou seja, "o autor como um princípio de unidade em um ambiente de dispersão" (FOUCAULT 2009, p. 29).

A função-autor[7] pode ser compreendida, assim, como um lugar que o ser de linguagem pode, ou não, ocupar em um determinado discurso. A crítica de Foucault recai, desse modo, não especificamente na ideia do autor, mas sim na imagem do sujeito como função fundadora do discurso (ALVES 2014, p. 127). No seu entendimento do autor como função do discurso, Foucault, na conferência de 1970, aborda o fato de que o autor exerce certo poder de organização, controle e delimitação do discurso, fatores que apresenta tanto como positivos – uma vez que, nesta perspectiva, o autor passa a ser compreendido como "aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real" (FOUCAULT 2009, p. 28) –, quanto como negativos, uma vez que o autor

[7] Em seu estudo sobre a morte do autor em Foucault, Alves compreende a preocupação de Foucault com a noção autor vinculada a uma compreensão do sujeito, na medida em que "Para além de um problema literário, o autor é uma questão propriamente filosófica, associada à exploração e ao desenvolvimento de novas experiências de pensamento. Nesse sentido, ousaria afirmar que não é a literatura ou o autor literário em si mesmos que despertam a atenção de Foucault, mas sim o que se poderia chamar de *experiências radicais de pensamento*, que transitam nos limites da linguagem, e o lugar do sujeito nessas experiências." (ALVES 2012 p. 184)

é um dos princípios de delimitação interno do discurso, assumindo, assim, posição coercitiva. Diferentemente de Barthes, que declara a morte do autor[8], Foucault busca entender a função-autor como algo só possível "através de uma série de operações específicas e complexas" (FOUCAULT 1992, pp. 56-57).

> "Como, segundo que condições e sob que formas, algo como um sujeito pode aparecer na ordem dos discursos? Que lugar pode o sujeito ocupar em cada tipo de discurso, que funções pode exercer e obedecendo a que regras? Em suma, trata-se de retirar ao sujeito (ou ao seu substituto) o papel de fundamento originário e de o analisar como uma função variável e complexa do discurso. O autor – ou o que tentei descrever como a função-autor – é com certeza apenas uma das especificações da função sujeito." (FOUCAULT 1992, pp. 69-70)

Na sequência, Foucault reconhece o fato de que a função-autor pode estar ligada ao sistema jurídico e institucional, momento em que se aproxima de Barthes (autor apresentado no próximo tópico). Contudo, a diferença reside no fato do reconhecimento da função-autor como constituinte do discurso, ainda que cindida da ideia quase mítica de sujeito fundador. O autor foucaultiano, nesse sentido, não é um produtor de discursos, algo próximo à noção de propriedade; o autor pode "dar lugar a vários 'eus' em simultâneo, a várias posições-sujeito que classes diferentes de indivíduos podem ocupar." (FOUCAULT 1992, pp.56-57). Mais ainda,

> "Não é preciso, pois, conceber o sujeito do enunciado como idêntico ao autor da formulação, nem substancialmente, nem funcionalmente. [...] É um **lugar determinado e vazio** que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes; mas esse lugar, em vez de ser definido de uma vez por todas e de se manter uniforme ao longo de um texto, de um livro ou de uma obra, varia – ou melhor, é variável o bastante para poder continuar, idêntico a si mesmo, através de várias frases, bem como para se modificar a cada uma." (FOUCAULT 2016, pp. 115-116, destaque meu)

Assim, no âmbito das reflexões foucaultianas, a função-autor, nesta dissertação, estaria mais bem aplicada na consideração do conjunto de 41 textos sobre felicidade analisados, dos quais 34 estão aqui disponibilizados, no sentido de que, nas condições de produção das redações em estudo, as posições-sujeito ocupadas podem ser compreendidas como uma posição-sujeito, considerando "o lugar determinado e vazio" que sustenta as reflexões apresentadas. Nesse sentido, as reflexões sobre o autor propostas por Foucault estarão nos fundamentos teóricos desta pesquisa, não em seu aparato metodológico. Por outro lado, o discurso como acontecimento,

[8] Esse fato será discutido abaixo.

> "É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância." (FOUCAULT 2016, p. 31)

no jogo de sua instância – "(...) que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte?" (FOUCAULT 2016, p. 34) –, permite pensar que entre a regularidade (FOUCAULT 2009, p. 53) e a ruptura, entre o que é, ou não, repetível, está um dos possíveis indícios de autoria do escrevente.

A autoria em Barthes – distanciamento da compreensão foucaultiana de autor[9]

Contemporâneo de Foucault, Barthes defendeu posicionamento distinto em relação à figura do autor[10]. Em seu artigo "A morte do autor", Barthes declara o fim daquilo que ele entende como uma personagem – para ele, o autor é uma personagem moderna, inventada devido à soma de questões institucionais, jurídicas e pelo fato de a pessoa do autor tornar-se um suporte de leitura.

> "O autor é uma personagem moderna, produzida sem dúvida pela nossa sociedade, na medida em que, ao terminar a idade Média, com o empirismo inglês, o racionalismo francês e a fé pessoal da Reforma, ela descobriu o prestígio pessoal do indivíduo, ou como se diz mais nobremente, da 'pessoa humana'." (BARTHES 2004, p. 1)

Em Barthes, a ideia do autor é profundamente questionada, pois a visão de Barthes recai na ideia da linguagem como o lugar da inauguração do que é dito, ou seja, lugar da enunciação cuja instância, de seu ponto de vista, não pode ser delimitada pela pessoa do autor. Barthes parte do fato de que os escritores modernos, franceses (Brecht, Balzac, Proust), sobretudo, entendem a necessidade de afastar, ou mesmo aniquilar, a imagem do autor.

> "O Autor, quando se acredita nele, é sempre concebido como o passado do seu próprio livro: o livro e o autor colocam-se a si próprios numa mesma linha, distribuída como um antes e um depois: supõe-se que o Autor alimenta o livro, quer dizer que existe antes dele, pensa, sofre, vive com

---

[9] Sobre a questão da morte do autor, relevante considerar, ainda, que "Se a morte do autor é mesmo um mito, seu nascimento também o é, na medida em que a figura autoral foi idealizada a ponto de parecer como se sempre tivesse existido e da forma como é vista hoje. Barthes e Foucault vão justamente procurar desmistificar essa entidade, situando-a histórica e arqueologicamente e apontando os problemas que resultam de sua imposição." (GUINHAGEN *and* MARTINS 2016, p. 152)

[10] Julgo pertinente inserir um breve relato do pensamento de Barthes, pois, não raro, a compreensão da noção de autor em Foucault é aproximada da ideia da morte do autor.

> ele; tem com ele a mesma relação de antecedência que um pai mantém com o seu filho. Exatamente ao contrário, o scriptor moderno nasce ao mesmo tempo que o seu texto; não está de modo algum provido de um ser que precederia ou excederia a sua escrita, não é de modo algum o sujeito de que o seu livro seria o predicado; não existe outro tempo para além do da enunciação, e todo o texto é escrito eternamente *aqui* e *agora*." (BARTHES 2004, p. 3, destaques do autor)

Barthes concebe a enunciação para além do sujeito; em Foucault, há uma crítica à noção fundadora do sujeito, mas há a permanência do sujeito, e do autor, como ser de linguagem e função do discurso. Para Barthes, é a linguagem a marca inaugural da enunciação, sendo o autor algo como um instrumento que viabiliza a enunciação. Toda a atenção de sua análise recai na linguagem, mais especificamente, na enunciação.

1.3.3 A autoria em Maingueneau

Maingueneau defende a relevância da reflexão acerca da autoria em análise do discurso devido ao fato de que o autor (considerada a complexidade de sua existência) pode ser pensado do ponto de vista de uma fronteira entre o que poderia ser considerado como "interior" e "exterior" de um texto, no sentido de que essa região seria uma condição *sine qua non* da reflexão sobre autoria:

> "A análise do discurso, de fato, só tem razão de ser se ela subverte qualquer apreensão imediata de um 'interior' e de um 'exterior' do texto, uma subversão que é a condição de qualquer reflexão sobre a noção de autor. Excedendo qualquer exterioridade simples do texto e do contexto, ela não é redutível nem ao enunciador do texto, nem ao escritor, seja ele apreendido como ator do campo literário ou como indivíduo dotado de um estado civil: ela opera em sua fronteira." (MAINGUENEAU 2016, p. 103)

O valor dessa condição é alto, porque

> "O autor parece menos uma instância estabilizada, cujas propriedades podem ser descritas, do que uma fronteira, um lugar profundamente incerto no qual vêm entrecruzar-se – segundo modalidades que variam em cada tipo de discurso concernido – a pessoa, o ator na instituição e o enunciador, sem que possa ser reduzido a uma dessas três figuras, nem ser sua síntese." (MAINGUENEAU 2016, p. 116)

Essa tríade (pessoa/ator na instituição/enunciador) foi para Maingueneau, em seus estudos sobre a autoria, o caminho que tornou possível pensar uma autoralidade (MAINGUENEAU 2010, p. 27), considerando que existem três dimensões que compõem a noção autor: I. "a da instância de estatuto historicamente variável que responde por um texto" (MAINGUENEAU 2010, p. 30), o que ele nomeia como "autor-responsável"

(MAINGUENEAU 2010, p. 30); II. a segunda seria a do "'autor-ator', que, organizando sua existência em torno da atividade de produção de textos, deve gerir uma trajetória, uma carreira." (MAINGUENEAU 2010, p. 30); e a terceira dimensão é aquela que pensa o autor "enquanto correlato de uma obra" (MAINGUENEAU 2010, p. 30), dimensão à qual dá-se o nome de "*auctor*" (MAINGUENEAU 2010, p. 30), que se aproxima da teoria foucaultiana acerca do autor como um dos princípios de delimitação do discurso. A essas dimensões, somam-se, ainda, os estágios que garantem a emergência de uma figura de autor, considerando quatro etapas que abrangem desde o que o autor nomeia de "autoralidade dispersa" (MAINGUENEAU 2010, p. 31), etapa na qual um "produtor se situa como responsável (...) por diversos textos provenientes de atividades verbais rotineiras" (MAINGUENEAU 2010, p. 31) – etapa em que seria possível pensar os escreventes e a atividade escrita escolar –, até o estágio em que um produtor alcança o estatuto de "autor *maior* quando seu prestígio é tamanho que se publicam textos dele que não estavam destinados a ser publicados" (MAINGUENEAU 2010, p. 31).

Nesse sentido, um olhar para a produção textual de escreventes em idade escolar, na perspectiva da autoria, poderia ser pensada como correspondendo à de um escrevente que se situa no estágio I, aquele da "autoralidade dispersa", uma vez que, no caso dos escreventes considerados nesta dissertação, a escrita de textos institucionalizados (pensando nos gêneros do discurso presentes no currículo escolar) é uma atividade rotineira. Assim, ainda que os textos que compõem o *corpus* desta pesquisa tenham sido produzidos para um concurso de redação, eles permanecem próprios a uma atividade escolar, já que a figura do professor permanece como elemento coercitivo, a escrita continua no âmbito do que é institucionalizado e os próprios gêneros de escrita sugeridos aos alunos eram aqueles trabalhados na grade curricular.

1.3.4 A autoria em Possenti

Sírio Possenti, no artigo "Indícios de autoria" (2002), constrói um paralelo entre as marcas de autoria e o modo *como* (POSSENTI 2002, p. 106, destaque do autor) um determinado discurso é construído. Em suas palavras, quando, em 2016, remonta ao trabalho de 2002, "Minha tese, expressa em Possenti (2002), é que textos escolares podem revelar indícios de autoria. Mas isso não significa que alunos sejam autores (...)." (POSSENTI 2016, p. 233). Nesse contexto, o autor defende três teses, após suas observações sobre correção de textos vestibulares: a) uma certa singularidade nos textos que poderiam ser vistos fugindo

um pouco ao esquema típico de redações de vestibular; b) considerando o fato de que não pode haver obra de um vestibulando, o entendimento da impossibilidade de vincular autoria, nessa perspectiva, a redações de vestibulares (por extensão, a redações escolares); e c) a terceira, como uma espécie de conclusão das outras duas, seria o fato de que, não havendo autoria por falta de critérios que a sustentassem, seria possível pensar, apenas, em indícios, "que teriam a ver mais com estilo do que com tomada de posição." (POSSENTI 2016, p. 223). Tendo isso em mente, o autor explicita que as marcas de autoria mais relevantes são aquelas da ordem do discurso:

> "As verdadeiras marcas de autoria são da ordem do discurso, não do texto ou da gramática (...) Trata-se de fazer com que entidades e ações que aparecem num texto tenham exatamente historicidade – seja o barco, seja o menino, seja o ancoradouro, sejam suas lembranças, seja o medo de morrer de barriga cheia. Trata-se de eventos e de coisas que têm sentido." (POSSENTI 2002, p. 112)

Na sequência, Possenti apresenta uma pequena lista do que considera indícios de autoria, a qual é possível tomar de empréstimo, nesta pesquisa, uma vez que as análises realizadas fizeram emergir indícios cuja natureza pode ser aproximada ao que Possenti aponta, a saber: I. "dar voz aos outros e incorporar aos textos discursos correntes", fato que será apontado na emergência da voz coletiva e do tom proverbial nos textos analisados, além das muitas ocorrências de discurso citado; II. "Locutores/enunciadores constituem-se como autores em boa medida por marcarem sua posição em relação ao que dizem e em relação a seus interlocutores", fato presente nas ocorrências de metaenunciação e nas avaliações feitas acerca do discurso dos outros, em contato com as teorias de Authier-Revuz; e III. "evitar a mesmice" no sentido não da variação pela variação, resultante muitas vezes do próprio imaginário acerca da escrita institucionalizada como algo próximo a *escrever difícil ou escrever bonito* (destaque meu), mas a variação considerada "interessante quando obedece a tomadas de posição ou se faz sentido de alguma outra forma." (POSSENTI 2016, pp. 224-228).

Desse modo, Possenti aproxima os indícios de autoria a "manobras regradas do sujeito" (POSSENTI 2009, p. 99) – que "são históricos e *atuam*" (POSSENTI 2009, p. 83, destaque do autor) – as quais podem ser localizadas em um determinado discurso, de modo que o *como* seja o caminho pelo qual seja possível localizar os indícios de autoria em um dado enunciado. Tomando por base esse ponto de vista, Possenti entende que

> "(...) o discurso se constitui pelo trabalho *com* e *sobre* os recursos de expressão, que produzem determinados efeitos de sentido em correlação com posições e condições de produção específicas. (...) os interlocutores

> podem não ter acesso consciente às manobras que executam e aos efeitos que assim (se) produzem." (POSSENTI 2009. P. 16, destaques do autor).

Assim, é importante destacar que, ainda que reconheça as manobras do sujeito, em nenhum momento há a consideração de uma consciência desse ato, cuja existência se dá na opacidade da linguagem, no lugar dos *esquecimentos*[11]. Nesse sentido, tomando de empréstimo uma imagem de Barthes, que sugere o jogar como o que deve ser feito, com a língua, na literatura, Possenti defende que há um espaço para o eu o qual, se não inventou o jogo – que está já-lá, antes dele –, ainda assim, pode jogar. Considerando a fase da heterogeneidade na Análise do Discurso de linha francesa, na qual a presença do outro é essencial, Possenti defende que, havendo o predomínio do outro, mesmo assim, é possível o não apagamento o eu[12] (POSSENTI 2009, p. 53).

> "Nos casos mais usualmente analisados de heterogeneidade, o que se ressalta são estratégias do eu: ele tem o topete de apresentar-se como se fosse um eu, mas um analista descobre que junto com ele ou no lugar dele está o outro. (...) parece-me que a estratégia do eu é apresentar-se como se fosse um outro, mas, sutilmente, imiscuir-se no discurso conhecido, no discurso do outro, e alterando-o e deixando a marca de sua presença." (POSSENTI 2009, p. 54)

Essa compreensão de autoria por meio dos indícios das manobras do sujeito pode aplicar-se à análise de textos escolares, na medida em que o escrevente pode ser considerado um "estrategista": em "Bases teóricas para o ensino da escrita" (2013), Corrêa aponta que há dois modos de o sujeito se representar como sujeito na escrita, a saber

> "a) como centro decisório que faz escolhas, crendo na transparência dos sentidos; b) como estrategista que, crendo em alguma transparência dos sentidos, busca esquivar-se da imponderabilidade das respostas que seu dizer pode suscitar, procurando, nunca com total sucesso, balizar a zona de opacidade constituída pelo destinatário imaginado e pelas vozes representadas (e às quais replica) do já-dito." (CORRÊA 2013, pp. 487-488)

Ainda sobre o que entende por estrategista, Corrêa finaliza a questão apontando as condições que proporcionam o aparecimento de um estrategista: "Desse modo, não

---

[11] Refiro-me, aqui, aos dois esquecimentos propostos por Pêcheux e Fuchs (1997, p.177): esquecimento número 1, que trata da ilusão de ser a origem do que diz; esquecimento número 2, que trata da ilusão de controlar o que fala, marcada pelos momentos em que o sujeito se debruça sobre o que diz para explicar, detalhar, aprofundar.

[12] Ainda sobre essa questão, Possenti continua: "Não quereria de forma alguma – pelos dados que conheço, pelas crenças que tenho, pelas teorias que adoto, embora criticamente – pensar na hipótese de restaurar o *cogito*. Mas parece-me inaceitável que, para sustentar uma propriedade do discurso e do sujeito, se tenha que fazer de conta que as outras não podem ser postuladas. A própria ideia de heterogeneidade se constitui pela afirmação do outro num lugar que antes não lhe era previsto. Ora, é má lógica pensar que, então, torna-se obrigatório deixar ao outro todo o lugar e todos os papéis. Voltaríamos à simplificação de antes, apenas invertida." (POSSENTI 2009, p. 57)

controlar integralmente o sentido é inscrever o processo de escrita, ao mesmo tempo, na história do já-dito e na luta por um dado sentido. Eis, portanto, naquilo que o constrange, as condições de aparecimento do estrategista." (CORRÊA 2013, p. 488)

Ou seja, é possível observar manobras que ele executa – inconscientemente – no sentido de comentar um enunciado, o qual tenha a necessidade de explicar, ou ainda na instanciação das vozes várias com as quais estabelece relação dialógica por meio de seu discurso. Nesse sentido, entendo as estratégias, as manobras do escrevente, como indícios de autoria, cujo lugar fica estabelecido entre a continuidade e a descontinuidade, entre a regularidade e a ruptura, conforme as análises dispostas nos capítulos seguintes. Por meio dessas análises, é possível perceber que gêneros do discurso diferentes são searas de rupturas diferentes; por esse motivo, na sequência, exponho como entendo os gêneros do discurso nesta dissertação.

1.4 Os gêneros do discurso

Em "Estética da criação Verbal", Bakhtin (2011) discute a questão dos gêneros do discurso partindo do fato de que eles são naturais para nós, seres humanos, que só podemos falar do lugar de um gênero que apresenta as condições de existência de um determinado enunciado. Nesse sentido, pensar os gêneros do discurso é pensar a estrutura textual e discursiva que permite constituir sentido em sua relação com o mundo.

> "Nós aprendemos a moldar nosso discurso em formas de gênero, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção [estrutura] composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início, temos a sensação do conjunto do discurso (...). Se os gêneros do discurso não existissem, e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez no processo do discurso, a comunicação discursiva seria impossível." (BAKHTIN 2011, p. 283)

Para Bakhtin, a natureza dos gêneros do discurso – também nomeados por ele como enunciados – é totalmente dialógica e relativamente estável, o que contribui para que um gênero estabeleça relação responsiva com um outro gênero, pois "O enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado." (BAKHTIN 2016, p. 59). Nesse sentido, é necessário considerar o fato de que o enunciado concreto não possui fechamento, pelo menos no que concerne à construção do sentido, estabelecido pelas réplicas que um determinado enunciado suscita,

no sentido do dialogismo estabelecido com o já-dito, com os interlocutores envolvidos (reais ou imaginados), com outros gêneros discursivos. Considerando o enunciado genérico – aquele que representa um determinado gênero do discurso –, é preciso, ainda, observar que um gênero possuirá "vestígios" de outros gêneros discursivos, "ruínas de gêneros discursivos" – "partes mais ou menos informes de gêneros discursivos, que, quando presentes em outro gênero, ganham o estatuto de fontes históricas – retrospectivas ou prospectivas – da constituição de uma fala ou de uma escrita." (CORRÊA 2006, p. 209)[13]. Isso se dá, porque

> "Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos." (BAKHTIN 2016, p. 20)

Maingueneau apresenta seu estudo dos gêneros discursivos com a intenção de categorizar os tipos e os gêneros de modo a buscar alguma classificação que materialize a heterogeneidade. Ele concebe, assim como Bakhtin, a natureza dialógica dos gêneros e defende a sua relativa estabilidade.

> "A categoria do *gênero do discurso* é definida a partir de critérios situacionais; ela designa, na verdade, dispositivos de comunicação socio-historicamente definidos e que são concebidos habitualmente com a ajuda das metáforas do 'contrato', do 'ritual' ou do 'jogo'. Falamos, assim, de 'gêneros do discurso' para referir-nos a um jornal diário, a um programa de televisão, a uma dissertação etc. Por sua própria natureza, os gêneros evoluem sem cessar par a par com a sociedade. Uma modificação significativa de seu modo de existência material basta para transformá-los profundamente." (MAINGUENEAU 2006, p. 234)

De posse dessa definição, Maingueneau propõe vários parâmetros para os gêneros: a) ter uma finalidade; b) estabelecer estatutos para os parceiros; c) emergir em circunstâncias adequadas; d) ter um modo de inscrição na temporalidade; e) ter um suporte adequado; f) estar em um plano textual; e g) representar um certo uso da língua (MAINGUENEAU 2006 pp. 235-237). Como pano de fundo dos parâmetros estabelecidos

[13] Ainda sobre o aspecto histórico dos gêneros do discurso: "Aproximando-se das ideias de Bakhtin (1992), proponho que, ao lado da relação entre *esfera da atividade humana* na sociedade e *gênero* [destaques do autor] como realidade de língua em discurso, acrescente-se o caráter histórico do gênero do discurso, o que permite pensar a íntima relação entre sociedade, história e língua/linguagem. Para marcar o seu caráter histórico, não limitado à construção composicional do gênero nem a uma concepção de sociedade restrita ao seu aspecto organizacional, prefiro a denominação "gênero do discurso" a "gênero textual". (CORRÊA 2013, p. 485)

para os gêneros, há a instância de enunciação[14] que prevê "lugares, visando a enfatizar a preeminência e a preexistência da topografia social sobre os falantes que aí vêm se inscrever." (MAINGUENEAU 1997, p. 32). A instância de enunciação é uma questão relevante nesta pesquisa, pois, nos textos analisados, é possível observar as posições enunciativas que os escreventes assumem em uma dada redação.

Além disso, Maingueneau estabelece o estudo dos gêneros a partir de três cenas – cena englobante, cena genérica, cenografia. A cena englobante seria o correspondente ao que se costuma entender por "tipo de discurso" (MAINGUENEAU 2006, p. 251); a cena genérica seria o gênero do discurso propriamente dito. Nas palavras do autor

> "A cena englobante não é suficiente para especificar as atividades verbais, pois não se tem contato com um literário, um político ou filosófico não especificado; a obra é na verdade enunciada através de um gênero do discurso determinado que participa, num nível superior, da cena englobante literária. Pode-se falar nesse caso de *cena genérica* [destaque do autor]." (MAINGUENEAU 2006, p. 251);

A cenografia, por sua vez, é a parte, a meu ver, mais interessante da proposta do autor, uma vez que a cenografia seria o registro do que é encenado na cena da enunciação. Assim, para o autor, é como se a cenografia compusesse o *modus operandi* de uma determinada cena genérica.

> "É nessa cenografia, que é tanto condição como produto da obra, que ao mesmo tempo está 'na obra' e a constitui, que são validados os estatutos do enunciador e do co-enunciador, mas também o espaço (*topografia*) e o tempo (*cronotopia*) a partir dos quais a enunciação se desenvolve." (MAINGUENEAU 2006, p. 252)

Vale notar a relação que se pode estabelecer entre o que Maingueneau apresenta como cenografia e aquilo de que fala Bakhtin, na figura do cronotopo (BAKHTIN 1998). Não se trata de dizer que sejam a mesma coisa, não o são: de um lado, o cronotopo bakhtiniano estabelece algo deveras maior que a cenografia, pois dá conta de todo o sócio-histórico referente a uma obra, ou a um conjunto de obras que representem um período artístico ou um grande gênero literário. De outro lado, a proposta de cenografia de Maingueneau estabelece um recorte do todo, com que pretende atestar os lugares e tempos de um determinado texto, considerando a cena genérica, ou o diálogo entre cenas genéricas, que se estabelecem nele. Também, por meio dessa proposta, Maingueneau parte do fato de

---

[14] Sobre a questão da instância de enunciação, Maingueneau afirma que "Esta instância de subjetividade enunciativa possui duas faces: por um lado, ela constitui o sujeito em sujeito de seu discurso, por outro, ela o assujeita. Se ela submete o enunciador a suas regras, ela igualmente o legitima, atribuindo-lhe a autoridade vinculada institucionalmente a este lugar." (MAINGUENEAU 1997, p. 33)

que o que importa é a cena de enunciação[15] – aqui, o autor propõe essa classificação como alternativa à ideia de contexto, termo que, para ele, não dá o suporte necessário à discursividade de um dado enunciado.

De todo modo, nesta dissertação, é na abordagem conjunta dessas noções, buscando a relação dialógica que há entre os gêneros, sua historicidade e sua quase estabilidade, que será proposta a análise pretendida, de modo a relacionar as diversas cenografias que surgem de uma mesma proposta de produção textual. Para tanto, tomo a enunciação escrita considerando que

> "A inventividade na produção de determinado gênero é, nesse sentido, a capacidade de, ao levar em conta a presença do diálogo no gênero, distanciar-se das práticas de reprodução de modelos fixos, ainda comuns em sala de aula. Distanciando-se da reprodução, o escrevente retoma o processo da emergência dos gêneros, em que as contribuições das relações intergenéricas contam para a dinâmica de mudança e para o surgimento de novos gêneros do discurso." (CORRÊA 2013, p. 487)

Enfim, busco, no âmbito do quadro teórico aqui estabelecido, quais indícios testemunham, nesse conjunto de fatores, as manobras do escrevente, e de que modo esses indícios podem ser compreendidos como um modo de evidenciar indícios de autoria em redações escolares.

1.5 Apresentação do *corpus*

O *corpus* que será utilizado para o desenvolvimento desta dissertação é composto por: a) 8 redações produzidas por alunos de 9º. ano do EFII (Ensino Fundamental II); b) 13 redações produzidas por alunos da 1ª. série do EM (Ensino Médio); c) 13 redações produzidas por alunos da 2ª. série do EM; d) 7 redações produzidas por alunos da 3ª. série do EM, totalizando 41 textos. Estes são resultado de um concurso de redação proposto aos alunos de uma escola de alto padrão do Município de São Paulo, realizado no ano de 2014, sobre o tema "A busca da felicidade", cuja proposta será detalhada no subitem 2.3. Ao longo desta dissertação, 34 textos estão integralmente transcritos – devido tanto à autorização dos escreventes, quanto da Comissão de Pesquisa desta universidade – e, nessas transcrições, não há nenhuma interferência quanto a desvios de norma padrão e digitação; ou seja, os

[15] A definição de cena da enunciação fornecida pelo autor é "(…) quando se fala de *cena de enunciação*, considera-se esse processo do 'interior', mediante a situação que a fala pretende definir, o quadro que ela mostra (no sentido pragmático) no próprio movimento em que se desenrola. Um texto é na verdade o rastro de um discurso em que a fala é *encenada*." (MAINGUENEAU 2006, p. 250)

textos estão reproduzidos do mesmo modo como foram entregues pelos alunos. Sete textos possuíam análises muito parecidas – quando não iguais – a outros textos já disponibilizados e, por esse motivo, não foram incluídos nesta dissertação. Abaixo de cada texto, entre parênteses e alinhada à direita, está a indicação da série do escrevente e se houve, ou não, indicação de gênero e qual o gênero escolhido pelo aluno.

Aspectos quantitativos dos textos[16]

Quantidade	Série	Artigo de Opinião	Dissertação	Crônica	Conto
8	9º. ano do EFII	2	1	4	1
13	1ª. série do EM	4	0	5	4
13	2ª. série do EM	0	6	6	1
9	3ª. série do EM	0	0	4	3
41	**4 séries**	**6**	**7**	**19**	**9**

Tabela 1 – quantidade de textos por série e por gêneros

A pergunta motivadora deste trabalho é se, de fato, é possível pensar em autoria no caso de redações escolares. Esta pergunta teve motivação inicial no meu trabalho como professora de redação, na angústia de tentar explicar aos meus alunos o que o critério "autoria" significava enquanto conceito disposto na grade de correção que utilizava para avaliar as produções[17] dos escreventes. Ao iniciar esta pesquisa, parti da premissa de que, talvez, fosse possível identificar, na escrita, indícios de disfluência[18] – próprios da fala – que

[16] Esta tabela registra a compreensão dos gêneros após as análises dos textos feitas por mim; o gênero indicado pelo escrevente, o qual nem sempre se confirma pela análise, está disposto ao fim de cada texto, como forma de apontar o trabalho do escrevente.

[17] Importante destacar que, apesar de o critério autoria constar na grade de correção que utilizava para as minhas correções, avaliar a autoria é critério relevante em todos os exames vestibulares, inclusive Enem.

[18] Scarpa (1995) apresenta a ideia de que os conceitos de fluência/disfluência, apesar de lados opostos da mesma moeda, não podem ser vistos, ou analisados, em separado, muito menos sob a ótica de que a fluência é a ausência de disfluência, conceito que condena por operar na inverdade de que a disfluência é um erro, um equívoco de fala.
Apesar de não ser o seu principal objetivo, a autora também aproxima o conceito de disfluência à noção de deriva fomentada por Pêcheux (1990), uma vez que a disfluência sinaliza um movimento do sujeito sobre a língua, ainda que reconheça não haver, por parte de Pêcheux, raciocínio semelhante, uma vez que o autor não considerou aspectos fonético-fonológicos em seus estudos. (SCARPA 2012, p. 28)

fossem, eles mesmos, evidências de traços de autoria em redações escolares. Essa premissa não se comprovou, o que me motivou a buscar novos mecanismos metodológicos que pudessem permitir a investigação a que me propunha.

Nesse sentido, tomando por base teorias da análise do discurso francesa e a teoria da enunciação bakhtiniana, pretendo apontar, considerando a heterogeneidade da escrita (CORRÊA 2004), aquilo que está mostrado, aquilo que é constitutivo e aquilo que poderia ser marcado como algo próximo a uma ideia de subjetividade. Ou seja, considerando que há o mostrado (atribuído ao outro) e há o constitutivo (o não percebido como sendo outro), há, ainda, e sempre, a possibilidade de ruptura na continuidade (o que dá e reduz o papel ao/do sujeito, ao mesmo tempo). Assim, é nessa contradição – que se desdobra em outras contradições a partir das quais estabeleci categorias de trabalho – que talvez seja possível localizar indícios de autoria nos textos que serão analisados. Considerando a noção de acontecimento discursivo (CHARAUDEAU *and* MAINGUENEAU 2006, pp. 29-31), o qual engendra em si mesmo a repetição e a novidade, é possível imaginar que, ainda que o outro esteja no discurso, o sujeito se move, pois "(...) a presença do outro não é suficiente para apagar a do eu, é apenas suficiente para mostrar que o eu não está só." (POSSENTI 2009, p. 50).

Para isso, assumo, como primeiro critério metodológico, a contradição como lugar de observação dos textos e a centralidade do "eu" detectada nos textos, fato que denomino o império do "eu". A corporificação (tanto individual quanto social) e as temporalidades tomam prioritariamente a forma da universalidade – no que diz respeito ao significado de buscar a felicidade – que é, paradoxalmente, particularizada por um modo de estar no mundo pautado pelo acreditar, ou seja, o acreditar assume caráter de verdade. Assim, é justamente por estar ancorada na crença que as supostas verdades enunciadas dialogam com certa ingenuidade: no império do "eu", é a verdade, a modo próprio, segundo as circunstâncias pertinentes ao "eu", que importa. O lugar do outro fica, assim, marcado pela centralidade do "eu", quase que em um retorno a uma ideia de estado de natureza, que desconsidera o social. A autoria estaria, assim, na ruptura dessa imagem, na descontinuidade do império do "eu"; ou seja, a autoria poderia ser vista nos textos em que o social – uma certa consciência do outro, talvez – imanasse como estratégia[19], como elemento de

[19] A ideia de estratégia aqui mencionada remonta à noção de "sujeitos ativos" de Possenti, na concepção de que, ainda que não sejam livres, os sujeitos atuam nos próprios discursos: "Para o que aqui importa, significa que não acredito em sujeitos livres nem em sujeitos assujeitados. Sujeitos livres decidiriam a seu bel-prazer o que dizer em uma situação de interação. Sujeitos assujeitados seriam apenas pontos pelos quais passariam discursos prévios. Acredito em sujeitos ativos, e que sua ação se dá no interior de semissistemas em processo. Nada é estanque, nem totalmente estruturado." (POSSENTI 2009, p. 73)

subjetivação do escrevente. Para tanto, considerarei três categorias de análise, as quais serão exemplificadas mais adiante (subitem 2.2), identificadas a partir da análise dos textos:

I. o individual, o humano e o social;
II. a voz coletiva e o tom proverbial;
III. as relações espaço-temporais.

A primeira delas, a mais presente nos textos analisados, traça, como indício de autoria, os momentos em que o social emana na cadeia textual, na contramão dos textos em que fala, sobretudo, uma contraposição entre o que seja um indivíduo – em seu sentido mais particularizado – e de que modo esse "eu" salta para uma ideia de *ser humano*, rompendo a particularização e alcançando o patamar máximo de generalização, de absoluto. A segunda categoria mostra a força como o outro se manifesta nos textos analisados, por meio da voz coletiva e dos provérbios, ou seja, a relação de responsividade que se estabelece entre esses discursos, tentando observar em que momento essa réplica poderia se mostrar como um indício de autoria do escrevente. Por fim, a terceira categoria, pautada na contradição entre a aproximação e o distanciamento de relações espaço-temporais, mostra como, principalmente nos textos de tipologia narrativa, diferentes tempos e espaços conduzem a relações de ruptura e de continuidade, o que aponta diferentes atravessamentos do sujeito em relação ao já dito (ou, considerando a AD francesa, o lugar em que *pré-construídos* de pontos distantes do *interdiscurso* evidenciam o encontro de diferentes *formações discursivas*).

O segundo critério metodológico utilizado é abordagem qualitativa, a partir dos textos, para a determinação dos fatos a serem observados, configurando, portanto, um estudo interpretativo-analítico dos elementos que, emanando na cadeia textual, testemunham as contradições por meio das quais a ruptura e a continuidade se estabelecem. Desse modo, pretendo mostrar indícios de uma singularidade (POSSENTI 2016, pp. 225-229), ou, poder-se-ia ainda pensar, de uma individuação histórica do escrevente no momento mesmo de sua escrita (CORRÊA 2004, p. 16), considerando esse momento da escrita como um comentário que "deve, conforme um paradoxo que ele desloca sempre, mas ao qual não escapa nunca, dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito." (FOUCAULT 2009, p. 25), ou seja, "a (re-)produção" que não sendo apenas "repetição", traz aquilo que é "repetível" (CORRÊA 2004, p. 22).

1.6 A proposta de redação solicitada no concurso

Os participantes do concurso tinham que seguir algumas instruções bastante claras: I. o tema foi apresentado aos alunos e a eles foi dado o prazo de um mês para a produção textual, para a qual era liberada, inclusive incentivada, a pesquisa de referências e de informações; II. o texto deveria ser digitado, conforme instruções de formatação específicas, e postado no Moodle[20]; III. os textos deveriam ter, no máximo, uma lauda; IV. cada série representava uma categoria específica, havendo premiações (vale-presentes da Livraria Cultura) para os 3 primeiros colocados em cada uma delas; V. cada aluno deveria escolher o gênero discursivo de produção de seu texto, a saber crônica, conto ou texto argumentativo (dissertação escolar ou artigo de opinião); VI. seriam desconsideradas as produções que fossem desviantes quanto ao tema ou ao gênero – este último, tornou-se critério bastante questionável durante o processo de correção, e por isso foi abandonado[21].

De fato, o último critério foi proposto por mim, *a priori*, como elemento de eliminação de textos, uma vez que se tratava de um concurso. Contudo, ao propor o item VI, não considerei: a) o aspecto da heterogeneidade constitutiva "da presença fundadora, em todo discurso, de uma exterioridade discursiva que o 'constitui'." (AUTHIER-REVUZ 2008, p. 107); b) os eixos de circulação do escrevente pelo imaginário da escrita (CORRÊA 2004 pp. 10-11), eixos estes que manifestam a circulação dialógica do escrevente pelo processo da própria escrita. Importante, aqui, apontar as especificidades dos eixos de circulação:

> "O primeiro deles é o modo de constituição da escrita em sua suposta gênese. Refere-se aos momentos em que, ao apropriar-se da escrita, o escrevente tende a tomá-la como representação termo a termo da oralidade, situação em que tende a igualar esses dois modos de realização da linguagem verbal.
> (...) um segundo eixo privilegiado é o que caracteriza a apropriação da escrita em seu estatuto de código institucionalizado. (...) Com ela [a palavra 'código'][22], pretendo significar o processo de fixação metalinguística da escrita pelas várias instituições, sujeito, portanto, aos movimentos da história e da sociedade. (...)
> O terceiro e último eixo é o da relação que o texto do escrevente mantém com o já falado e com o já ouvido, bem como com o já escrito e com o já lido, ao qual chamarei, doravante, eixo da dialogia com o já falado/escrito." (CORRÊA 2004, pp. 10-11)

[20] Plataforma de ensino à distância utilizada em várias escolas, inclusive nesta de onde se extraiu o *corpus*. Essa plataforma permite operacionalizar o ensino à distância, ou, como no caso da situação aqui analisada, permite uma complementação da rotina escolar, por meio de tarefas, compartilhamento de materiais de apoio, entre outras tantas possibilidades.
[21] Cabia ao escrevente identificar o gênero de seu texto, tarefa pouco producente, devido ao fato de a natureza dos gêneros ser a de serem relativamente estáveis (BAKHTIN 2016), cedendo, portanto, lugar à heterogeneidade (CÁLIS 2015).
[22] Inserção minha.

O terceiro destes eixos é o que mais representa, no caso das instruções dadas aos escreventes candidatos do concurso, o equívoco do item VI – acima listado –, uma vez que a constante dialogia com o já falado/escrito abre espaço para que haja, também em relação à forma dos textos, ou seja, aos gêneros do discurso solicitados aos escreventes, uma dialogia que, ainda que não impeça a classificação genérica dos textos produzidos, evidencia o fato de que entre eles também há uma responsividade que se manifesta nos textos, uma vez que

> "(...) essa produção provém de uma enunciação dividida. Esta, por sua vez, dá testemunho não de uma inadequação a um modelo, mas de uma formulação linguística – em parte, não-consciente – que registra vários saberes, mais (ou menos) modelares, ligados às práticas sociais que esse evento particular de linguagem mobiliza no leitor/escrevente. Eventual ponto de convergência de saberes, o texto é memória desses (des-)encontros. Em outras palavras, essa produção marca uma resposta a modos de *individuação* a que o sujeito está exposto em sua experiência com a linguagem." (CORRÊA 2004, p. 14, destaque do autor)

Justamente por isso é necessário esclarecer que os gêneros do discurso (BAKHTIN 2016) serão considerados, no presente trabalho, apenas no que concerne à sua variação do ponto de vista de um sujeito do discurso que, ao escrever um determinado gênero, manifesta em seu texto ruínas (CORRÊA 2006, p. 209) de um outro gênero a que tenha tido acesso ao longo de sua formação – assumindo "o caráter responsivo ativo dos enunciados" e tomando-os "como réplicas a outros dizeres" (CORRÊA 2006, p. 208) – além da possível antecipação de gêneros que ainda não domina, mas com os quais estabelece uma relação dialógica. Entre os gêneros do discurso há um diálogo (BAKHTIN 2011), uma heterogeneidade e uma instabilidade (CÁLIS 2015), que não podem ser descartados no momento em que se faz uma pesquisa sobre a autoria em redações escolares.

Outro fator de análise relevante é tentar mostrar que entre os professores e os alunos há um aproximar de formações discursivas distintas, cujo encontro promove um choque de realidades profundo, tanto para quem leciona, quanto para o discente. Nas mais das vezes, caberá ao professor a tarefa de mover-se na direção da formação discursiva do aluno, na intenção de atender às expectativas do interlocutor – presumido, suposto e pertencente a uma historicidade e a uma realidade social específicas. Há, então, em cada aula e em cada atividade pedagógica proposta pelo docente, um confronto discursivo (PÊCHEUX 1997, p. 20) que se estabelece entre: a) a representação do docente; b) a imagem do docente ajustada ao interlocutor que ele presume ter; c) a imagem do docente na visão de seu interlocutor com base no que este pressupõe daquele; d) a representação imaginada pelo

docente com relação a seu interlocutor; e) a imagem real do aluno em relação ao que é proposto etc.

De fato, a enumeração poderia seguir ao infinito na tentativa de vislumbrar todos os desdobramentos do confronto estabelecido. Corrêa (2004), em seu estudo sobre a flutuação do escrevente quando da sua circulação pelos três eixos do imaginário, discute, também, a importância das representações que o escrevente faz da própria escrita e da instituição para a qual redigirá seu texto. Do mesmo modo, no caso em estudo nesta dissertação, o fato de ser um concurso, de haver um desejo pela vitória e uma imagem da instituição que propunha o concurso – o que implica profundamente seu significado e aquilo que o escrevente imagina poder, ou melhor, ser adequado dizer –, ainda que permita maior flexibilidade que os textos comumente redigidos no ambiente escolar, todos eles associados a uma prova cuja nota tem como consequência passar, ou não, de ano, também apresenta limitações ao sujeito:

> "O diálogo que o escrevente procura estabelecer com a instituição acaba por colocá-lo numa posição indefinida, pois, ao investir-se do código por ela proposto – código a que teve acesso especialmente por meio da escola –, não deixa, no entanto, de enunciar em conformidade com lugares que ocupa em outras práticas sociais." (CORRÊA 2004, p. 19).

Alguns elementos sócio-históricos dão suporte à imagem desse confronto. A prática docente, no Brasil, não é uma carreira almejada pela maioria dos jovens ingressantes em universidades. Há vários motivos que podem ser causadores do desinteresse pela carreira: I) a constante descrença do profissional de educação, cuja valorização social está em decadência, devido a uma visão que associa educação com prestação de serviço, como exemplifica a figura 1, abaixo; II) a baixa remuneração salarial, exemplificada pela figura 2 – na próxima página; III) o desrespeito com que o próprio jovem trata, ou presencia ser tratado, o docente com quem convive diariamente, ato corriqueiro em todas as escolas do país, nas mais diversas camadas sociais; IV) por fim, devido aos fatores já mencionados, o frágil lugar de poder que, pelos discursos que circulam nas mais variadas esferas sociais, passa a ser associado àqueles que optam pela carreira docente.

Figura 1[23]: charge sobre o papel social do professor em duas temporalidades, na França.

Figura 2[24]: ranking das carreiras mais bem remuneradas em 2014.

Em relação aos valores acima listados, o piso salarial dos professores, sugerido pelo MEC (Ministério da Educação), para o ano de 2018, é R$ 2.455, 35[25], aproximadamente 55% inferior ao décimo colocado no ranking ilustrado pela figura. Esses fatores, em conjunto, são o pano de fundo sócio-histórico que torna pouco atrativa a docência. Em

[23] Disponível em http://noticias.ne10.uol.com.br/economia/noticia/2016/04/30/conheca-as-profissoes-com-melhores-e-piores-salarios-no-brasil-611723.php. Acesso em 27/11/2017.
[24] Disponível em http://policulti.blogspot.com.br/2011/10/e-educacao.html. Acesso em 27/11/2017.
[25] Disponível em https://educacao.uol.com.br/noticias/2017/12/28/mec-reajusta-piso-salarial-dos-professores-para-r-245535.htm. Acesso em 06/04/2018.

contrapartida, ingressar na universidade, sobretudo nas universidades públicas, em um curso voltado à licenciatura, é mais fácil, devido à menor concorrência por vagas nessas carreiras[26]. Nesse contexto, a educação passa a ser vista pela camada mais desprivilegiada da população como um meio de ascensão social. Desse modo, é possível observar que, se para a camada mais abonada da população, aquela que tem acesso às melhores escolas, a carreira docente é pouco atrativa, para a camada social, a qual busca melhoria econômica, a docência torna-se um meio.

Nesse sentido, outro ponto que merece ser considerado é o fato de que esses futuros profissionais, nas mais das vezes, não receberam uma formação escolar aprofundada no ensino básico público e acabam tendo de frequentar o ensino superior privado, o que, via de regra, os leva a ter experiências muitas vezes aquém das expectativas em termos de qualidade de ensino. Ao sair da universidade, após a graduação, o futuro professor tenderá a buscar uma posição de trabalho nas entendidas como melhores instituições de ensino de suas cidades, inclusive para ter acesso a propostas salariais mais condizentes com as expectativas profissionais (há que se considerar a verdade dos rendimentos insuficientes proporcionados pela rede pública de ensino e por boa parte das instituições de ensino privadas).

O professor, então, embora alimentado de toda a própria historicidade, vê-se na necessidade do despojar-se: ser professor de um grupo social ao qual não pertence, em uma luta diária no sentido de compreender esse novo mundo e ser capaz de atuar de forma a atender as necessidades dos discentes a quem se dirige. Como aproximar realidades tão díspares no tempo de uma aula? Como manter a posição enunciativa que lhe é própria, sendo conhecedor das expectativas discursivas referentes à situação de interlocução que se estabelece? Como ser *sendo* e *para ser* na aula e na elaboração de materiais pedagógicos? Estas perguntas, tão importantes no pensar docente, nem sempre são feitas; muito menos respondidas. Contudo, a relevância que estabelecem no sentido de pensar a relação entre o professor e sua prática de ensino, fazem com que, nesta dissertação, haja um momento para propor uma reflexão sobre elas.

Mais uma vez, então, em exercício máximo de despojamento, na posição de representante da situação ilustrada, busco fazer uma análise crítica da proposta de redação redigida por mim e entregue a meus alunos para que participassem de um concurso interno

---

[26] Essa afirmação pode ser ilustrada pela relação candidato/vaga divulgada pela Fuvest para o vestibular 2018 (disponível em http://www.fuvest.br/wp-content/uploads/relacao_candidato_vaga_2018.pdf. Acesso em 27/11/2017); outro exemplo é a relação candidato/vaga divulgada pela Comvest, também referente ao vestibular 2018 (disponível em http://www.comvest.unicamp.br/estatisticas-comvest/relacao-candidatovaga-vestibular-2018/. Acesso em 27/11/2017). Importante destacar que todas as carreiras tiveram aumento na concorrência para o ano de 2018, graças à ampliação das políticas de democratização do acesso à universidade pública.

de redação, realizado em 2014, no colégio onde lecionava à época. A análise que proponho nas próximas linhas pretende, assim, buscar a compreensão na escolha dos textos selecionados, considerando, para isso, a realidade sócio-histórica dos escreventes aos quais o material estava destinado. O mais interessante desse movimento, para mim, foi tentar enxergar os pontos de deriva do material que eu mesma redigi, direcionado a escreventes que eu supunha compreender/conhecer e para os quais o problema da felicidade me parecia produtivo, uma vez que, considerando a camada social a que pertencem, talvez outros problemas não fossem relevantes. Contudo, também o meu discurso é um enunciado e "Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação." (PÊCHEUX 1997, p. 53). No jogo da enunciação docente/discente, engendra-se a comunicação estabelecida e todos os seus desdobramentos.

Em caráter de formalização, os excertos dados aos escreventes como motivadores serão apresentados um a um, para que possa haver as reflexões cabíveis à seleção de cada um dos excertos que compunham a proposta de redação:

> **Texto 1**
> **A busca da felicidade**
> Pesquisas desvendam os mecanismos do prazer e da felicidade. Como esse novo conhecimento pode melhorar sua vida?
>
> Barbara Axt
>
> Felicidade é um truque. Um truque da natureza concebido ao longo de milhões de anos com uma só finalidade: enganar você. A lógica é a seguinte: quando fazemos algo que aumenta nossas chances de sobreviver ou de procriar, nos sentimos muito bem. Tão bem que vamos querer repetir a experiência muitas e muitas vezes. E essa nossa perseguição incessante de coisas que nos deixem felizes acaba aumentando as chances de transmitirmos nossos genes. "As leis que governam a felicidade não foram desenhadas para nosso bem-estar psicológico, mas para aumentar as chances de sobrevivência dos nossos genes a longo prazo", escreveu o escritor e psicólogo americano Robert Wright, num artigo para a revista americana Time.
> A busca da felicidade é o combustível que move a humanidade – é ela que nos força a estudar, trabalhar, ter fé, construir casas, realizar coisas, juntar dinheiro, gastar dinheiro, fazer amigos, brigar, casar, separar, ter filhos e depois protegê-los. Ela nos convence de que cada uma dessas conquistas é a coisa mais importante do mundo e nos dá disposição para lutar por elas. Mas tudo isso é ilusão. A cada vitória surge uma nova necessidade. Felicidade é uma cenoura pendurada numa vara de pescar amarrada no nosso corpo. Às vezes, com muito esforço, conseguimos dar uma mordidinha. Mas a cenoura continua lá adiante, apetitosa, nos empurrando para a frente. Felicidade é um truque.[27]

[27] Disponível em http://super.abril.com.br/cultura/busca-felicidade-464107.shtml. Acesso em 24/07/2014.

O texto acima, escolhido quando da elaboração do material, tinha por objetivo ser o estopim da reflexão acerca do tema. Por isso, esse texto, pertencente ao gênero divulgação científica, publicado na revista “Superinteressante”, foi selecionado de modo que simbolizasse uma abordagem científica para o problema da felicidade. Nesse sentido, meu pensamento enquanto professora – circulando eu mesma pelo imaginário acerca da docência – foi que esse texto poderia dar base aos raciocínios produzidos pelos alunos, considerando uma visão mais técnica do sentimento felicidade, evocando, portanto, uma memória discursiva, até certo ponto institucionalizada, sobre ciência e verdade. Para mim, era essencial propor aos escreventes um material que desse lugar a um pensamento crítico sobre o tema, que de fato motivasse a reflexão e fosse abrangente. Assim, o texto 1, por apresentar uma visão da felicidade como sendo o motor responsável pelo desenvolvimento da humanidade, serviu como entrada para o problema proposto, uma vez que dava à felicidade papel fundamental para o desenvolvimento e a permanência da civilização.

Uma vez vista como um “truque” da natureza para poder fazer a roda da humanidade girar, a felicidade poderia ser pensada sob o prisma de um motor que não permite o acomodar-se e, portanto, faz com que a humanidade seja capaz de mover-se. Analisando criticamente o texto selecionado, a primeira questão que merece destaque é a fonte da qual o texto foi extraído; a revista “Superinteressante” pertence ao campo discursivo e ideológico dos alunos para os quais o material estava sendo elaborado e, por isso, foi a fonte escolhida para evitar, por exemplo, que o conteúdo fosse questionado, caso a fonte pertencesse a um campo discursivo distante da realidade dos discentes. Uma das consequências do confronto discursivo é ter de estar atento a uma *polícia ideológica* que limita o que é lícito dizer/escrever.

Além disso, também é importante observar o gênero discursivo a que pertence o texto; de fato, por definição, o texto de divulgação científica é aquele cujo papel é transformar a ciência em algo palatável ao grande público. Isso torna possível perceber, também, uma necessidade em ser acessível, algo de que eu, no papel de professora, me ocupei, partindo de uma imagem de escrevente que necessita ser encaminhado no raciocínio a ser desenvolvido, talvez tendo como base uma visão de docência como algo que conduz, talvez esperando ser possível a concretização de uma produção textual em caráter de concurso de redação. De todo modo, há, na escolha desse texto como aquele que seria a porta de entrada para o conteúdo temático pensado, uma necessidade de direcionamento, de esclarecimento do que se pensava para a ideia de felicidade no ato de elaboração da proposta, uma necessidade de recorte.

No que concerne ao conteúdo temático, além de ele transmitir de modo reduzido as pesquisas feitas sobre felicidade e prazer, ele também tratava de enumerar as atividades humanas que conduzem à felicidade. No 2º. parágrafo, o trecho "A busca da felicidade é o combustível que move a humanidade – é ela que nos força a estudar, trabalhar, ter fé, construir casas, realizar coisas, juntar dinheiro, gastar dinheiro, fazer amigos, brigar, casar, separar, ter filhos e depois protegê-los." permite observar o que é visto como felicidade, e todos os valores mencionados são preocupações do universo sociocultural com o qual se pretendia a interlocução. Na seleção desse texto, não havia a preocupação com uma camada social para quem a felicidade poderia estar associada à garantia da comida sobre a mesa, ou mesmo do acordar, no dia seguinte, apesar de tudo. Há uma discursividade construída para dar conta de uma situação comunicativa bem específica: falar sobre felicidade para aqueles a quem o básico já existe, fato que permite pensar no mais. A própria ideia de conquista poderia ser apresentada sob um outro prisma a depender de qual o aluno que se imagina ser o interlocutor. Na elaboração do material, para quem se fala é o elemento definidor da perspectiva discursiva assumida: a felicidade como motor é a felicidade como conquista, uma visão só permitida a quem é conquistador – no Brasil, como herança biológica ou social, o descendente do colonizador.

Texto 2
DA FELICIDADE

Mario Quintana

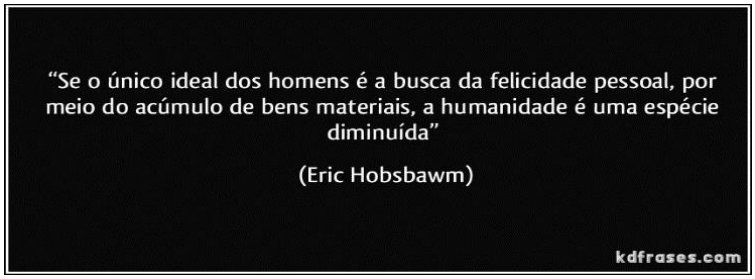
Quantas vezes a gente, em busca da ventura,
Procede tal e qual o avozinho infeliz:
Em vão, por toda parte, os óculos procura
Tendo-os na ponta do nariz!

Este texto foi selecionado para a proposta de redação, pois o objetivo era dar aos estudantes uma variada abordagem do problema proposto. Após a apresentação de um texto de natureza argumentativa, que abordava a felicidade como força motriz da humanidade, ofertou-se aos alunos um texto de natureza poética que romantiza a ideia de felicidade, não mais uma força motriz que move o desenvolvimento, mas algo de natureza simples e acessível, difícil de ser notada justamente por sua simplicidade. É como se, ao redigir a coletânea, houvesse a preocupação em aproximar diferentes discursividades (formações discursivas?) considerando o universo discursivo da felicidade.

Quando se pensa em uma abordagem ampla do tema, a minha primeira preocupação era garantir que o material proposto apresentasse múltiplas linguagens, no sentido mesmo dos gêneros discursivos. Desde o advento do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), ainda em seu papel de regulador do sistema de ensino, junto ao surgimento dos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), tornou-se comum pensar a elaboração de materiais que dessem aos alunos uma amplitude de formas, sendo a avaliação, ela mesma, um mecanismo de aprendizagem. Muita mudança houve desde meados dos anos 90, quando essa discussão tomou forma, mas ainda há uma imagem da diversidade como obrigação para um bom material[28]. Esse foi, de fato, o motivo que me levou à busca por um poema que mostrasse a felicidade como tema de textos de diferentes gêneros.

Além disso, quanto ao conteúdo temático, o poema promove a discussão da felicidade como algo à mão, não associado, portanto, àquilo visto como conquista. Ao oferecer uma perspectiva diferente, o que se pretendia era uma ampliação da noção de felicidade, ancorada na voz coletiva de que a felicidade está "bem na frente do nariz", um dizer que possui caráter proverbial. É como se, por meio do poema, fosse feita uma tentativa de ensinar – novamente, na ancoragem da docência como condução – que a felicidade é mais que conquista. Ainda assim, uma observação que não anula o ter e que, na prática, conduz a uma argumentação, ou a uma narrativa, que se ancora no senso comum, na tentativa de sustentar que "só não é feliz quem não quer", outro dito popular que leva ao raso, e à nulidade, o legítimo das aflições e dores humanas.

Texto 3[29]



Ainda tendo em mente uma proposta que abrangesse uma diversidade genérica, optei por uma citação extraída de um website frequentemente utilizado pelos alunos, com a

[28] Importante ressaltar que os PCN's estão sendo "deixados de lado" em nome do que se convencionou chamar de BNCC (Base Nacional Comum Curricular), documento normativo que deve entrar em vigor, para o Ensino Fundamental, em 2018, e, para o Ensino Médio, em 2019. Apesar de mais limitada em termos de gêneros a serem trabalhados na escola, sobretudo no que concerne às transversalidades, a diversidade ainda é incentivada pelo documento atual, disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em 04/01/2018)

[29] Imagem extraída de website intitulado "kdfrases", sítio no qual estão disponibilizadas diversas citações, de diversos autores.

intenção, também, de dialogar com a realidade deles. No caso do autor escolhido para ser citado, o historiador Eric Hobsbawm, a escolha deveu-se ao fato de que esse historiador era facilmente reconhecido pelos alunos, por ser constantemente mencionado pelos professores de história.

Outra explicação para a escolha desse enunciado é o fato de que uma das pretensões era também discutir os aspectos socioeconômicos vinculados ao conceito de felicidade, como o consumismo e a individualidade. Assim, por meio dessa citação, a intenção era de evidenciar as diferenças sociais e fazer com que os escreventes refletissem sobre a ausência de humanidade que há no ganho pessoal: uma vez que o *ser* deixa de estar em primeiro plano, não há mais lugar para o humano nemapar quaisquer relações de alteridade que deem vez a uma corporificação social, pois o *ter* só pode ser individual. Contudo, essa preocupação só teve espaço na coletânea proposta, por estar seguida de uma voz de autoridade que fortalece, ratifica, coloca acima de qualquer suspeita a ideia proposta. De fato, poucos são os textos produzidos que olharam para o diminuído da humanidade, ou seja, para o fato de que perdeu o seu caráter, propriamente, humano, seu caráter de coletividade. No máximo, o olhar recaiu para um julgamento que colocou em oposição o ter e o ser, mas o social, as relações empáticas que se pretendeu levantar por meio dessa citação, essas pouco aparecem no *corpus*. De modo geral, ainda que por vezes seja possível ver um *mea culpa* em relação ao sistema, é no "eu" e não no "nós" que está a felicidade.[30]

Além disso, vale reforçar o fato de que a constante imagem de consumo associada à ideia de felicidade só se justifica devido à interlocução pretendida: colocar o consumo de tal modo em evidência (falam dele o texto 1, o texto 3 e o texto 4, analisado na sequência) é resultado do fato de que aluno para quem se elabora o material é um sujeito imerso na realidade do consumo. Muito provavelmente, esta proposta não alcançasse, em perspectiva plena, um grupo de escreventes para quem o consumo é a grande ilusão, alguém para quem a felicidade possa ser a capacidade de estar inserido no mundo do consumo – alguém que veja, na docência, a possibilidade de alcançar o sonho do consumo.

> **Texto 4**
> Vivenciar a felicidade parece ser um desejo comum a todos os seres humanos, em todas as épocas da história, sendo que cada um escolhe o meio de vida que interpreta como sendo o mais adequado para alcançá-la. O mundo pós-moderno é identificado em muitos aspectos por um crescente desapego nas relações interpessoais, individualismo exagerado, cultura do hedonismo e do consumismo e um desinteresse pelos fenômenos sociais,

[30] Todas as menções feitas neste capítulo a situações / conclusões de análises serão retomadas nos capítulos de análises e nas considerações finais.

> o que demarcam as subjetividades em uma realidade do consumo. Estas subjetividades, reeducadas pela velocidade das mudanças e a sobrecarga de informações do mundo pós-moderno, apresentam uma instabilidade dos desejos e uma insegurança que influem em uma busca, em um consumo constante, como forma de sustentação que lhe oferte felicidade.
> A felicidade neste contexto torna-se um dever, onde diversos objetos são tomados como possibilidade para alcançá-la, perpetuando um ideal ilusório de completude numa felicidade mascarada, ou seja, ilusória, forjada em uma ideia de pronta e infinita, ressignificando valores como o amor, fé e amizade.[31]

Este último texto foi selecionado com a intenção de ser aquele que amarraria as ideias mencionadas anteriormente. Sendo, assim como o primeiro texto, de natureza argumentativa, ele foi o caminho pelo qual se pretendeu dar aos alunos a imagem de todo em relação aos textos: a felicidade, como motor da humanidade, deixa de ser vista como simplicidade e passa a ter sua realização aproximada da noção de dependência entre a posse material e a sensação de completude.

Durante a correção dos textos, a equipe de professores de redação envolvida pôde perceber que, para os escreventes, a visão material da felicidade, ponto ao qual os textos motivadores deram maior destaque, não era necessariamente aquilo sobre felicidade que despertava o interesse. De fato, para os textos de natureza argumentativa, a proposta acabou sendo um direcionador, com argumentação via de regra voltada ao aspecto socioeconômico da felicidade; contudo, nos textos de natureza narrativa, sobretudo nos contos, houve um deslocamento interessante: abordar a felicidade – ou a falta dela – como enredo de uma narrativa implicava, aos escreventes, mais que uma relação posse/realização pessoal. Tratava-se, sobretudo, de olhar as relações humanas, algo não previsto pela equipe de professores, mas que foi para onde olharam os escreventes – ainda que nem sempre conseguissem fugir da fórmula *o ser humano*, elemento *sine qua non* da produção dos textos.

Com essa seleção de textos, o objetivo final era dar aos estudantes uma amostragem ampla do problema proposto, a qual permitisse a eles cumprir as seguintes exigências e respeitar o recorte temático indicado:

> Com base nos excertos acima e em seu repertório pessoal, redija um texto sobre o seguinte recorte temático:
>
> **A busca pela felicidade**

[31] Disponível em http://psicologado.com/abordagens/psicanalise/a-busca-da-felicidade-e-o-bem-estar-no-mundo-pos-moderno#ixzz38P11T6Wz. Acesso em 24/07/2014.

> **Instruções:**
> 1. Escolha o gênero de sua produção: crônica, conto ou texto argumentativo.
> 2. Seu texto deve ter, no mínimo, 20 linhas escritas; no máximo, uma página digitada.
> 3. Escreva respeitando as regras da norma padrão da língua portuguesa, sabendo adequá-las ao gênero produzido e às situações de comunicação.
> 4. Seu texto deve ser feito no Word para que seja possível postar o arquivo na aba TAREFA, do moodle.
> 5. O nome de seu arquivo deve ser o título de seu texto.
> 6. Faça seu texto atentando ao seguinte padrão de formatação:
> - fonte: arial 12.
> - margens: 1,5
> - espaçamento entre linhas: 1,5
> - texto justificado.
> - título no topo da página, centralizado e em negrito.
> - nome, número, série, unidade e gênero textual dispostos ao final, alinhados à direita.
> - dica: primeiro redija seu texto, depois aplique as regras de formatação. Caso tenha dúvidas, consulte o professor de informática de sua unidade.
>
> **Bom trabalho!**

As instruções, por serem relacionadas a um concurso, foram propositalmente oferecidas rigidamente aos alunos, na intenção de estabelecer critérios formais que permitissem uma correção justa dos textos enviados. Na prática, as instruções assim apresentadas demonstraram ser eficientes, ainda que em alguns casos os candidatos tenham descumprido algum item. Os alunos puderam escrever no computador – algo incomum no ensino de escrita tradicionalmente feito nas escolas – e tiveram tempo para amadurecer a proposta feita.[32]

De fato, os escreventes souberam usar a própria ferramenta Word como meio de burlar as regras, quando notaram não conseguir que o texto coubesse em uma lauda: entregar o texto com letra menor; diminuir as margens; não escolher o gênero da produção (provavelmente, para evitar uma classificação equivocada, esperando que a não classificação evitasse o zero, mesmo que houvesse algum desconto de nota); usar outra fonte; diminuir o espaçamento sugerido. Apesar de terem ocorrido pequenas manobras, como comprova a

[32] Apesar de considerar que um suporte diferente altera, em alguma medida, a imagem de escrita pela qual circula o imaginário dos escreventes, ainda assim, o diferente mídium – no caso, a plataforma *moodle* – não é capaz de mudar o "empoderamento" (GALLI *and* KOMESU 2016, p. 170) do sujeito no que concerne às informações a que tem acesso e ao próprio ato de escrever – a uma ideia de autoria. "De uma perspectiva discursiva, *a* [destaque das autoras] informação, bem maior nas relações sociais da contemporaneidade, não é, pois, localizável fora do modo de constituição dos sujeitos, e nem mesmo o sujeito tem controle sobre produção e disseminação de informação (dos sentidos)." (GALLI *and* KOMESU 2016, pp. 176-177, destaque das autoras).

tabela abaixo, a maioria dos escreventes cumpriu religiosamente o que havia sido solicitado[33]:

Desvios quanto às instruções

Desvios	**9º. ano (8 textos)**	**1ª. série (13 textos)**	**2ª. série (13 textos)**	**3ª. série (13 textos)**	**Total**
Sem desvio	6	8	8	3	**25**
Alteração da margem	0	1	0	2	**3**
Diminuição da fonte	0	0	0	2	**2**
Espaçamento entre linhas	2	2	3	2	**9**
Número de páginas	0	2	2	0	**4**
Sem indicação de gênero	1	2	2	0	**5**

Tabela 2 – desvio quanto às instruções dadas aos escreventes

1.7 Das análises

Para que a transcrição dos trechos analisados respeite o sigilo da identidade dos escreventes[34], aqui os excertos serão nomeados E1 (Escrevente 1), E2, E3 etc., cada uma dessas nomeações referentes a um texto. Também haverá a indicação dos trechos em análise por meio da referência ao parágrafo no qual ocorre a manifestação – cada uma das manifestações indicadas será destacada por meio de negritos, sublinhados, itálicos, preenchimento em cinza, sendo, a cada caso, explicado o devido destaque no corpo da análise. Para cada trecho apresentado, será proposta uma análise a partir da qual busco ampliar a compreensão da noção de autoria, de tal modo que atente para o trabalho do escrevente no seu processo de escrita.

Em seguida, os aspectos pertinentes, neste estudo, às constitutivas relações morfológico-sintáticas, textuais, semânticas e discursivas, serão observados, não de forma

[33] Não considerei, aqui, por ser irrelevante, textos com formatação errada devido a desconhecimento ou a falta de cuidado na apresentação. Nas transcrições, a formatação dos textos estará unificada.
[34] O anexo 2 traz o documento da Comissão de Pesquisa desta instituição que autoriza a utilização dos textos para esta investigação.

separada, como se um aspecto não estivesse vinculado ao outro, mas como um conjunto de elementos cujas relações formais são marcadas pela inserção sócio-histórica do sujeito e do sentido. A consideração desses aspectos como marcas da constituição do sujeito é importante, pois, assim considerados, podem contribuir para que o próprio escrevente se reconheça neles, favorecendo o trabalho do escrevente na produção do seu texto. Esses aspectos são fundamentais para a análise, uma vez que manifestam as situações de deriva (PÊCHEUX 1997) presentes em um determinado enunciado – neste caso, escrito. São os indícios dos momentos em que há *tensão entre a opacidade e a transparência da língua* (CORRÊA 2013, p. 496); essa tensão testemunha a deriva e a dispersão do sujeito da escrita. Compreender esses indícios como parte do processo de escrita é uma forma de lançar luz em uma proposta de ensino da língua materna que considere a heterogeneidade constitutiva da escrita (CORRÊA 2004, dentre outros) como o lugar – é o que procuro mostrar – por meio do qual é possível indiciar a autoria de um texto.

As análises que serão introduzidas na sequência referem-se a uma única categorização que os próprios textos permitiram construir, a saber: a) textos com predomínio da relação primordial entre indivíduo/sociedade/humanidade, incluindo a remissão preferencial à voz coletiva em alguns textos; relação que ocorre segundo diferentes combinações e ênfases (mas, mais frequentemente, com a identificação entre indivíduo e ser humano, e não, por exemplo, entre indivíduo e ser social). Além dessa categorização, os textos analisados marcaram também uma segunda grande categorização: b) a relação entre tempo e espaço (ruptura, recomeço e ciclo de vida).

Para ilustrar a forma de análise a ser seguida, exemplifico com apenas dois textos, ambos atinentes à relação entre indivíduo/sociedade/humanidade, mas com diferentes perspectivas. Embora me restrinja ao que mais forte fala nesses dois textos, a voz coletiva também os perpassa, mesmo não sendo destacada na análise abaixo. Não trato, neste ponto, dos casos de (b), relação entre tempo e espaço, pois me detenho apenas na ilustração da forma de análise a ser utilizada.

Análise 1

E16: Interno e externo

A felicidade. Procuramos por todos os lugares, fazemos nossa vida em função dela. Se não formos recompensados com a alegria, certamente diremos que não valeu a pena. Mas por que? Será a felicidade a razão de nossa existência? Há tantas descrições e meios de alcançá-la, e ainda sim nem sempre conseguimos. Não existe, entretanto, algo visível ou tangível que chamamos de contentamento, mas diversas são as ações que nos levam à sensação de prazer. Porém, estaria a felicidade nos limitando em nossas ações, banindo de vez conhecimentos desagradáveis que poderíamos um dia descobrir e tirar proveito?

O bem-estar acaba por nos fixar em uma **zona de conforto** da qual não pensamos em sair. Muito do conhecimento que nos resta desenredar poderia ser decifrado por pesquisas **entediantes e sacais** exercidas continuamente por vários anos, que são integralmente recusadas pela maioria. **Ninguém** quer perder a vida fazendo algo **que não gosta**. Tendo uma visão interna à humanidade, a felicidade significa o bem mais precioso. Porém, uma visão externa certamente trará características desvantajosas vinculadas à essa sensação.

Vejamos detalhadamente. Sem a busca pela satisfação, não teríamos cargos públicos utilizados para proveito pessoal, trabalharíamos com maior seriedade diariamente e nosso conhecimento alcançaria fronteiras impressionantes em questão de anos. As guerras por interesses, seja qual forem, não teriam motivo para acontecer sem a felicidade em jogo. Indubitavelmente, grande porcentagem de desvantagens presentes em nossa sociedade seria extinta de nossas vidas. Nós iriamos nascer, viver e cooperar com a sociedade para sua evolução.

Mas não. Tendo uma visão interna, tal como **todos que conheço ou irei conhecer**, **não desistirei** da felicidade facilmente. Uma vida sem alegria só nos trará resultados positivos política, trabalhista e cientificamente. A alegria faz parte de nós e é ela que nos une, tornando nossa relação social prazerosa. A vida é mais do que trabalhar e alcançar resultados. Sendo limitada em tempo, ela nos permite aproveitar a jornada enquanto buscamos resultados à nossa maneira.

Deste modo, **deixo** a fatores **externos à humanidade** o direito de julgá-la, visto que, enquanto conseguir alcançá-la, não poderei desmerecê-la.

(Série do escrevente: 1ª. série do EM; gênero escolhido: texto argumentativo)

O título “Interno e externo”, deste texto, algo próximo a um artigo de opinião, aponta para uma divisão proposta pelo escrevente sobre o que é interno à humanidade – ou seja, não ao sujeito, mas a uma espécie de corpo social – e o que é externo a ela.

Entre o externo e o interno dessa corporalidade que é aqui esculpida como correspondente à humanidade, a felicidade seria o que nos faz egoístas, próprio do interno,

enquanto que o externo seriam os fatores que auxiliariam a evolução do que pode ser entendido neste texto como uma visão de sociedade; contudo, por mais nobres que sejam esses valores, o que importa mesmo é o interno, o "eu", sendo a coletividade aqui tratada como modo de generalizar o particular, pois há a anulação do social ou, pelo menos, a sua subordinação ao dado interno e universal. Em diálogo com o texto 3 da proposta de redação, a citação de Hobsbawm, este texto, exemplo de contradição, ao mesmo tempo que reconhece o diminuído da humanidade consequente de seu egoísmo, assume como melhor para o indivíduo (a humanidade, portanto, considerando um estado de natureza do homem) a felicidade em detrimento do que seria melhor para o coletivo. Em negrito, estão destacadas no texto expressões – substantivos, adjetivos e pronomes - que, ainda que façam referência a uma imagem de coletivo, podem ser reconhecidas como indícios do *império do eu*, pois são marcas em que o falar de si é preponderante.

Outro elemento que merece destaque neste texto é a presença constante do que a retórica nomeia plural inclusivo, conforme os trechos sublinhados. Ao universalizar, por meio da 1ª. pessoa do plural, com verbos e pronomes pessoais, o que parece ser particular, o senso de totalidade fica mais evidente, instanciando um lugar enunciativo que vê o homem como retrato micro de um macro pré-concebido e definitivo. Nos dois últimos parágrafos, o escrevente utiliza, também, verbos na 1ª. pessoa do singular, o que permite enxergar a voz do escrevente e seu posicionamento, para além do que é produzido como verdade absoluta, na voz coletiva da 1ª. pessoa do plural.

O operador discursivo de mudança de perspectiva "Mas não", presente na 1ª. linha do 4º. parágrafo, construído por meio da junção da conjunção adversativa "mas" e do advérbio de negação "não", enfatiza os dois lados da moeda propostos pelo texto: o que está sendo negado é algo como um bem-estar coletivo, no sentido do desenvolvimento social, o que é nomeado como externo; o que está sendo confirmado é o império dos desejos do *eu*, império este que é transferido para a coletividade – esta no sentido de absoluto –, fato percebido pela passagem "(...) visão interna, tal como todos que conheço ou irei conhecer, (...)", por meio da conjunção comparativa "tal como". No fim desse mesmo parágrafo, na frase "(...) enquanto buscamos resultados à nossa maneira (...)", fica fortalecida a posição que pleiteia o império do eu: buscar resultados à própria maneira é instalar-se como centro dos acontecimentos, como uma ilha banhada pelo resto; no caso, a coletividade que age da mesma forma e reflete esse posicionamento. No jogo do interno/externo proposto no texto, é explícito o posicionamento de que o bem-estar social não importa, sendo a ditadura do eu e dos desejos individuais o que deve ser considerado.

Também merece atenção, no último parágrafo, a presença de pronomes pessoais oblíquos “la” que são ambíguos: é possível perceber, pelo conteúdo temático do texto, que esses pronomes se referem à felicidade; contudo, pela proximidade sintática, cria-se a possibilidade de associá-los à palavra “humanidade”. Essa ambiguidade encontra lugar, também, no conteúdo temático: defender o império do *eu* em detrimento do bem-estar social de modo tão explícito pode ser algo que promova o julgamento da humanidade.

Um esquema pode representar os dois universos que permeiam este texto, emblemático enquanto representante da passagem do “eu” para a humanidade, em desconsideração do social:

O interno (lugar da felicidade)	**O externo (lugar da tristeza)**
↓	↓
Eu / Nós (como plural inclusivo)	Nós
↓	↓
Indivíduos identificados a si mesmos	Indivíduos identificados com o ser humano em geral (a humanidade)

Quadro 1: Entre o externo e o interno

Análise 2

E3: O poder da felicidade

De acordo com o dicionário Houaiss, felicidade é satisfação, contentamento. Contudo, na realidade esse sentimento possui uma maior proporção no dia a dia das pessoas, já que se torna um objetivo de vida. Por isso, acredito que a busca pela felicidade é constante, mas adquiri-la absolutamente é impossível, uma vez que nossas preferências mudam e, com isso, nossos ideais de felicidade também.

Desse modo, percebo que desde a *pré-história* esse sentimento existe, ele normalmente está ligado ao sucesso. Sendo assim, por exemplo, no *período Paleolítico* a obtenção da felicidade estava ligada a uma caça bem sucedida. Já na época das *Grandes Navegações*, esse sentimento podia vir com os territórios conquistados pelos países europeus. Portanto, penso que a felicidade está, normalmente, associada ao **poder**.

Com isso, como o que gera **poder** está sempre em devir, a felicidade não é estável. Em vista disso, atualmente, o **poder** está associado a dinheiro, por isso, a população vive frustrada com crises, desemprego e

> assaltos, já que seu objetivo de vida é a felicidade e **felicidade é o poder** e, nesse caso, o **poder é dinheiro**.
>
> Para retratar essa realidade, *o filme "À procura da felicidade" mostra a vida de um americano de classe baixa que tenta sobreviver em uma sociedade capitalista.* A história retrata a importância do dinheiro na felicidade, uma vez que a falta dele gerou problemas familiares, constrangimentos, desconfortos, ou seja, tristeza.
>
> Visto isso, o filme idealiza um sonho capitalista que é a ascensão social, assim cria a ilusão de que a felicidade está integralmente ligada ao **poder aquisitivo**. Contudo, *como disse Eric Hobsbawn, os bens materiais não podem ser o único meio de conseguir felicidade,* uma vez que ela é um sentimento e, portanto também está conectada ao estado de espírito.
>
> Essa troca de valores relacionada à essência da felicidade está sendo promovida pelo avanço do capitalismo, já que em propagandas publicitárias, como a da *rede de supermercados Pão de Açúcar, que possui o slogan "o que faz você feliz?*[35]*", associa a felicidade com a compra de produtos da empresa.*
>
> Portanto, atualmente, a busca incessante pela felicidade vem sendo mais difícil e caótica, causando doenças como a depressão. Para conseguir cessar esses problemas, acredito *como disse Machado de Assis no conto "O espelho" que é necessário um equilíbrio entre a alma exterior e a alma interior.* Ou seja, para que a busca pela felicidade seja saudável é preciso saber separar e medir o seu estado de espírito e o prazer pelos materiais.
>
> (Série do escrevente: 9º. ano do EFII; gênero escolhido: texto argumentativo)

Apesar de o título "O poder da felicidade" dar a impressão de que a felicidade será retratada como algo que promove um benefício, o texto, na verdade, faz uma análise entre a relação que se estabelece entre a imagem de felicidade e a sensação de poder – substantivo (identificado no corpo do texto em negrito) em vários momentos retomado no texto, utilizado como marca de satisfação (só tem felicidade quem tem poder) e, mais que isso, vinculado a uma imagem que associa poder a dinheiro, ou seja, a conquistas financeiras e a poder aquisitivo. O uso de "poder" nesse contexto estabelece a posição enunciativa: um escrevente que faz críticas ao sistema ao qual ele pertence. Ao contrapor este texto, "O poder da felicidade", ao primeiro exemplo, "Interno e Externo", é possível talvez supor que a presença de uma crítica, ainda que sutil, ao sistema, possa representar uma ruptura no todo dos discursos que talvez seja um indício de autoria.

No 1º. parágrafo, o jogo que se estabelece entre as pessoas do discurso (1ª. do singular, 3ª. do plural e 1ª. do plural) denuncia a dificuldade de assumir uma posição, em 1ª.

[35] Esta referência aparece repetidamente nos textos, muito provavelmente por ser uma campanha de marketing iniciada no ano de realização do concurso – campanha que permanece até os dias de hoje como marca da rede de supermercados Pão de Açúcar.

pessoa do singular. Essa dificuldade ficará reforçada a partir do 2º. parágrafo, momento a partir do qual, como modo de tentar buscar objetividade, outras vozes (em itálico, no texto) serão instanciadas, por meio do discurso citado[36], como elementos comprovadores do que está sendo tratado.

A frase final, "Ou seja, para que a busca pela felicidade seja saudável é preciso saber separar e medir o seu estado de espírito e o prazer pelos materiais.", é emblemática, pois, na tentativa de estabelecer um diálogo com uma outra imagem de felicidade, aquela que trata da felicidade como um sentimento – este escrevente coloca em diálogo dois excertos da coletânea, a saber, o texto 2, de Mário Quintana, e o texto 3, de Hobsbawm –, é sugerido algo como um equilíbrio. Contudo, este mesmo equilíbrio não fica estabelecido pelo encadeamento textual, que, desde o título, apresenta como preponderante uma imagem de poder como o caminho para alcançar a felicidade – ainda que, às vezes, seja insinuada uma crítica a esse sistema.

Desse modo, é perceptível haver uma relação entre este texto e o texto E16, "Interno e externo", no qual o que fica em destaque é o império do *eu*. No texto em estudo, os desejos não ficam tão evidenciados, apesar de ser possível associar os desejos à imagem de poder que o texto suscita; se o poder realiza, ter poder é um desejo humano. Ao trazer o conto "O espelho"[37] – conto que havia sido lido nas aulas de língua portuguesa, entre outros contos machadianos – e tratar das almas interna e externa, há uma forma que materializa o diálogo entre os textos, ainda que, neste, o interno seja associado a uma satisfação fruto do estado de espírito, e não do poder aquisitivo. Ainda assim, a imagem de equilíbrio, ao final, é a derradeira comprovação de que o poder é relevante, o que justifica o título dado ao texto.

---

[36] Authier-Revuz (1982) defende que há a heterogeneidade mostrada – aquela na qual o outro é identificável na tessitura textual –, e a heterogeneidade constitutiva – aquela que compreende o heterogêneo da língua como um todo, ou seja, o fato de a heterogeneidade ser um princípio constitutivo da língua.

[37] Este conto de Machado de Assis tem como subtítulo "Esboço de uma nova teoria da alma humana". Para provar a existência das duas almas, a interior e a exterior, a personagem Jacobina narra aos presentes um episódio da própria vida, no qual, devido ao orgulho extremado por ser alferes – e todas as regalias que a posição lhe permitia – deixou-se enganar pelos escravos do sítio da tia que usaram seu orgulho para fugirem. A passagem que melhor narra o orgulho de Jacobina é "- O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado." (Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000240.pdf. Acesso em 05/01/2018)
Após a fuga dos escravos, ao ver-se sozinho, o pânico toma conta da personagem que, na ausência dos elogios e das regalias recebidas por ser alferes, entra em crise. Esta só é resolvida após enxergar-se, no espelho, de forma plena ao estar com a farda de alferes. No esboço da alma humana, Machado explora que o interior é moldado pelo exterior; não havendo o exterior, resta o medo e o desespero. O escrevente, neste caso, faz uma leitura de equilíbrio entre as almas, afirmação que não consta da narrativa machadiana.

No caso do texto E3, o esquema representativo seria diferente, buscando uma associação entre o que é externo e o que é interno como meio de alcançar, de fato, a felicidade:

EQUILÍBRIO = FELICIDADE

O externo	**O interno**
↓	↓
Nós	Eu / Nós (como plural inclusivo)
↓	↓
Indivíduos identificados com determinações sociais (Indivíduo-Sociedade)	Indivíduos internamente marcados pelo social, mas dotados de poder para equilibrarem essas determinações por meio de qualidades identificadas ao ser humano em geral (Indivíduo-Humanidade)

Quadro 2: Equilíbrio como lugar da felicidade

Nos demais capítulos, apresentarei as análises dos textos que competem a cada uma das duas grandes categorizações mencionadas acima. Vale notar que, apesar da disposição, metodologicamente adotada, os textos não são, naturalmente, engessados em apenas uma categorização, uma vez que as manifestações que serão detalhadas são percebidas nos textos, em conjunção. Posto isso, julgo pertinente apontar o fato de que os textos serão analisados, por uma questão puramente organizacional do presente trabalho, nas categorias que eles melhor representam – já que as categorias aqui apontadas emanaram dos textos. Isso não implica, contudo, ausência de elementos da outra grande categorização. No capítulo 2, trato da primeira categorização: textos com predomínio da relação primordial entre indivíduo/sociedade/humanidade, incluindo remissão à voz coletiva em alguns textos; e, no capítulo 3, a relação entre tempo e espaço (fratura, recomeço e ciclo de vida). Finalmente, no capítulo 4, faço as considerações finais.

Capítulo 2: O individual, o humano e o social

No capítulo de referencial teórico, apresento algumas perspectivas com relação às premissas deste trabalho, detalhando a compreensão de sujeito e de discurso que assumo, bem como minha posição sobre autoria, de modo a embasar as análises que serão apresentadas. Nesse sentido, julgo pertinente retomar que considero discurso como o que fica, da história e do social, registrado na língua, sendo o sujeito como sócio-historicamente estabelecido. Por esse motivo, busco vislumbrar indícios de autoria instanciados entre as rupturas e a regularidade discursiva dos textos em análise.

2.1 Entre o enunciador desejado e a posição assumida: constatando contradições

Principal fio discursivo que alinhava o que há, ou não, de repetitivo nos discursos analisados nesta dissertação, a passagem do individual para o humano, na qual o social fica desconsiderado, pode ser pensada sob a perspectiva de uma regularização, que atravessa os textos sobre felicidade analisados neste trabalho; tomando essa regularização por base, é possível observar que os textos que não assumem essa posição podem ser compreendidos como exemplos de ruptura, uma vez que, ainda que olhem para o social, esse olhar está contaminado por uma instituição do "eu" que limita percepções de outros espaços sociais e a representação-valoração do espaço social do outro. Assim, a felicidade é vista sob o prisma do consumo – ainda que criticado –, e sob um modo de estar no mundo que dialoga com, por exemplo, o que Bauman identifica por liquidez das relações humanas. O conceito de liquidez está associado ao entendido como ética pós-moderna, pois, segundo o autor:

> "A nossa era é a era de individualismo não adulterado e de busca de boa vida, limitada só pela exigência de tolerância (quando casada com individualismo autocelebrativo e livre de escrúpulos, a tolerância só se pode expressar como indiferença)." (BAUMAN 1997, p. 7)

Para defender suas ideias, Bauman remonta aos ideais da Revolução Francesa e do Iluminismo como um projeto de modernidade que não se concretizou; nele, "o lema *Liberté, Égalité, Fraternité* era a sucinta declaração de uma filosofia" (BAUMAN 2011, p. 120) em que "a busca da felicidade é um direito humano (...) e, para alcançar a felicidade, os homens precisavam ser livres, iguais, e realmente fraternos, uma vez que, na irmandade, a mútua simpatia (...)" (BAUMAN 2011, p. 120). A pós-modernidade, por sua vez, é apresentada como sendo o inverso, uma vez que "todas as variedades de sociedade líquida

moderna estão cada vez mais reconciliadas com a permanência da desigualdade econômica e social." (BAUMAN 2011, p. 125). Nesse sentido, o império do "eu" surge como o fio discursivo dos textos, posto que o reconhecimento do outro é apenas isso: seu reconhecimento, sem que haja alguma preocupação ética para a garantia da igualdade. Com isso, o outro é considerado a partir do eu, em um exercício que ora nega o social, ao recorrer à generalização como extensão do eu, ora enxerga o social, sem, contudo, deixar de espelhar nesse social as próprias verdades estereotipadas, já que a ideia de ética social passa a estar vinculada a um "mundo de consumidores" (BAUMAN 2011).

Na realidade brasileira, a historicidade de nossa formação social, ancorada no colonialismo e na exploração, quando acrescida do liberalismo econômico e do consumo, projeta um universo de contradições as quais surgem entre os enunciados do material analisado. A relação base de nossa constituição social, a do conquistador em relação ao conquistado (FREYRE 2006, p. 114), instancia também a felicidade como um mote para a conquista, por meio da qual, no entanto, se perpetuam as relações de poder que fundamentam a perenidade da casa grande em relação à senzala.

> "Considerada de modo geral, a formação brasileira tem sido, na verdade, (...), um processo de equilíbrio de antagonismos. Antagonismos de economia e de cultura. A cultura europeia e a indígena. A europeia e a africana. A africana e a indígena. A economia agrária e pastoril. A agrária e a mineira. O católico e o herege. O jesuíta e o fazendeiro. O bandeirante e o senhor de engenho. O paulista e o emboaba. O pernambucano e o mascate. O grande proprietário e o pária. O bacharel e o analfabeto. Mas predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo." (FREYRE 2006, p. 116).[38]

No antagonismo do senhor e do escravo, a busca da felicidade residirá, em boa parte dos textos de natureza argumentativa, na dicotomia entre o que se tem e o que se é. Isso se dará com base na voz coletiva que atravessa os textos toda vez em que a imagem de simples permeia a felicidade, em diálogo com o dizer proverbial[39] "pobre é quem sabe ser feliz", em uma visão romantizada do pouco, só possível a quem se pensa como tendo muito, em um universo de extrema pobreza; isso ocorrerá, também, nos textos em que a dicotomia direito / dever ficar instaurada, uma vez que, percebendo-se como alguém que tem muito, ser feliz para a ser um dever.

Desse modo, a nossa formação social ambienta a regularização, as relações espaço-temporais que se constituem como pano de fundo para os discursos aqui analisados,

---

[38] Considero que a dicotomia de Freyre frente à polarização entre a casa-grande e a senzala é pertinente, pois ela se espraia para todo o tecido social.

[39] A voz coletiva e o tom proverbial serão melhor detalhados no subitem 2.3.

bem como acontecimentos de nossa história recente. Nesse sentido, posto que o concurso de redação aconteceu no ano de 2014, torna-se relevante considerar os fatos cronologicamente ocorridos a partir das manifestações de junho de 2013, no Brasil. As nomeadas "Jornadas de Junho" tiveram início na cidade de São Paulo, lideradas pelo MPL (Movimento Passe Livre), quando do aumento da passagem de ônibus em 20 centavos. Contudo, um ambiente de descontentamento, fruto das crises econômica, política e institucional que já se alicerçavam naquele momento, fomentou uma ampliação da pauta, motivada pelas redes sociais – as quais propiciaram um canal de posicionamento – e que rendeu as *hashtags* "Não é por 20 centavos" e "O gigante acordou", entre outras máximas. Esse desdobramento da pauta, sobretudo após a violência policial de 13 de junho, a qual comoveu a população, aproximou uma multidão polifônica[40] e desencontrada – afinal, em relação a que "o gigante acordou"? e quem seria o gigante? –, de modo que, na reivindicação de tudo, nada, de fato, era reivindicado. Com isso, foi possível que forças midiáticas e partidárias usassem o movimento como arma de combate ao primeiro mandato de Dilma Rousseff, fazendo dos milhões que ocuparam a Paulista a prova cabal do descontentamento, em um contexto em que não era conhecido o que estava sendo o verdadeiro motivador. A isso, somam-se o movimento *Black Block* – cujo *modus operandi* gerou críticas da grande imprensa as quais enfraqueceram as passeatas –, os acontecimentos da Copa de 2014 – os casos de corrupção, de desorganização, a vaia coletiva à presidenta Dilma Rousseff na abertura dos jogos –, o ano eleitoral, a inesperada vitória da presidenta em exercício na reeleição, a polarização política acirrada a partir dessa vitória[41]; enfim, a compreensão de que os milhões na Paulista não desejavam a mesma coisa: tratava-se, na verdade, de uma aproximação de múltiplos, em uma falsa visão de coletividade.

Nesse ambiente de desencontros e choques, no embate de formações discursivas que não se enlaçam, a discussão da busca da felicidade, mergulhada nesse interdiscurso, fez aparecer, nos textos, uma posição sujeito em que a consideração de uma coletividade surge

---

[40] O jornalista Bruno Torturra, um dos idealizadores da página "Mídia Ninja", a responsável por transmitir, ao vivo, as manifestações (página da qual se desligou ainda em 2013), em entrevista ao "Nexo Jornal", concedida em junho de 2017, aponta que "As manifestações só ganharam aquele volume todo porque tiveram a participação de pessoas que, no fundo, discordavam profundamente de tudo o que havia levado as primeiras pessoas às ruas. Então, o que deu volume tirou os contornos ideológicos. Foi uma reunião de forças que nunca mais voltaram a estar juntas."

[41] A essa polarização deve ser somado o discurso proferido pelo senador Aécio Neves, no plenário do Senado, após sua derrota nas eleições de 2014. Nesse discurso, o senador afirma, em vários momentos, o modo de atuação da oposição, no sentido de demarcar o modo incisivo com que atuará, fato que resulta na campanha de construção do Golpe de 2016. São exemplos desse posicionamento trechos como "a chama da renovação se acendeu" (4 minutos e 44 segundos); "tenho a dizer a todos e a cada um de vocês: nosso projeto para o Brasil continua mais vivo do que nunca" (5 minutos e 09 segundos); "faremos uma oposição incansável e intransigente" (21 minutos e 19 segundos); "vamos estar mais firmes do que nunca" (23 minutos e 15 segundos). O conteúdo total dos 31 minutos e 26 segundos desse discurso está disponível para acesso em https://www.youtube.com/watch?v=DtduYs1zbAI. Acesso em 26/03/2018.

à beira da regularização presente no fato de que o império do "eu" centraliza os desejos no sujeito que, para reconhecer o mundo, carece de ver o mundo como reflexo de si, transpondo verdades pessoais para a abrangência de um quase estado de natureza, no qual todos desejam, criticam e esperam o mesmo. Embora as rupturas garantam a emergência do social em alguma medida, o social segue considerado na estereotipagem do outro, na medida em que uma outra historicidade acaba por permanecer sob o jugo de uma visão de mundo ancorada no capital. Entre os vários elementos que serão destacados nas análises apresentadas neste capítulo, e também no capítulo 3, o modo como o texto E38, "O mito do homem feliz", encerra é o principal testemunho da contradição: "Não vou fazer direito (mas também não sou comunista, fica tranquila)."

Este texto, uma crônica, é um exemplar do *mea culpa* com relação ao sistema capitalista: entende-se a sua nocividade, mas deseja-se permanecer parte dele. Desse modo, mesmo que este texto tenha um olhar para o social – o que faz dele um diferencial em relação à maioria dos textos analisados –, ainda assim a transformação que se busca é somente aquela que não interfira nos privilégios adquiridos.

Lembro, ainda, que os destaques feitos nos textos analisados são de minha autoria e, sempre que houver destaque feito pelo estudante, ele será indicado em nota de rodapé.

E38: O MITO DO HOMEM FELIZ

> Chamou-me minha avó uma vez para um daqueles discursos de sábio para aprendiz dos quais não podemos fugir. Fez-me sentar e começou a velha história: eu deveria escolher outra profissão para seguir, já que, filho, nenhuma das carreiras que você quer leva a um futuro promissor e *Deus me livre*[42] uma escolha errada seja um embaraço à sua felicidade. Disse mais, mas emendemos com uma paráfrase: esqueça a felicidade e a satisfação. Que importam essas sem o dinheiro? Sem a família vistosa e sorridente, a casa bem-decorada, sem carro e tevê?
>
> O pior é que, por mais que eu discorde, o ponto de vista da minha avó é compreensível.
>
> A verdade é que chegamos a um ponto na história humana em que, *lamentavelmente*, o poder aquisitivo e material é geralmente mais admirado em uma pessoa que que qualquer outra qualidade. Pelo fato de que somos introduzidos à propaganda desde cedo, não é questionado se esse pensamento consumista está correto ou não, mas somos expostos a um modelo de pessoa feliz, endinheirada e bem-sucedida, e somos induzidos a cegamente segui-lo.

[42] Destaque feito pelo escrevente.

> É evidente que o modelo capitalista-consumista não é o mais saudável que a sociedade poderia ter adotado. Prova disso, por exemplo, é o fato de que várias pessoas são infelizes atualmente, por terem escolhido carreiras pelas quais não se interessam – bem como minha querida avó propôs –, buscando apenas o dinheiro, o conforto e os bens materiais que tais carreiras garantem. *Chuck Palahniuk aborda o estado em que a sociedade ocidental se encontra em seu livro* Clube da Luta.
>
> *No livro, Palahniuk escreve que "compramos porcarias de que não precisamos com dinheiro que não temos para impressionar pessoas de quem não gostamos".* A frase sumariza as relações econômicas e sociais dos séculos XX e XXI perfeitamente. Ninguém realmente precisa de tudo que tem, mas compramos mercadorias em um tipo de hedonismo pós-moderno, esperando que elas preencham nosso vazio emocional e nos façam felizes, como as propagandas anunciam, e essa ilusão faz com que nunca estejamos satisfeitos com o que temos. Aliás, quem me garante que uma pessoa plenamente feliz não passa de invenção dos filmes hollywoodianos? Afinal, nunca vi o Felizardo e nem conheço quem o tenha feito.
>
> O perigo de se tentar ser O Homem Feliz é justamente a cegueira. A infelicidade não é um estado passageiro do buscador da felicidade, mas um natural. A felicidade é algo que supostamente vem a nós sozinha, tímida como um gato assustado. Acredito que um dos únicos favores que o capitalismo fez à civilização foi confundi-la. O ser humano do século XXI não sabe como encontrar a felicidade, cegado pelo reluzente brilho dos produtos que os meios publicitários buscam vender. Por mais que a tendência animal seja evoluir, o contrário parece ocorrer conosco. Cada vez mais trabalhamos como máquinas, sem entender por que o fazemos. Desculpa, vó. **Não vou fazer Direito** (MAS TAMBÉM **NÃO SOU COMUNISTA**, FICA TRANQUILA).
>
> (Série do escrevente: 3ª. série do EM; gênero escolhido: crônica argumentativa)

Logo nas primeiras linhas deste texto, dá-se a construção de um conflito: um jovem escrevente, na 3ª. série do Ensino Médio, pensando na carreira que gostaria de seguir, no novo que completasse sua existência, em oposição ao velho discurso, personificado na imagem de avó e de sábio, que, na verdade, parece surgir como algo que tolhe, que acanha, o desejo de um jovem – o novo – por fazer algo que o satisfaça. Já no encerramento do primeiro parágrafo (trecho sublinhado), nota-se que o conflito se expande para outra oposição, em diálogo pleno com a primeira: ou alcança-se a felicidade, e tudo o que ela representa (o novo), ou rende-se ao capital e às conquistas que ele favorece – todas elas no campo do velho, daquilo que é o antimodelo.

O entendido como velho, neste texto, está em consonância com os pensamentos introduzidos por Sérgio Buarque de Holanda quando, em "Raízes do Brasil", apresenta, entre outros fatores, os elementos que sustentam uma visão aristocrática da vida. Para Holanda, um dos elementos que nos constituem, como herança ibérica, é a ideia do bacharelismo como

modo de ostentação e meio para alcançar posições de trabalho. De fato, o que se vê, no texto, é que esse modelo é o que se deseja abandonar, pois está provado, pelo que se testemunha na vida de adultos, que ele não promove a felicidade. Contudo, o lugar do discurso de poder, propiciado pela posição, e pelas regalias do sistema, é algo de que se deseja desfrutar. Negar o curso de Direito (em negrito) – na linha final do texto – é negar o bacharelismo histórico; não ser comunista (também em negrito), por sua vez, corresponderia à antecipação do argumento da avó para negar o que seria uma mudança temida (e, talvez, radical), optando-se por uma via mais branda, em que a mudança fosse aceita mesmo pela avó e, portanto, pudesse se manter, de algum modo, sob a proteção do "bacharelismo histórico", o que, portanto, seria negar uma mudança real. Ainda segundo Holanda:

> "A dignidade e importância que confere o título de doutor permitem ao indivíduo atravessar a existência com discreta compostura e, em alguns casos, podem libertá-lo da necessidade de uma caça incessante aos bens materiais, que subjuga e humilha a personalidade." (HOLANDA 1979, p. 116).

De fato, o escrevente em questão é representante da classe social que ele tenta rechaçar: a família feliz, que reside em boas casas, com todos os equipamentos tecnológicos que caracterizam o sucesso (trechos sublinhados no primeiro parágrafo). Contudo, a aversão a esse modelo denuncia, ainda mais, o conflito anunciado desde o início. É possível considerar o fato de que o escrevente, na crônica produzida, apresenta, por meio de uma suposta ficção, um posicionamento social de recusa de um modelo vigente. Ainda que se reconheça o valor do sucesso, a infelicidade testemunhada por trás dele manifesta o desejo de negá-lo: se ter dinheiro é o que manifesta sucesso e, apesar de conviver, diuturnamente, com quem o possui, a realidade é de infelicidade, fracasso e vazio, torna-se imprescindível negar que a máxima "dinheiro traz felicidade" seja verossímil. A ideia de vazio emocional preenchido pela ilusão fortalece o fato de, no texto, não ser possível pensar um relacionamento entre satisfação e dinheiro, ainda que o pertencimento ao sistema seja verdade irrecusável – o que fica indiciado no segundo parágrafo, destacado em cinza, ao recusar, mas compreender, o que foi enunciado pela personagem avó.

É importante acentuar que é dessa posição enunciativa que o escrevente redige o texto, do lugar de quem vê os problemas do sistema, mas que dele não consegue se apartar. Na última linha, a ressalva "mas também não sou comunista, fica tranquila" (em caixa alta), iniciada pela conjunção adversativa "mas", marca não só o posicionamento do escrevente, como também um diálogo direto com o que é dito no segundo parágrafo, no momento em que compreende a posição anunciada na voz da avó (posição que, *a priori*, se pensou

recusar). Ao cabo do texto, o modo como se constrói a ressalva – destacada do encadeamento textual por parênteses – permite, ainda, falsear o dito que manifesta a voz do escrevente como se fosse o dito de outro, da avó, no caso, o que fortalece o *mea culpa* apresentado pelo texto. Do modo como está construída a sintaxe desse encerramento, ocorre a anulação da oposição do início, havendo, portanto, a união do velho e do novo. Aqui, o exercício metadiscursivo presente no modo como, no final, o escrevente retoma a fala da avó, e anula o distanciamento entre eles, é o que permite a aproximação. Em seus estudos sobre o discurso citado (nomeado representação do discurso outro – RDO – em artigo de 2008), Authier-Revuz aponta o fato de que na heterogeneidade mostrada na palavra do outro reside, também, a inacessível fronteira da heterogeneidade constitutiva do discurso. No caso da inserção "mas também não sou comunista, fica tranquila", na voz do outro (a avó), falam várias vozes, inclusive a do escrevente, que faz dessa voz também a sua por meio da construção adversativa, seguida do aconselhamento "fica tranquila" – expressão de imediato referente à avó, mas que, no fio do discurso, pode ser entendida como referência ao todo do ambiente sócio-histórico no qual está envolvido o escrevente.

O modalizador "lamentavelmente" (destacado por itálico e sublinhado no terceiro parágrafo), é um forte indício do reconhecimento do sistema manifestado pelo posicionamento assumido na cadeia argumentativa: ainda que a nocividade do sistema esteja manifestada no texto, o fato é que o escrevente está inserido no sistema contra o qual tece suas críticas. A real inserção no grupo social destacado fica ainda mais marcada na ressalva utilizada para a finalização do texto: ao mesmo tempo em que se dá a negativa ao aconselhamento recebido pelo representado como o velho, o que se pensa novo faz questão de observar não ser comunista: se o modelo tido como antigo não convence, corre-se o risco de ser reconhecido como comunista, algo que, por bem, deve-se rapidamente esclarecer; ainda que faça remissão à voz da avó, aqui também o escrevente assimila a voz própria à voz da avó, ponto em que a oposição com o tempo da avó se desfaz.

Além disso, é importante salientar que diferentes épocas manifestam diferentes modelos de sucesso. No quarto parágrafo, ao abordar a infelicidade daqueles que optaram por carreiras objetivando, apenas, o crescimento econômico e social, está implícito o fato de que é desse modo que o mundo adulto é visto por este escrevente, como se o conselho sobre seguir outra carreira – o qual ele tem coragem de recusar – tivesse sido acatado por adultos – covardes – com os quais convive, como pais, parentes, professores, desconsiderando o fato de que, por serem pertencentes a outras gerações, esses adultos talvez tenham, também eles, negado um modelo. De todo modo, mais uma vez, o conflito da crítica ao sistema a que

pertence surge, agora, amparado por uma citação (entre o quarto e o quinto parágrafos, destacada em itálico) cujo objetivo é corroborar a falência, ou, no mínimo, o mau funcionamento, desse sistema por meio da autoridade concedida à palavra do outro e do valor argumentativo atribuído a essa relação de autoridade e reconhecimento.

A afirmação de que o único favor feito pelo capitalismo à humanidade foi confundi-la, no parágrafo de finalização do texto, traz à luz a realidade do conflito, aqui marcado como criado pelo próprio capitalismo – algo quase inegável pela história. Neste texto, o distanciamento do social (a não consideração, talvez, da luta de classes), e a sensação de querer ser perdoado pelos próprios privilégios, que dão sustentação à cadeia argumentativa, são os pontos de contradição e os possíveis indícios de autoria que se podem localizar no texto – a preocupação em negar-se como comunista transparece: não gosto de pertencer ao sistema, mas ainda bem que dele faço parte; posso recusá-lo até o ponto em que o reforme, sem, de fato, transformá-lo.

2.2 Constatação de contradições em diferentes textos

O título do texto abaixo, um artigo de opinião, coloca em evidência um modo de ver a contemporaneidade, partindo de uma perspectiva que estabelece o contemporâneo como a vida pragmaticamente orientada. Na lógica que se procura criar, ao longo do texto, constrói-se uma imagem de que a sociedade contemporânea, imersa na relação entre felicidade e consumo, abandonou o que fica caracterizado como "valores morais profundos" (destaque em cinza, no último parágrafo), para ver, na praticidade do consumo, o lugar da satisfação.

> **E5: Felicidade em tempos de pragmatismo**
>
> Não é de hoje que o SER HUMANO vive em uma incessante busca pela felicidade. Estamos inseridos em **um grupo social** que vivencia, diariamente, um inconformismo constante em razão da materialização deste sentimento. Assim, parece-me que tamanha idealização presente em tal procura, faz com que percamos a noção do processo de autoconhecimento que o SER HUMANO adquire ao longo da vida, acarretando, principalmente, a perda dos valores nas relações interpessoais e no sentimento mútuo de altruísmo e confiança com o próximo, gerando uma felicidade efêmera que se esgota em si.
>
> Essa mentalidade é oriunda de uma **sociedade pragmática** a qual acredita que a felicidade é algo que pode ser obtido por meio do acúmulo de bens materiais. Felicidade, esta, que se exaure em si devido ao fato de que,

> a cada conquista, surge uma nova necessidade a qual, rapidamente, perde seu caráter satisfatório, perdurando o sentimento de vazio.
>
> Parece-me que a busca pela felicidade através do consumo, faz com que AS PESSOAS explorem, cada vez mais, prazeres sensoriais contrários à ética e cria, continuamente, INDIVÍDUOS cujas vidas se resumem à bens de consumo, como é o caso de Dorian Gray, em uma das obras de Oscar Wilde. Contudo, este meio serve apenas como refúgio para a sua angústia, uma vez que ele acaba por não só se tornar egocêntrico e materialista, mas como uma pessoa completamente inescrupulosa e de vida depredada.
>
> Por outro lado, Ricardo Reis, um dos heterônimos de Fernando Pessoa, pregava a ideologia referente ao *carpe diem*[43], que prioriza, em síntese, aproveitar os simples momentos da vida da melhor maneira possível, abdicar e ser rei de ti próprio. Todavia, este é contrário, a meu ver, a um dos sentimentos mais profundos que qualquer SER HUMANO pode ter: *o verdadeiro amor*.
>
> Portanto, é notável que tais correntes defendidas tanto por Dorian Gray quanto por Ricardo Reis exigem um equilíbrio para sua aplicabilidade. Logo, faz-se necessário adotar o segredo da verdadeira felicidade dito pelo renomado poeta Fernando Pessoa, que asseverava que: "O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis". Dessa forma, só assim, pela prática de valores morais profundos somados ao real aproveitamento dos momentos da vida, torna-se possível descobrir a maravilha que é ser feliz.
>
> (Série do escrevente: 9º. ano do EFII; gênero não informado pelo aluno)

O primeiro parágrafo inicia com uma referência ao ser humano (em caixa alta, bem como as demais referências ao longo do texto), instanciando uma posição enunciativa que não considera o social. Contudo, na sequência, ainda no primeiro parágrafo, o enunciado “um grupo social” (em negrito, assim como seus enunciados sinônimos) parece contradizer o posicionamento inicial, uma vez que introduz no texto o reconhecimento de um grupo social – talvez, o próprio grupo social do escrevente – e de, portanto, realidades sócio-históricas distintas. No entanto, o texto, ainda nesse parágrafo, volta a colocar em evidência a ideia de ser humano, o que deixa entrever o atravessamento do escrevente, posto que uma percepção do social previamente feita não toma corpo na argumentação, já que o grupo social referido é, no texto, sinônimo de ser humano, pois, considerando a possibilidade de ser o grupo social do escrevente, há uma transferência dessa realidade para a generalização: na totalidade da imagem, fica registrado que os valores evocados estão perdidos em absoluto. Ao longo do texto, outras ocorrências semelhantes se dão, indiciando a contradição

[43] Destaque do escrevente.

estabelecida: oposição entre humanidade – dimensão universal – e sociedade – dimensão particular.

Outro ponto a destacar nesse texto é o diálogo evidente com os textos da coletânea presente na proposta de redação, sendo recuperados nele: 1) o fato de a felicidade ser como uma cenoura pendurada no nariz; 2) a imagem da humanidade como espécie diminuída – elemento que faz aparecer no texto a perda de valores; 3) a crítica ao consumismo e à sua compreensão como o que permite alcançar a felicidade. Somadas a essas vozes, duas outras vozes de autoridade (destacadas em itálico) passam a compor o texto, como meio de comprovar o fato de que o consumo diminui a humanidade – na referência a Dorian Gray, no terceiro parágrafo –, e o fato de que o desapego total também não seria positivo, por negar "o verdadeiro amor", em itálico, no quarto parágrafo – na referência a Ricardo Reis e ao *carpe diem*. No parágrafo final, uma outra voz de autoridade, na figura do equilíbrio, é introduzida no sentido de que é preciso considerar o "valor" dos acontecimentos – termo que não é sinônimo da noção de valores previamente evocada. Na nova contradição entre o "valor" mensurável das experiências e os "valores morais profundos", já anunciada no trânsito entre Dorian Gray e Fernando Pessoa (ele mesmo e seu heterônimo Ricardo Reis)[44], fica testemunhada a contradição já prevista no primeiro parágrafo, uma vez que experiências sociais distintas são observadas, mas abandonadas na sempre nova inserção da ideia de humanidade que volta ao texto e se sobrepõe ao social – ou melhor, nesse caso, colocam como absoluta uma visão que é fruto da transferência de uma verdade social para o universal.

O texto seguinte tem, já no título, uma tentativa de metalinguagem indiciada na representação escrita da palavra felicidade. Nessa representação, ocorre uma quebra da palavra, letra a letra (f.e.l.i.c.i.d.a.d.e.), que evoca o silabar da fala e que, também do ponto de vista estritamente gráfico, dá destaque ao referente. Ainda assim, este título denuncia o que será, de fato, lido na crônica abaixo, uma vez que será constante a presença de comentários metaenunciativos (sublinhados) que testemunham uma volta sobre o próprio

[44] Os livros "O retrato de Dorian Gray", de Oscar Wilde, e "Conversa com Fernando Pessoa", de Carlos Felipe Moisés, eram leituras paradidáticas obrigatórias dos alunos do 9º. ano, série a que pertencia o escrevente.
O romance "O retrato de Dorian Gray" narra a vida de Dorian Gray, personagem que, ao ver a própria beleza representada em um quadro, na constatação de que gostaria de ser eternamente assim, faz um pacto demoníaco; a partir desse momento, quem envelhece e sofre as consequências de seu hedonismo é o seu eu enquadrado, não mais ele mesmo. Rendido aos prazeres de toda espécie, de modo moralizante, o romance termina com o fim trágico da personagem.
"Conversa com Fernando Pessoa" é uma coletânea de poemas de Fernando Pessoa ele mesmo e seus heterônimos, didaticamente pensada sob o prisma de uma entrevista: ao leitor é dado conhecer cada um dos heterônimos por meio da simulação de entrevistas concedidas por eles; na sequência da representação das entrevistas, há um apanhado dos principais poemas de cada heterônimo e do nomeado Fernando Pessoa ele mesmo.

dizer, cujo objetivo final é comprovar o fato de que "felicidade" é um termo de definição impossível – como pode ser lido no último parágrafo do texto.

E6: F.E.L.I.C.I.D.A.D.E.

Acho que **muitos** nunca realmente pensaram sobre isso; mesmo assim, creio que é um assunto que valha a pena ser colocado em pauta. Mas do que eu estou falando? Ah, essa é fácil: felicidade!

Mas o que é felicidade? Eu sei que poderia apenas procurar o significado no dicionário, mas eu não acho que seria uma boa definição (não penso que seja algo que possa ser definido). Segundo o dicionário Aurélio, felicidade consiste no "*estado de perfeita satisfação íntima. / Beatitude; contentamento; grande alegria, euforia, grande satisfação. / Circunstância favorável, bom êxito, boa sorte, fortuna*."[45] Minha opinião? Isso são só um monte de palavras bonitas juntadas para definir uma coisa que simplesmente não pode ser definida.

Uma coisa curiosa é que **muitas pessoas** acabam relacionando felicidade a algo material, como a aquisição de uma casa, de um carro, de um videogame e etc. Não que isso seja completamente errado, afinal é evidente que qualquer um ficaria extremamente feliz ao comprar uma coisa dessas, mas a questão é que A FELICIDADE, por mais que não seja algo concreto, É COM CERTEZA MAIS QUE UM SIMPLES MOMENTO DE ÊXTASE POR CAUSA DE UMA COMPRA.

Eu sei que **a maioria** deve estar pensando que o que escrevo não faz sentido e que talvez eu possa ter batido bem feio com a cabeça, mas a verdade é que quando falamos de alguma coisa tão abstrata e, ao mesmo tempo, tão complexa quanto a felicidade, é o que acontece.

Por mais que haja toda essa confusão em relação à definição de felicidade, há uma razão bem simples para essa indefinição: FELICIDADE TEM, PARA **CADA PESSOA**, UM SIGNIFICADO DIFERENTE, como a realização de um sonho, por exemplo. **Todos temos** dentro de **nós nossa** própria noção de felicidade e cabe a **nós** descobri-la. Mas não se enganem: não atribuam felicidade a coisas fúteis e que não são de tamanha importância, saiba encontrar a verdadeira felicidade que está em você.

(Série do escrevente: 9º. ano do EFII; gênero escolhido: crônica)

De fato, o enunciado "cada pessoa" (em negrito, no último parágrafo) instancia uma posição que anula o social, pois não há, nessa crônica, um senso de coletividade sendo evocado. A partir do posicionamento assumido de que a felicidade não pode ser definida, fica instaurada uma visão de mundo que individualiza o conceito, no pólo oposto da universalização, inibindo, por sua vez, a consideração das relações sociais como instâncias concretas de produção de (in-)felicidade. Nesse sentido, os comentários metaenunciativos feitos ao longo do texto na intenção de provocar uma reflexão sobre qual seria a definição

[45] Destaque do escrevente.

da felicidade tornam-se elementos argumentativos em prol da nulidade da definição, como meio de ratificar a pessoalidade da compreensão de felicidade. As demais referências em negrito, mesmo quando tendem a uma generalização ("todos", "a maioria", bem como os verbos indiciando plural inclusivo) acabam por remeter ao indivíduo, no sentido de que, a todo momento, volta ao texto o fato de a felicidade não ser passível de definição. Ainda que se possa afirmar que o mesmo é o mesmo que se difere, há, no texto, um foco no indivíduo. Essa contradição fica presente nos excertos metaenunciativos (sublinhados) que, ao dizerem que definir felicidade é algo impossível, já estão propondo uma definição de felicidade.

O modo como se dá o fechamento do texto, em tom de aconselhamento (destaque em cinza), somado aos dizeres de tom proverbial (em caixa alta) corroboram a posição defendida, já que estabelecem, de forma categórica, que a felicidade possui uma definição diferente para cada pessoa e que, considerando isso, cada um deve procurar a própria felicidade. As pausas sobre o dizer permitem, assim, um encadeamento textual que conduz a reflexão de modo a alcançar o resultado lógico de que a felicidade é pessoal.

O texto seguinte é iniciado por um dizer com tom proverbial que define a felicidade como uma invenção capitalista (em negrito), fato de antemão antecipado no título. Partindo dessa premissa, toda a crônica será construída por meio de um desabafo, mesclado ao tom avaliativo por meio do qual ações (sublinhadas) imaginadas como prototípicas de um "você" com quem se dialoga são enumeradas. A enumeração assume caráter crítico ao modelo vigente, visto, neste texto, como único – é possível perceber, de fato, um tom quase determinista no modo como a realidade é apresentada, parecendo não haver nada a fazer a não ser render-se à invenção capitalista da busca da felicidade (circularidade textualmente indiciada, uma vez que a máxima que inicia o texto é também a máxima por meio da qual ocorre a sua finalização).

E8: A busca pela felicidade, mais uma invenção capitalista

> **A busca pela felicidade é mais uma invenção capitalista** que NOS leva a fazer o que desde criança SOMOS LEVADOS E ENSINADOS A FAZER, consumir. Foi alias uma invenção inteligente uma vez que os capitalistas conseguiram associar o prazer que SENTIMOS após ter uma relação social, e que alias é a feramente[46] pela qual a natureza NOS leva a continuar a espécie ao consumo, o que leva AS PESSOAS a consumirem nessa "busca pela felicidade.

[46] O texto foi entregue pelo escrevente com este erro de digitação. Embora se possa levantar a hipótese de que a palavra desejada fosse "ferramenta", essa interpretação não pode ser dada como definitiva.

PENSE COMIGO, qual a diferença de comer em um restaurante por quilo no centro da cidade ao invés de ir ao MC Donalds em uma shopping com lojas caras. A principio não a nenhuma diferença, nos dois VOCÊ ira para sobreviver uma vez que consumira alimentos que passaram por um processo químico dentro do SEU CORPO e farão VOCÊ ter energia para continuar o dia.

A diferença porem é que NA SUA TV VOCÊ, mesmo que não intencionalmente acaba assistindo uma produção de marketing que mostra famílias se encontrando sorrindo e jogando conversa fora nas mesas do MC donalds, ACREDITE, VOCÊ pode fazer o mesmo em um simples restaurante por quilo, porem ao ver aquelas imagens O SEU CÉREBRO logo associa este estabelecimento á um lugar onde VOCÊ ira encontra uma sensação psicológica positiva (felicidade) e sendo assim, ir para o MC donalds é sinônimo de encontrar a felicidade, e é por isso que o MC donalds faz sucesso em quase todos os países do globo e aquele restaurante por quilo do centro não.

Uma situação onde essa busca pela felicidade ficou bem clara e no Qatar, antes de encontrar o petróleo, a principal atividade econômica do pais era a pesca. Logo ao saber isso, o normal e aparecer NA SUA MENTE QUE ASSISTE A MAIS DE 4 HORAS DE TELEVISÃO POR DIA, que eles eram pessoas tristes que do dia para noite se tornaram pessoas felizes andando com carros importados, morando em prédios altos e estilosos com faixadas de vidro e comendo em lugares como o MC donalds, certo? Não, não é bem assim, pode ser difícil por causa DO SEU CÉREBRO TREINADO a seguir o capitalismo mas o fato deles ficarem ricos nao significa que eles são mais felizes que antes.

Na verdade, o fato deles ficarem ricos significa que a geração atual do Qatar precisa de mais para ficar feliz, ou seja, que a busca pela felicidade deles acarreta em uma serie de problemas ambientais. Isso porque para pescadores que ainda não foram infectados pelo capitalismo a busca pela felicidade consiste em voltar com comida pra casa, conversar com afilia e seguir o alcorão. Nada que cause problemas ambientais e nada muito complicado, muito mais fácil do que ter que compra uma nova bmw para emitir mais c02 e ajudar a ferrar com o planeta.

Isso para mim é que é a busca pela felicidade, uma inteligente invenção capitalista muito bem desenvolvida pelo marketing. agora depois de terminar esse texto eu vou desligar o meu macbook pro, entrar no meu new fiesta sedan e dirigir até o shopping, resumindo, vou continuar mesmo que inutilmente, a minha busca pela felicidade.

(Série do escrevente: 9º. ano do EFII; gênero escolhido: crônica)

Nesse texto, ao longo de todo o primeiro parágrafo, assim como em vários textos, o plural inclusivo é utilizado como modo de generalizar dados e informações que parecem ser válidos na vida particular do escrevente. Este exemplo ilustra, portanto, o recurso argumentativo de lançar mão da inclusão do outro para atribuir-lhe o que teria caráter particular.

Nesse texto, contudo, há uma transição: a partir do segundo parágrafo, o plural inclusivo é substituído pelo tom interpelativo destinado a um "você" com quem se dialoga, estabelecendo um lugar de condenação do sistema – o mesmo sistema do qual, no fim, admite-se participar (as referências ao plural inclusivo e ao "você" estão destacadas em caixa alta, no texto). Vale ressaltar que a passagem do plural inclusivo para o "você" ocorre com a intermediação de uma passagem do plural inclusivo para "as pessoas", na penúltima linha do primeiro parágrafo, passagem que já começa a evidenciar o distanciamento; em seguida, o início do segundo parágrafo, no enunciado "Pense comigo", convida o leitor a participar da reflexão proposta, o que finaliza a transição e deixa em evidência o tom avaliativo relacionado a um você com o qual se dialoga no texto.

Nos parágrafos quatro e cinco, é possível perceber a dimensão social, por meio de um exemplo (em itálico), que coloca o Qatar moderno em oposição a uma ideia de como era o Qatar antes do processo de descoberta do petróleo e de mudança socioeconômica. Contudo, ainda que haja aqui um olhar para o social, ele não considera a realidade concreta do Qatar – lugar desértico, onde o passado seria mais pertinentemente associado a beduínos e andarilhos do que a pescadores. Há, de fato, entre as temporalidades do Qatar evocadas no exemplo uma postura idealizada do passado – algo presente em outros textos analisados – que tenta comprovar que o passado era o tempo (e o lugar) de um modo de vida menos condenável, talvez até pensado como menos capitalista. Nota-se, assim, que, nesse texto, há um diálogo com os textos da coletânea que colocavam o consumo e o diminuído da humanidade em evidência, sendo o caráter avaliativo / interpelativo resultado, também, da imagem que se constrói de uma espécie diminuída – é a humanidade, portanto, o "você" a quem o desabafo é dirigido.

É com esse "você" que se dialogará ao longo de todo o texto, de modo a tentar mostrar as falhas do sistema capitalista, uma vez que a visão de mundo instanciada aqui remete à assunção plena da perspectiva capitalista, não parecendo haver lugar para um outro modo de viver. Uma posição enunciativa em que, por meio de um desabafo, há um entendimento de, talvez, não haver saída. Esse entendimento fica materializado no exercício metaenunciativo (destacado em cinza, no último parágrafo) por meio do qual é feita a finalização desse texto, metaenunciação que marca a argumentação como também dirigida ao eu textual. Essa passagem é, ainda, a materialização da contradição entre a crítica ao sistema e a constatação de fazer parte dele, sem o vislumbre de outra opção.

No título da crônica seguinte, um dizer comum nas relações sociais é invocado entre aspas, de modo que passa a ser considerado um discurso citado, pois aponta para o fato

de que todo dito é sempre um empréstimo: "(...) entre o locutor e o receptor nos reaproximando do fato da heterogeneidade latente, constitutiva que é a de todas as nossas palavras, irremediavelmente 'de empréstimo'." (AUTHIER-REVUZ, 2008, p. 118). Ou seja, há a presença de uma heterogeneidade mostrada, que evidencia o outro que fala no texto; neste caso, o outro que representa a voz coletiva, fato que se confirma na sequência, quando a voz passa a ser atribuída a um atendente da rede de *fast-food* Mc Donald's. No final do texto, essa frase, sem aspas, será associada a algo como um oásis, metáfora para a felicidade, vista como miragem – nos desertos, muitos oásis são miragens que não se concretizam.

E12: "Obrigado e volte sempre"

Delicio-me com isso. Ainda que o rapaz do Mc Donald's não dissesse a conhecida despedida feita quando se encerra a compra, voltaríamos lá muitas outras vezes. **O capitalismo nem precisa se incomodar**.

Não é a ambição, mas, sim, a insatisfação que nos move. Para bem ou para mal, embora, na maior parte das ocasiões, ela afete-nos negativamente.

É só OLHAR AO REDOR ou, ainda, PARA SI MESMO: queremos ser melhores do que de fato somos. **Encarar a realidade é pior**.

Cirurgias plásticas, botox, alisamento de cabelos; videogames, celulares importados, carros novos; mentes destreinadas tentando parecer superiores; pessoas com vergonha do próprio peso, do salário, das roupas, do corpo, da casa, da família, do trabalho. Parece que nunca cessará o desejo inatingível de sermos felizes.

A felicidade é um oásis. Não há defeitos. Aparentemente, não há nada de ruim nela para que possamos condená-la. Nós somos os andarilhos, ingênua e errantemente vagamos a procura do oásis. Nossas ideias e planos são volúveis. Chegamos a qualquer destino, mas nunca estamos satisfeitos. Nunca paramos de procurar.

Fotos em redes sociais: jovens sorridentes tomando *milk-shakes* e *Mcflurrys*[47]. As mais concretas prova de que se está vendo vestígios do oásis. Talvez a busca tenha, enfim, esgotado. Ou não. A sede por algo ainda melhor toma conta desses jovens andarilhos, e seus sorrisos transformam-se em rostos cansados da monotonia e da decepção. O oásis, mais uma vez, desaparece.

A sede deles, ou de qualquer outra pessoa, possui – **E COM RAZÃO** – uma insaciabilidade imensurável, **porém não há nada a ser feito**. É inútil continuarmos a vagar: esta é uma missão desgastante e sem retorno. Onde está o prazer de ter nossas expectativas estilhaçadas o tempo todo pelo fato de a felicidade perene ser intocável?

O oásis sempre será uma mentira. E, no entanto, é como se ele agradecesse e solicitasse para que voltássemos sempre.

(Série do escrevente: 1ª. série do EM; gênero escolhido: crônica)

[47] Destaques do escrevente.

Há, nesta crônica, a troca de um “eu” por um “nós”. Essa troca formaliza, linguisticamente, a ausência de diferença entre o eu e o homem. A posição enunciativa assumida nesse texto parte de uma compreensão de mundo na qual não há sujeitos e histórias distintas, há o eu e o homem e, na prática, entre nós, não há diferença: todos desejam a mesma coisa. No terceiro parágrafo, isso fica comprovado: entre “olhar ao redor” ou “para si mesmo” (em caixa alta), não há diferença, pois todos, sem exceção, “queremos” o mesmo e “somos” o mesmo. Ao longo do texto, o plural inclusivo (destaques sublinhados) registra a posição enunciativa, uma vez que a imagem personificada do capitalismo (em negrito, na última linha do primeiro parágrafo) instancia a visão de mundo que atua como pano de fundo para a realidade de todos, posto que, na percepção dada pelo texto, não há possibilidade de fuga ou de resistência.

Também o terceiro parágrafo encerra-se com uma máxima, “Encarar a realidade é pior” (em negrito), nesse caso, ambígua: tanto é possível compreender a realidade mencionada como relacionada ao enunciado imediatamente antecedente “queremos ser melhores do que de fato somos”, quanto, de modo mais amplo, relacionar essa máxima diretamente à primeira afirmação (“O capitalismo nem precisa se incomodar”), pensando a realidade como de amplo espectro, vinculada ao capitalismo já estabelecido. Nesse sentido, o fato de já estar posto quase que obriga a aceitação, uma vez que “encarar a realidade é pior”. No penúltimo parágrafo, a voz introduzida por “porém não há nada a ser feito” ratifica a posição assumida e encaminha para o fechamento pessimista do registro inalcançável do oásis, indiciado pelo tom proverbial do enunciado com o qual se inicia o último parágrafo (destaque em cinza), “O oásis sempre será uma mentira”, sendo, por oposição, colocada novamente a voz da aceitação, por meio da releitura da voz coletiva “Obrigado e volte sempre”, já instanciada no título. Além disso, o tom proverbial do enunciado “O oásis sempre será uma mentira” está em diálogo com o enunciado, também destacado em cinza, “A felicidade é um oásis”, que inicia o quinto parágrafo. Desse modo, torna-se evidente a metáfora da felicidade como um oásis, visto sob o prisma da fantasia, mas presente em uma realidade da qual não parece ser possível escapar. O comentário metaenunciativo “e com razão”, presente no penúltimo parágrafo (em caixa alta e negrito), instancia a voz que corrobora a posição de que todos estão imersos na mesma realidade – ou seria na mesma fantasia? – da qual não se pode livrar.

O texto seguinte, um artigo de opinião, inicia com uma construção semelhante à dos textos já analisados, uma vez que parte da contraposição entre os enunciados “todos”,

"uma pessoa" e "ao indivíduo" (em negrito). Assim, *a priori*, o texto parece ser mais um exemplo da anulação do social. Contudo, ao longo da análise, será possível notar que, neste texto, há um olhar para o social, ainda que este olhar represente a instanciação de uma posição enunciativa por meio da qual o dito "dinheiro não traz felicidade" ecoará, corroborado pelas vozes de autoridade (em itálico). Trata-se de um texto argumentativo, que busca uma impessoalidade ao instanciar diversas vozes, por meio de discurso citado, com as quais seria possível confirmar o pensamento proposto. Contudo, o par "pessoas de classe baixa" em comparação a "classes superiores" (sic – destacado em cinza), redigido por um escrevente que pertence a uma classe social bastante favorecida, nega a impessoalidade pretendida.

E20: Busca da Felicidade

Ainda que seja difícil encontrar **uma pessoa** plenamente feliz, **todos** vivem em busca da felicidade, isso é, procurar o estado de equilíbrio físico e mental que traga **ao individuo** o sentimento de paz e tranquilidade. Assim como *Carlos Drummond de Andrade*, acredito que *"ser feliz sem motivo é a mais autêntica forma de felicidade"*, portanto, a busca dessa causa será eterna, haja vista que a realização sentimental está nas coisas simples da vida.

Devido o fato de a felicidade encontrar-se ao lado da simplicidade, creio que este sentimento está em locais fora do padrão atual. Cidades grandes apresentam um número maior de casos de suicídio em relação ao campo. *Conforme a Folha de São Paulo, essa é a terceira maior causa de morte no Brasil, principalmente nas capitais da região Sudeste*. Esse dado já havia sido comprovado por *Durkheim, cujos estudos sobre a sociedade desenvolvida apontavam um elevado número de suicídios e depressões*, demonstrando uma maior infelicidade da população.

Baseado nos conceitos do Arcadismo, especialmente das expressões "Fugere Urbem" (fuga da cidade) e "Locus amoenus" (lugar ameno), penso que nem sempre a busca pela felicidade pode se limitar aos princípios de hoje em dia, voltados especialmente para o acúmulo de capital e para o consumismo. Um exemplo desse fato é a obra *"A cidade e as serras", de Eça de Queiroz*, cuja personagem principal, Jacinto, larga a luxúria parisiense para encontrar a felicidade nos campos de Portugal.

Segundo *Arthur Schopenhauer, "a nossa felicidade depende mais do que temos nas nossas cabeças, do que nos nosso bolsos"*. Dessa forma, podemos observar que as pessoas de classes sociais mais baixas são felizes independentemente do plano material, enquanto as classes superiores nunca estão satisfeitas com suas conquistas, buscando sempre mais em um círculo vicioso.

Sendo assim, vejo que a busca para a felicidade não tem sucesso devido ao equivoco no conceito da mesma. Atualmente, muitos associam serem felizes com ter capital, mas não enxergam os valores intrínsecos do sentimento da mesma maneira que *Gandhi havia enxergado ao dizer "não existe um caminho para a felicidade. A felicidade é o caminho"*.

(Série do escrevente: 1ª. série do EM; gênero escolhido: texto argumentativo)

A noção de simplicidade, presente nos dois primeiros parágrafos, ocorre também em vários textos, uma vez que o atravessamento da verdade coletiva "pobre é quem sabe ser feliz" está na raiz do que é simples[48]. Neste texto, o recurso ao Arcadismo (passagens sublinhadas no terceiro parágrafo) e a uma visão bucólica da natureza será semelhante ao que ocorre no texto E26, cujo título é "Fugere urbem", e cuja análise será apresentada no subitem 2.3. Somado aos enunciados "simples" e "simplicidade", presentes no primeiro e no segundo parágrafos (sublinhados), é possível considerar, também (talvez, sobretudo), o par que se estabelece entre "as pessoas de classes sociais mais baixas" e "classes superiores" (destacado em cinza) como elementos que ratificariam, e instanciariam, a posição enunciativa assumida pelo escrevente nesse texto, por meio da qual se verifica a visão de mundo assumida: ser feliz é mais fácil para quem tem pouco, enquanto é mais difícil a quem tem muito, já que sempre há um novo objeto de desejo – inocentemente, partindo da premissa de que os desejos não componham a vida de quem é pobre. Importante ressaltar, ainda, que a contraposição entre as classes sociais é feita com adjetivos de diferentes universos semânticos, que fazem ver, no texto, diferentes formações discursivas: entre o adjetivo "baixa" e o adjetivo "superiores", há um distanciamento discursivo que não classifica sociologicamente, mas hierarquiza valorativamente: uma construção valorativa entre o modo como se percebe a base da pirâmide e o modo como uma imagem de vencedor surge para nominar o topo.

Considerando isso, as vozes várias instanciadas ao longo do texto, que perpassam: 1) versos de Carlos Drummond de Andrade; 2) notícia do jornal *Folha de São Paulo*; 3) a filosofia de Durkheim; 4) o romance de Eça de Queirós; 5) a filosofia de Arthur Schopenhauer; 6) a filosofia de Gandhi, tornam-se argumentos de autoridade que corroboram a ideia de que a simplicidade é o caminho para a felicidade, em diálogo com os dizeres populares "dinheiro não traz felicidade" e "pobre é quem sabe ser feliz", os quais surgem, no encadeamento discursivo do texto, como as verdades que se pretende sustentar. As vozes de autoridade assumem, nesse contexto, um duplo papel: a) sua presença insistente no texto marca uma valoração da própria voz, que se sente autorizada a mobilizar referências variadas e complexas, sem, no entanto, aprofundá-las; e b) comprova o objetivo de garantir a vontade de verdade presente nas máximas, que não apenas favorecem a manutenção do estado de coisas, como também quase que indicam um perdão a quem muito tem. Em "A ordem do discurso", Foucault apresenta os princípios de exclusão externos, as forças

[48] Outros textos com essa perspectiva serão analisados no subitem 2.3.

coercitivas externas ao discurso que o delimitam, ao mesmo tempo em que limitam sua existência. Os sistemas de exclusão externos são a) “a palavra proibida”; b) “a vontade de verdade”; c) “a segregação da loucura”. Entre estes mecanismos, a vontade de verdade apresenta-se como o mais profundo, uma vez que:

> “(...) só aparece aos nossos olhos uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal. E ignoramos, como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuravam contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade, lá justamente onde a verdade assume a tarefa de justificar a interdição e definir a loucura; (...)” (FOUCAULT 2009, pp. 10-20).

Assim, o que fica na opacidade do texto é o fato de que as referências escolhidas buscam criar uma imagem favorável do escrevente e, ainda que se considere o social, a forma como é considerado parte de uma premissa que, na prática, não aprofunda as características pertinentes a cada uma das realidades apresentadas.

O texto seguinte, a exemplo dos textos E8 e E15, também constrói a argumentação por meio de um olhar para o passado como o lugar da felicidade pura (mencionada no texto no enunciado “sentimento puro”, sublinhado). Com base nisso, o escrevente busca comprovar que a busca da felicidade se tornou “distorcida” (enunciado sublinhado, no título), a partir do momento em que, com a Revolução Industrial, o capitalismo como se conhece hoje passa ser a realidade. Assim, há um olhar do escrevente para o social, uma vez que está estabelecida uma análise referente ao ideal de sociedade capitalista que circula pelo imaginário do escrevente, provavelmente por dialogar com a sua realidade. Contudo, esse olhar para o social não considera o fato de que há outras possibilidades, outras verdades sociais, para as quais o senso de realidade seria distinto.

E22: Uma busca <u>distorcida</u>

> *A busca pela felicidade é a principal impulsionadora dos desejos e vontades* ***humanos***. Como todos os aspectos que dizem respeito à **civilização**, esse tópico também foi alterado com o passar do tempo. Contudo, é perceptível que, desde a Revolução Industrial, passou-se a procurar a felicidade em coisas cada vez mais <u>supérfluas</u> e <u>insignificantes</u>.
>
> ***A formação da sociedade capitalista*** *é responsável pelo modo de vida em vigência atualmente*. Com a produção industrial em série, o trabalho comecou a ser supervalorizado em relação à arte, e o ARTESÃO, profissional que não considerava o lucro como principal objetivo e é denominado por uma palavra que conta com a mesma raiz que artista, PASSOU A SER UM OPERÁRIO. COM ESSA SEPARAÇÃO ENTRE O LAZER E A

> OBRIGAÇÃO, o significado de ser feliz começou a ser associado com as recompensas que o dever trazia, ou seja, com uma capacidade de possuir.
>
> Já no século XIX, filósofos e poetas percebiam essa alteração **na mentalidade da sociedade**. O realismo trata dos **dramas coletivos** criados com as indústrias, descrevendo os defeitos existentes nas cidades. Com a mentalidade de buscar o lucro a qualquer custo, criou- se **uma sociedade abusiva**, que impõe a todos que *a felicidade é um bem material*.
>
> Pode-se afirmar que ainda existem momentos de felicidade. No entanto, a noção geral de felicidade existente no século XXI ainda é corrompida diariamente pela mídia, que expressa que um produto pode ser o que falta para uma pessoa alcançar a felicidade. Quanto mais tempo as pessoas sofrerem essa influência, mais essa noção ficará impregnada na **mentalidade da sociedade**.
>
> Assim sendo, a busca pela felicidade foi seriamente afetada. Esse sentimento puro foi profundamente atrelado ao tangível, como se não fosse possível alcançá-lo por si só. As pessoas foram levadas a desejar uma felicidade aparente, e a busca pela mesma se tornou superficial.
>
> (Série do escrevente: 2ª. série do EM; gênero escolhido: dissertação)

Ao longo do texto, o encadeamento construído pelos termos sublinhados “distorcida”, “supérfluas”, “insignificantes”, “afetada”, “puro”, “tangível”, “aparente” e “superficial” instanciam a posição enunciativa de um escrevente que reconhece as falhas do sistema ao qual pertence, ainda que tomando por base um raciocínio até certo ponto inocente, uma vez que coloca como verdade fatos que dialogam com UMA verdade social. Assim, na crítica feita à sociedade capitalista (todas as referências a esse processo estão destacadas em negrito), reside uma crítica ao próprio modo de perceber o mundo. Para ratificar a posição, os primeiro e segundo parágrafos são iniciados por enunciados de tom proverbial que definem a ancoragem do texto: a) de um lado, a busca da felicidade, tema da redação; e b) de outro, a sociedade capitalista e o modo de vida por ela institucionalizado. Este é o ponto que se pretende criticar, sem, contudo, recusar. De fato, a crítica não atravessa a barreira dos próprios privilégios.

Na sequência, ainda no segundo parágrafo, o exemplo com o qual se procura evidenciar a mudança de perspectiva ocorrida com o surgimento da produção industrial (em caixa alta) faz transparecer a distorção com que se compreende o próprio capitalismo: o texto deixa visível o fato de que o sistema capitalista surge com a indústria (o que não é verdadeiro, posto que ele se transforma, mas já existia) e personifica na figura do artesão uma inverdade histórica como prova argumentativa da infelicidade que o mundo moderno evoca. É como se o artesão executasse sua função por prazer, como se não houvesse um lucro, um rendimento adquirido. Nesse sentido, a inocência da argumentação surge por meio de um

posicionamento quase saudosista, em relação ao passado – e quase determinista em relação à imagem do operário –, figuras que materializam as historicidades evocadas, juntamente com os equívocos no entendimento dessas historicidades. No terceiro parágrafo, o fechamento "a felicidade é um bem material" (em itálico), resultado de uma "sociedade abusiva" (em negrito) torna possível a compreensão quase determinista que a ideia de sociedade presente no texto promove; assim, mesmo que seja condenável um sistema que esvazia o valor da felicidade, sua possibilidade, vazia, é a única possibilidade possível, já que a "mentalidade da sociedade" (em negrito), no fechamento do quarto parágrafo, está moldada para a realidade do capital, do marketing e do consumo. Tudo isso é visto como algo que afeta a busca da felicidade: negativo na mesma medida em que inalterável.

O texto seguinte talvez seja um dos que melhor representa a contradição que reside no saltar o social – em diálogo com os textos E3 e E16, analisados no capítulo de metodologia. Este texto é uma dissertação pautada no paradoxo entre o *todos* (a humanidade) e o *um* (o subjetivo) – destaques em negrito ao longo do texto –, sem olhar para o outro, no sentido da alteridade que estabelece – ou é estabelecida – pela história, pelos valores e pelas relações só possíveis a um ser social. Por esse motivo, assumi como critério apresentar a análise deste texto neste capítulo, ainda que esteja presente o par direito / dever, recorrente em outros textos, cujas análises serão apresentadas no subitem seguinte.

E28: Felicidade, direito ou dever?

Encontrar o equilíbrio físico e psíquico tem se tornado um desafio diário para **muitas pessoas**. **Todas** procuram não só uma satisfação momentânea, mas uma plenitude durável, uma sensação de bem estar, conhecida também por felicidade.

Em um mundo contemporâneo como o nosso, muitas vezes, não conseguimos conciliar a tecnologia, o dinheiro e os bens materiais com o que realmente deveria importar: a felicidade. Estar feliz é uma das melhores sensações já experimentadas pelo **ser humano**.

Se estar feliz é tão bom, então porque não estamos felizes o tempo todo? *A verdade é que estar feliz, nem sempre, é uma escolha*. A felicidade pode ser sentida por termos um desejo realizado, um pedido atendido, um amor correspondido, um trabalho reconhecido ou simplesmente por aproveitarmos *a vida com as pequenas coisas que ela nos dá*, como um banho de cachoeira em pleno verão, um chocolate quente em uma noite fria, um sorvete em uma tarde de sol escaldante, entre outras. Muitas vezes *sentir-se feliz é só uma questão de viver a vida de maneira mais tranquila*, isto é, estar em paz **consigo**.

De acordo com o filósofo Aristóteles, a felicidade diz respeito à harmonia, ao equilíbrio, e à sabedoria de como usar racionalmente nossas virtudes a favor do bem. A maior dificuldade, portanto, está em como

> identificar esses elementos que compõem a felicidade, diariamente. Sem percebermos, algumas sensatas demonstrações de amor, carinho, afeto, confiança, lealdade, amizade acabam tornando-se motivo para um sorriso, que por serem tão automáticos deixamos de dar-lhes o devido valor. Enquanto para uns é algo rotineiro, para outros é uma raridade. A ausência ou privação da felicidade para alguns indivíduos pode acabar levando à depressão e ao isolamento. DESGRAÇAS E DESENCONTROS, POR MENORES QUE SEJAM, ACONTECEM PARA **TODOS** QUASE TODOS OS DIAS, A DIFERENÇA ESTÁ EM COMO **CADA UM** LIDA COM ELAS.
>
> No entanto, é essencial que convivamos com quem nos faz bem, quem nos dá motivos para seguirmos em frente, quem nos agrade e não quem sempre nos deseja o mal. Ser feliz depende mais do **empenho individual** que da **vontade dos outros**.
>
> *A felicidade* DEVE *fazer parte do dia a dia de* ***todos***, vivenciá-la não DEVERIA ser uma tarefa difícil. Cabe a cada **ente** refletir sobre **sua** vida, identificar o que **lhe** traz um maior bem- estar, e tentar alcançá-lo quantas vezes mais. Afinal, **todos** temos esse direito.
>
> (Série do escrevente: 2ª. série do EM; gênero escolhido: texto argumentativo)

Esta dissertação escolar redigida para pensar a felicidade sob o prisma ou do direito, ou do dever, como anuncia o título, acaba sendo uma demonstração da dificuldade do escrevente ao circular entre as noções da universalidade e de individualização. Assim como acontece em outros textos, nessa circulação não há a consideração do social, do coletivo, apenas aquilo que se entende como natureza humana em contraposição àquilo que, de modo geral, diz respeito ao indivíduo. Entre a felicidade ser um direito, ou um dever, prevalece o seu reconhecimento como um direito, como a frase final "Afinal, todos temos esse direito" ratifica. Note-se que, apesar de retornar ao parágrafo final, o dever anunciado no título é marcado, na língua, por uma titubeação presente no par "deve" / "deveria" (em caixa alta e sublinhado), alteração de tempo e aspecto verbal que repõe a voz universalizada de "todos" que inicia o último parágrafo (em itálico). Nesse sentido, o final do texto responde à pergunta do título ao concluir que a felicidade é um direito.

No primeiro parágrafo, o pronome indefinido "todas" (em negrito) é a primeira marca da universalização do direito à felicidade, que será comprovado no modo como se dá a finalização do texto: "Afinal, todos temos esse direito". No final do segundo parágrafo, ao trazer a ideia de "ser humano" (em negrito), fica fortalecida a imagem de um entendimento sobre o que seja o ser humano em sua relação com a experimentação da felicidade. Na sequência, o escrevente sai do lugar universal para passar a olhar para o que é próprio do indivíduo. No terceiro parágrafo, ao afirmar que "A verdade é que estar feliz, nem sempre, é uma escolha" (enunciado destacado em itálico), por meio do tom proverbial e da voz

coletiva, o escrevente faz a passagem do absoluto universal para o absoluto particular ao ancorar-se na ideia de escolha, um substantivo cuja natureza é a individualização. No encerramento desse parágrafo, o tom proverbial do enunciado "sentir-se feliz é só uma questão de viver a vida de maneira mais tranquila, isto é, estar em paz consigo" (também em itálico), corrobora a ideia de que, ainda que se levantem aspectos argumentativos diversos sobre a natureza da felicidade, ela é um exercício de um olhar do indivíduo para si mesmo – qualquer indivíduo, independente dos contextos sociais nos quais esteja inserido. Essa verdade ficará fortalecida quando, no quarto parágrafo, uma outra voz passa a participar do texto, uma voz de autoridade (destacada em cinza), que ratifica a verdade universalizante anteriormente apresentada.

Além disso, a finalização do quarto parágrafo "Desgraças e desencontros, por menores que sejam, acontecem para <u>todos</u> quase todos os dias, a diferença está em como <u>cada um</u> lida com elas" (em caixa alta) novamente coloca em evidência a contradição entre o geral e o particular. Entre o quantificador universal "todos" e o elemento distributivo "cada", há uma passagem muito enfática do universal para o individual, sendo que não há a explicitação da ação implícita no "como lidar". Nesse momento, ficaria a cargo do leitor supor que o escrevente considerasse o universo social de cada sujeito para justificar o modo como seja possível lidar com as questões impostas pela vida. Outro elemento a destacar-se é a temporalidade do cotidiano, marcada pelos trechos sublinhados "em um mundo contemporâneo como o nosso", "quase todos os dias" e "é essencial que convivamos", o qual também deixa evidente o fato de que a generalização do que seja humano extrapola a ideia da felicidade e determina, também, a relação espaço-temporal desse bloco uno e homogêneo da experiência: um só cotidiano, rotineiro e sistemático; um único modo possível de viver. O parágrafo final, no jogo de palavras produzido entre os pronomes "todos", "sua", "lhe" e o substantivo "ente" (em negrito), é definitivo ao estabelecer que entre o geral e o particular, o outro, no sentido maior da consideração de uma alteridade prevista nas relações sócio-históricas que nos definem, não está pensado quando se considera o direito à felicidade. É justamente pela compreensão do ser humano em um quase estado de natureza, na perspectiva da homogeneidade, que o texto é encerrado com o tom de aconselhamento – se há o império do eu e da homogeneidade, um único conselho serve a todos, do mesmo modo que os sermões proferidos nos discursos religiosos.

A crônica abaixo possui um exercício metaenunciativo, que é também o meio pelo qual se dá o encadeamento das ideias, estabelecido pela descrição, em toda a extensão do texto, do sentido da palavra "serotonina" (todas as passagens em que ocorre, inclusive

por referenciação lexical, estão destacadas em maiúscula e negrito e cada um dos comentários realizados, por sua vez, estão destacados em itálico). Enunciados como "(...) por travessura de meu inconsciente e pela mais pura timidez, 'serotonina'. 'Serotonina', disse a menina de humanas que vive nas nuvens. Serotonina", presentes entre a última linha do primeiro parágrafo e a primeira linha do segundo, denunciam um movimento do escrevente sobre a própria escrita e estabelecem o caminho pelo qual a reflexão sobre felicidade será dada. Esse movimento volta a ocorrer no último parágrafo, quando da aproximação do uso da palavra "serotonina" a algo como um "ato falho", momento que indicia uma reflexão sobre a própria escrita. Além disso, o texto como um todo pode ser considerado sob o prisma da metaenunciação, uma vez que, no último parágrafo, o enunciado "foi a minha capacidade de elaborar toda essa reflexão" (sublinhado e em itálico) é um comentário avaliativo do discurso em se fazendo.

E35: SEROTONINA

Um domingo à noite na Rua Augusta não poderia demandar nada além de horas falando besteira. Na inocência de minhas matutadas e falas superficialmente profundas, eu sentava com um amigo, um daqueles de personalidade gritantemente poética, reforçando o tom pseudo-filosófico e despreocupado da situação. Distraída, estranhei a repentina seriedade do papo quando ele me olhou profundamente nos olhos e me perguntou o que eu acreditava nos levar à felicidade. Fascinantemente, minha resposta imediata foi, *por travessura de meu inconsciente e pela mais pura timidez*, "**SEROTONINA**".

"**SEROTONINA**", *disse a menina de humanas que vive nas nuvens*. **SEROTONINA**. *Jamais suspeitaria que alguma parcela de meu cérebro retinha essa informação*. Assim que **A PALAVRA FOI DITA** tentei identificar a origem de *um reflexo tão racional vindo de uma pessoa tão contrária à vida pé-no-chão*. *A felicidade, supostamente o conceito mais abstrato da história das discussões de boteco, invocou em mim* **UMA SUBSTÂNCIA "PALPÁVEL"** como afirmação. Como isso seria possível?

A teoria desenvolvida em pensamentos silenciosos, em sequência, foi a de que análises abstratas estão morrendo. Ou estão fora de moda, não saberia dizer. A questão é que, a exemplo do tão eficiente *fast-food*[49], os valores e os pensamentos vêm sendo empacotados e distribuídos a nós no mundo moderno, em que o próprio conceito de felicidade parte de um consenso. ASSIM, A CONCEPÇÃO DE FELICIDADE É MUTUALMENTE INDIVIDUAL E COLETIVA, UMA VEZ QUE TODOS QUEREM ALCANÇÁ-LA, MAS ACREDITAM EM MEIOS DIFERENTES DE ATINGI-LA. Alguns creem no reconhecimento, outros no sucesso e no dinheiro - alguns têm fé nessa sequência. Ainda há aqueles

[49] Destaque da escrevente.

> que creem no amor e na paz, com suas lentes tidas como utópicas. Independente da dose de cinismo, todos querem o prazer, o contento e os meios para obtê-los.
>
> Para o filósofo Schopenhauer, indivíduos têm diferentes horizontes no que diz respeito ao que é possível se alcançar, e a felicidade está condicionada à saciedade de desejos; todavia, a tão esperada realização de um sonho apenas levará a uma nova ambição, nos condenando, portanto, à eterna insatisfação. Pergunto-me, logo, o que seria alcançar esse sentimento em sua forma mais plena. Talvez ele tome conta do corpo humano com tamanha proporção que, após alguns momentos de dança e risada, todos os seus sistemas sejam sobrecarregados e você caia duro no chão. Quem sabe por essa razão ninguém sobreviveu para contar, nos restando apenas a literatura pessimista e a especulação.
>
> De todo modo, tão surpreendente quanto a minha resposta, *foi a minha capacidade de elaborar toda essa reflexão* enquanto eu fingia escutar a fórmula para a felicidade de meu colega. Eu confesso, esperava uma reação mais marcante à quebra de expectativa ocasionada por **MEU ATO FALHO** *(em meus sapatos, um pensamento racional é quase um ato falho)*. Ao invés disso, agiu como uma pessoa normal, capaz de se esquivar da hiperleitura que acabo de lhes relatar: riu de leve e prosseguiu com algum comentário na linha de "Ache algo que a inspira e deixe que isso a mate". Aí eu caí dura, de felicidade.
>
> (Série do escrevente: 3ª. série do EM; gênero escolhido: crônica)

De fato, ao buscar entender a inesperada resposta do cérebro, o eu que enuncia no texto marca sua posição: alguém, supostamente de humanas, que não esperava racionalidade da própria parte, procura entender a própria relação, e a de outros, com a felicidade. Parte-se, portanto, de um olhar para si na tentativa de perceber o que faz feliz o indivíduo, e os outros. Nessa busca, tal qual outros vários textos, a escrevente constrói um raciocínio que marca a transição do eu para o mundo; contudo, nesse caso, o mundo é o social, imagem que se confirma na voz de autoridade presente no quarto parágrafo (enunciado sublinhado), por meio da qual se corrobora o fato de que os indivíduos estão sendo considerados, nesse texto, a partir de suas características, uma vez que cada um possui "horizontes" distintos. Na passagem, "Assim, a concepção de felicidade é mutualmente individual e coletiva, uma vez que todos querem alcançá-la, mas acreditam em meios diferentes de atingi-la", presente no terceiro parágrafo (em caixa alta), a flutuação do individual para o coletivo instancia a passagem do particular para o social.

Outro elemento presente nesse texto é o fato de que a timidez apresentada de início é uma pista de que a personagem do texto está, de fato, apaixonada pelo colega com quem conversa, ainda que tente representar que se trata apenas do encontro de amigos. A serotonina, seu suposto ato falho, é vista, no penúltimo parágrafo, como um elemento que,

talvez, em excesso, pudesse levar à morte de um indivíduo, como exemplifica a frase "Quem sabe por essa razão ninguém sobreviveu para contar, (...)", disposta nas duas últimas linhas desse parágrafo. Assim, o modo como o texto se encerra, com a frase do outro personagem, "Ache algo que a inspira e deixe que isso a mate" (penúltima linha), em diálogo com a reflexão silenciosa feita, mostra afinidade entre os pares e promove felicidade; como resultado do efeito do banho de serotonina, a personagem reconhece que cai dura de felicidade, nas duas últimas linhas do texto. Importante ressaltar, nessa situação, o indefinido "algo" (destacado em cinza) presente no dizer entre aspas: ele pode ser considerado ambíguo, o que colocaria em xeque a hipótese de ser o personagem rapaz o motivo da felicidade e a timidez fruto de uma situação de paquera. Isso porque o "algo" poderia ser a própria reflexão produzida, ou, ainda, a constatação de que o outro não estava interessado na reflexão produzida e, talvez por isso, não valesse a pena, ou mesmo a apreciação do ato falho. De todo modo, o uso aparentemente despretensioso do termo "serotonina" fica materializado no resultado da sensação de felicidade do final, ao mesmo tempo em que o texto apresenta um excelente exercício de metaenunciação, em que a palavra é o que significa e, ainda sobre ela, e a partir dela, se constrói uma reflexão.

O texto seguinte – um desabafo testemunhado por uma lágrima (termo sublinhado) – é um exemplo de presença do social, uma vez que a crônica parte da premissa de analisar um grupo específico (em negrito, no primeiro parágrafo) – o grupo escolar, em aproximação com a realidade da escrevente; também sua célula familiar, presente no quarto parágrafo, sendo o todos, nesse caso, marcado pela 1ª. pessoa do plural (em negrito). Contudo, no decorrer da análise, há a passagem do grupo para o universal (em negrito), no último parágrafo, em diálogo com a compreensão do homem em seu estado de natureza. Somado a isso, há o fato de o origami da borboleta simbolizar felicidade e liberdade, só permitidas ao individualista. No trânsito entre o social, o individual e o absoluto universal, a frase que resume o texto é "Ninguém percebe, mas todo mundo sabe disso.", presente no encerramento do quarto parágrafo e destacada em caixa alta.

E36: Origami

> Na minha escola, há pequenos grandes homens. **Todos** perdidos, vendidos, comprados. Os desejos ao alcance tornam-se consumados e a recompensa, atropelando a conquista, é tão rápida e impaciente que chega sem deixar tempo para mais de dois passos em sua direção. Nada os completa, pois nada é completo. *Seus* valores estão confusos e amontoados, refugiando-se secretamente em algum porão fundo, *temendo bombardeios*.

Tão escondidos que nem se percebe como estão sendo vendidos para marcas de cartões de crédito.

Enquanto o professor acumula palavras na lousa, penso como seria legal aprendê-las. Só serviram para perceber que **sou** a peça com defeito já desde o fornecimento de meus pais e a Escola S.A nada pode fazer para que o investimento deles não seja perdido. Acabei de aprender a pegar ônibus, mas serei reprovada e não sirvo para viver em sociedade se não descobrir, até semana que vem, como acabar com a fome no mundo. **Ok**. Só que só aprendo para o outro. Para me distrair, rabisco coisas espontâneas na mesa fria e vejo, pela janela, uma borboleta voando. "**Só** para nos lembrar do que não vamos ter", penso. E ela se vai.

Chegando em casa, a televisão me diz: "Seja original: seja como todos os outros. Não saia do padrão – mas seja autêntico". Devo ter entendido errado. Acho que deveria estar dizendo para eu procurar fazer algo sem a mínima influência de ninguém, sem as palavras de ninguém, sem nada de ninguém. *Sei que nunca refletirei totalmente outra pessoa, mas sempre quando penso em tirar de mim os instintos – que me tornam próxima de todos – e coisas com alguma relação com o outro, não vejo imagem refletida no espelho. É, não sei ser original.*

Meus pais chegam. **Fingimos** que **vivemos** juntos, que **queremos** saber da vida do outro e que **passamos** tempo o suficiente para nos conhecermos. É que temos de aprender a viver em sociedade e pensar no coletivo, mas quem não sofre e compra jardins de borboletas é aquele que sabe ser INDIVIDUALISTA e não depende do afeto dos outros. NINGUÉM PERCEBE, MAS **TODO MUNDO** SABE DISSO.

Mas à noite, quando **todos** se aconchegam em sonhos anticristãos, estou acordada, perturbada. Algo em mim quer sair. Começo a fazer do acaso eterno e inevitável da subjetividade meu amante e desenho palavras em uma folha quase branca. Assim, no infinito lento de um pensamento, pode-se ver o papel dobrar cinco vezes e se transformar no origami perfeito de uma borboleta. Num momento rápido como o bater de suas asas, o homem pode aproveitar os leves movimentos da divina dança que o animalzinho usa para, lentamente, pousar em seu ombro, sua mão, seus olhos e seu coração. E na clara luz do êxtase, escorre no rosto a única testemunha do culto – a única que cabe ali –, a lágrima.

"Tudo vale a pena quando a alma não é pequena.[50]*"*

(Série do escrevente: 3ª. série do EM; gênero escolhido: crônica)

Na primeira linha deste texto, tem-se uma entrada para algo semelhante a um julgamento – do outro, a princípio – pelo fato de fazer-se uma avaliação do grupo de convívio. Isso ocorre devido ao fato de a reflexão proposta ser um desabafo; ainda que encontre base na realidade escolar experenciada pelo escrevente, que convive com adolescentes que pertencem a uma classe social alta, exclui o enunciador daquilo que critica, numa construção que faz crer em seu distanciamento daqueles pertencentes ao mesmo

[50] Destaque do escrevente.

sistema e à mesma classe de que participa. Contudo, a sequência narrativa deixará testemunhada a avaliação feita também da família em geral e do próprio eu textual, em última instância. A presença do possessivo “seus” (em itálico e sublinhado), no primeiro parágrafo, aponta, novamente, para as falhas do outro. Contudo, como ficará indiciado nos parágrafos seguintes, sem o outro, para a redatora, nada sobra no espelho. Desse modo, é possível supor que o outro a quem se aponta o dedo é também a própria escrevente que, como fruto do mesmo meio, anuncia um conflito entre o eu e o que procura ver de fora, duas vozes que emanam da cadeia textual, mas que se confundem, pois o eu enuncia de posição muito próxima àquela em que o outro é colocado, marcado. A expressão “temendo bombardeios” (em itálico e sublinhada), presente no primeiro parágrafo, indicia a aflição de quem mascara as próprias preferências para pertencer a um grupo. Considerando o fato de que se trata de uma escrevente adolescente, sua posição enunciativa é a de quem se vê capaz de analisar, e reconhecer, um problema social, ao mesmo tempo em que permanece imersa na mesma historicidade.

A visão de escola enunciada no início do segundo parágrafo não pode ser ignorada. Esta adolescente vê a escola como empresa a quem os pais confiaram sua educação. Esta visão de escola é registro de uma visão social da escola como ambiente de cuidados e de correção, importando menos o que se aprende, e se faz algum sentido. Identificar a escola como uma S.A. (Sociedade Anônima – uma das siglas pelas quais são identificadas as empresas em seus registros) é marcar uma dimensão de negócio que ela pode ter, e o valor mercadológico que a relação entre ensinar e aprender acabou tomando. Mais uma vez, há a posição enunciativa de aluno, membro de comunidade escolar, que não se percebe membro da comunidade que rejeita. Neste texto, talvez seja a fantasia do origami que dá lugar ao imaginário de não-pertencimento, o que permite afirmar não se reconhecer entre os amigos, a escola, a família, o marketing, o mundo, mas reconhecer-se na imagem de uma borboleta, simbologia para uma outra fantasia, a de ser livre e poder escrever a própria história. É válido notar, ainda, que esse desejo de liberdade está atrelado a uma imagem crítica do caráter individualista (em caixa alta) que a vida familiar tem tomado (cf. quarto parágrafo).

A palavra “ok” (sublinhada e em negrito) marca concordância com certa visão quanto ao que é importante aprender. Na sequência, a expressão restritiva “só que” (também sublinhada e em negrito) surge como nova marca linguística que faz uma ressalva ao que foi afirmado, corroborando a visão de que o outro, a própria sociedade, é determinante do modo de ser do indivíduo (“só aprendo com o outro”).

O enunciado “Ninguém percebe, mas todo mundo sabe disso” (em caixa alta), que encerra o quarto parágrafo, contrapõe, por meio de uma oposição, as expressões “ninguém” e “todo mundo”. Esta oposição fica ainda mais estabelecida por meio da negativa em perceber, relacionada ao fato do pleno, absoluto, conhecimento. Tanto o pronome indefinido “ninguém” quanto a expressão, também indefinida, “todo mundo” marcam o deslocamento entre o indivíduo e uma coletividade que desconsidera tudo o que define o sujeito, em sua constituição sócio-histórica. Vale ressaltar que o enunciador ocupa, uma vez mais, um lugar de fora desses quantificadores universais, tanto do negativo (“ninguém”) quanto do afirmativo (“todo mundo”), já que ele não só saberia como também perceberia. Por outro lado, o último parágrafo do texto confirma a hipótese de essa narrativa ser um desabafo – sobre os colegas de classe, sobre a família, sobre as cobranças do mundo, sobre um todo mundo generalizante, sobre os desejos da carne – e representar um trânsito. Novamente, há um movimento entre o eu, o social e o todo mundo: do fato de que todos (aqui, sinônimo de ser humano) possuem sonhos anticristãos, o sonho anticristão do eu textual manifesta-se no enunciado “algo em mim quer sair” (em cinza); do eu que escreve os desejos em um folha branca para o homem (em cinza) alvo desses desejos, a quem se pretende fazer a mensagem chegar por meio do origami da borboleta – aquela que pode romper o silêncio ao conduzir as palavras. O texto lida, desse modo, com o aspecto das determinações sociais e o faz de um modo singular. Na oposição entre o homem e o animal, quando seria de esperar que se tratasse do homem em geral, inverte-se o sinal e a ideia de “homem” passa a pertencer ao ritual particular, cultural e socialmente situado, dando potência ao indivíduo ao defrontar-se com essas determinações. A própria citação entre aspas do final – remetendo a Fernando Pessoa –, uma representação do discurso outro, testemunha a tendência à totalização, mas ainda a partir do ritual vivenciado.

O título do texto seguinte, “Black Label para dor na vida”, marca o início de uma narrativa que se constrói nos limites dos gêneros crônica, conto e relato pessoal. Este texto apontará uma associação constante entre o que passou e o presente, duas noções temporais, somadas aos lugares de felicidade e infelicidade: esta mora no passado, ancorada nas desilusões de uma vida marcada por fracassos; aquela reside no presente, tempo da recuperação e do recomeço. Além disso, essa narrativa apresenta uma visão de dor que transcende o indivíduo e, por isso, ganha *status* de verdade plena, própria do homem, em mais um momento de universalização da representação da humanidade. Isso ocorre, pois, ainda que as imagens de sofrimento (em caixa alta) listadas pelo eu textual estejam relacionadas a um sujeito em recuperação, são indícios do imaginário coletivo referente ao

que pode provocar “dor na vida”, como registra o título. A própria imagem do álcool como consolador – considerando o fato de uma possível dependência química – é evocada do imaginário coletivo, o que dá à cena construída um caráter homogeneizante.

E41: Black Label para dor na vida

Em minha frente há uma passagem enquadrada, em que se lê *“um dia de cada vez”*. Aqui chamamos isso de incentivadores para a recuperação. Também participamos de grupos de apoio terapêutico, somos submetidos a exames médicos semanais e ensinados a valorizar a limpeza do organismo. Tudo em nome da nossa própria felicidade, *eles dizem*.

Mas as paredes são brancas demais para se acreditar em felicidade. Os corredores são estreitos demais para se pensar em liberdade e os remédios muito fortes para se cogitar a saúde. Mesmo assim, não recebo visitas e tenho que me distrair do barulho que fazem lágrimas alheias, por isso refaço a minha trajetória para descobrir o porquê de eu ter acabado aqui.

A MORTE DE MEUS PAIS ENQUANTO ADOLESCENTE, tendo como resultado DISCUSSÕES COM TERMOS JURÍDICOS QUE IMPEDIRIAM A COMPREENSÃO DE QUALQUER JOVEM DE 15 ANOS, seguida de UM DIVÓRCIO QUE ME FEZ PERDER MAIS TEMPO E DINHEIRO DO QUE EU ESTAVA DISPOSTO A GASTAR, não somam exatamente para a plenitude.

Questionei, em um primeiro momento, O MEU MERECIMENTO DE TÃO TRÁGICO DESTINO. Eu não era um garoto desobediente ou um marido infiel. Justamente por isso AFOGUEI EM BEBIDA A CULPA POR TER TIDO VERGONHA DE ABRAÇAR A MINHA MÃE EM FRENTE À ESCOLA. AFOGUEI EM FREQUENTADORAS DE BAR A DESVALORIZAÇÃO PELO AMOR QUE SENTIA PELA MINHA MULHER, até ela passar mais tempo na casa da irmã e eu tocá-la exclusivamente ao procurar o controle remoto em meio aos lençóis.

Salvo pela literatura, Machado de Assis me fez muito mais feliz do que os envolvidos em minha criação. Brás Cubas, com UMA DERROTA PROFISSIONAL SEMELHANTE À MINHA, recebeu conselhos sobre a pior filosofia ser “a do choramingas que se deita a margem do rio para o fim de lastimar o curso incessante das águas.” O meu conceito de felicidade, a partir de então, baseava-se na superioridade, somado a não transmissão dos meus genes alcoólatras a nenhuma criatura. E foi isso o que eu aprimorava até O MOMENTO DA MINHA DEMISSÃO, seguido de um período em que ninguém no país parecia estar interessado em quem não apresentasse no currículo a fluência na língua inglesa.

ENFRENTEI AS NÃO ADMISSÕES ao som de Cazuza, direcionando a minha felicidade para a rebelião. Algo no fato de ele cantar para “os miseráveis que vagam pela vida derrotados” e reconhecer ideias que não correspondem aos fatos me fez sorrir e considerar as minhas indagações o caminho certo para o sucesso. Mas a década de 90 trouxe consigo a morte do meu ícone, iniciando a minha devoção pelas discussões internas da Clarice bem NO MOMENTO DO FIM DA MINHA ÚLTIMA GARRAFA. Assim

> foi marcado o começo do meu apreço pela poesia e pela ingestão de perfumes caros.
>
> Os trágicos acontecimentos pelos quais Macabéa passou me deram um senso de realidade, TUDO PODIA ESTAR PIOR. Eu não estava ainda no nível das cartomantes, mesmo o Black Label fazendo o papel da aspirina para dor na vida. Nem preciso detalhar o que virou a felicidade quando passei pelo sentimento mundano de Drummond ou pela valsa triste de Oswaldo Montenegro. Ou o quanto a sobriedade tornou-se infeliz depois do contato com a melancolia de Bukowski e com o assassinato de Gatsby e toda a sua inocência.
>
> Hoje eu sei que toda essa terapia em grupo a qual sou submetido aqui me fez perceber que INFELICIDADE ÀS VEZES VEM NO COPO. On the rocks ou tinto, de vez em quando com fruta e ocasionalmente do bico. *Felicidade mesmo é conseguir viver um dia de cada vez.* Muito prazer para quem não me conhece, meu nome é Plínio e eu estou há 17 dias e 6 horas sem ingerir álcool.
>
> (Série do escrevente: 3ª. série do EM; gênero escolhido: crônica)

Nesta narrativa, o enunciador é um sujeito alcoólatra em recuperação, internado em uma clínica. A ideia de um dia de cada vez dialoga com o típico trabalho dos doze passos para a recuperação. Já na primeira linha, o tempo presente, sua sequência e a possibilidade de recuperação conseguida paulatinamente com o apoio da certeza de haver um dia após o outro aponta o passar do tempo como um personagem para a argumentação que se seguirá. Assim como será visto na análise do texto "O Quadro" (analisado no capítulo 3), o tempo que figura como personagem dessa narrativa é o tempo psicológico-social, alimentado por uma linha cronológica, mas não só, pois também está construído com base em um pacote de valores que sustenta uma visão de felicidade, e de infelicidade, instanciada ao longo da narrativa por várias vozes de autoridade presentes no texto (enunciados sublinhados) que atribuem valor de verdade inquestionável às situações de sofrimento mencionadas (em caixa alta).

De fato, aquilo que fala antes, no texto, pode ser visto no indício "eles dizem", em associação com o enunciado da placa "um dia de cada vez" (ambos em itálico), anunciado ao fim do primeiro parágrafo, o qual personifica, talvez, as pessoas da clínica (médicos, enfermeiros, terapeutas); contudo, é possível expandir esse "eles" para quaisquer outros que falem no texto, evocando imagens típicas do cotidiano, tais como "vai passar", "nada como um dia após o outro", "dê tempo ao tempo", entre várias outras expressões que são a ancoragem para a noção de tempo como elemento que promove redenção. Nesse sentido, é a voz coletiva e o tom proverbial que sustentam a imagem do tempo, uma vez que esses enunciados estão dialogicamente vinculados à máxima "o tempo cura tudo", presente no

imaginário coletivo. No último parágrafo, o tom proverbial presente em “Felicidade mesmo é conseguir viver um dia de cada vez” (destacado em itálico) evidencia a passagem de um dizer outro para a voz do eu textual, fato que anula a distância entre o “eles” do primeiro parágrafo e o enunciador Plínio – o eu textual que enuncia, apresentado nas últimas linhas do texto.

A partir do quinto parágrafo, as vozes de autoridade passam a compor o desabafo em processo: por meio da comparação, ficam estabelecidas caraterísticas da personagem Plínio, além de essas metáforas também pormenorizarem o tamanho do sofrimento vivido. Por esse motivo, entre o quinto e o sétimo parágrafos, todos os elementos instanciados são incorporados aos elementos de sofrimento do passado – o que, às vezes, promove a paráfrase de frases célebres da literatura brasileira, como o encerramento do romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas” – de modo a fazer com que literatura e música corroborem o imaginário coletivo das situações de dor enumeradas ao longo do texto: a) perder os pais; b) passar por um divórcio; c) perder o emprego; d) não conseguir recolocação; e) afogar as mágoas no álcool. É como se o passado fosse um apanhado geral de tudo o que pode dar errado, o que comprova a universalização do sofrimento do homem. As vozes de autoridade, nesse sentido, podem ser vistas como essenciais a partir do momento em que funcionam como uma régua, uma medida valorativa das experiências que, em última instância, tornam-se o canal que justifica e promove a redenção da culpa e abrem espaço para o sucesso do período sem beber, registrado no enunciado final da narrativa.

As duas últimas frases do texto são o fechamento: ali fica esclarecida a posição enunciativa, para quem se fala e sobre o que se fala: 1) fala-se do lugar de um dependente em recuperação, que precisa reviver os próprios infernos – que são dele, mas, ao mesmo tempo, de todo mundo; 2) fala-se para, possivelmente, um grupo de também dependentes em uma reunião; contudo, não só: fala-se para o mundo sobre um retrato, uma cena do cotidiano, a qual encontra a docilidade do auditório, dado o seu caráter homogeneizante; e 3) fala-se do passado e do álcool como os representantes da máxima infelicidade; do presente, da habilidade de viver um dia de cada vez, como a certeza do recomeço. Neste fim, o tempo psicológico-social funde-se ao tempo cronológico em um sentimento de satisfação, algo associado à ideia de felicidade, que era, de fato, o tema da redação proposto aos escreventes. Mais que isso: o imaginário coletivo no qual se ancora a narrativa é o imaginário também dos avaliadores de um concurso de redação, de modo que permite alcançar a docilidade do auditório e, talvez, a premiação.

2.3 A voz coletiva e o tom proverbial

Nos textos analisados, é também comum observar que os escreventes buscam apoio na combinação de um tom proverbial com a instanciação de uma voz coletiva que corrobora as visões de mundo enunciadas acerca da felicidade e, também, fortalece o fato de que a perspectiva é sempre a do *eu*, mas tomada como a realidade de *todos*. Considerando isso, o tom proverbial será tomado como ferramenta de análise neste trabalho como "marcas proverbiais" (ALVES 2013, p. 14), não no sentido estrito da autora – a qual abordava o provérbio como gênero do discurso em redações de vestibular –, mas fazendo as interpretações de cada ocorrência proverbial ocorrida nos textos em análise, considerando o fato de que as marcas instanciam "diferentes formas de ocorrência do provérbio"[51] (ALVES 2013, p. 14) nas redações do concurso de redação. De fato,

> "Verdades imemoriais por definição, os provérbios, com muita justiça, fazem parte do dicionário da língua. Não é possível, em sentido estrito, citar um provérbio, relatá-lo; pode-se apenas referi-lo a um Outro absoluto no qual estaríamos incluídos por direito." (MAINGUENEAU 1987 p. 100-102 *apud* POSSENTI 2009 p. 151)

Partindo do pressuposto assumido na consideração do tom proverbial, outra característica do tom proverbial, e também das manifestações da voz coletiva nos textos, é a natureza aforizante que essas afirmações possuem. Dado o fato de que esses ditos, essas expressões cristalizadas, trazem à tona a memória discursiva constitutiva dos enunciados, é preciso ter em conta que "A enunciação aforizante implica a utopia de uma fala viva sempre disponível, que atualiza o 'memorável': enunciando e mostrando que enuncia, ela se dá como parte de uma repetição constitutiva." (MAINGUENEAU 2010, p. 14). Essa característica constitutiva do enunciado aforizante é o que dá à voz coletiva, quando surge no encadeamento textual, a qualidade de trazer ao texto uma verdade absoluta, pois "a aforização institui uma cena de fala onde não há interação entre dois protagonistas colocados num mesmo plano." (MAINGUENEAU 2010, p. 13), fator que universaliza o auditório a que se destina o enunciado, colocando em evidência o enunciador e o caráter de verdade estabelecida do dizer aforizante.

---

[51] Ainda sobre a compreensão do provérbio, ou de expressões de tom proverbial, Alves afirma: "Do ponto de vista formal, as expressões ditas cristalizadas são configuradas em enunciados de curta extensão que apresentam efeito de validade universal e atemporal e que, ao sintetizar orientações do viver, são compreendidas como 'sabedoria das nações'. Esses enunciados podem ser constituídos de rimas, paralelismos e construções em duas ou mais partes, sendo elas de iguais ou aproximados números de sílabas poéticas. Podem ainda apresentar caráter definitório quando apresentam em sua composição o verbo 'ser' ou alguma construção com sentido correspondente." (ALVES 2013, p. 19)

Nessa perspectiva, são duas realidades que melhor se apresentam: a) a felicidade como o simples, o fácil, em diálogo com o poema de Mário Quintana presente na coletânea entregue aos escreventes; e b) a felicidade como inerente e (i)material, vista concomitante, e paradoxalmente, como um direito e um dever do cidadão, responsável pela própria felicidade – nesse caso, o diálogo está diretamente estabelecido com o primeiro texto da coletânea, no qual a ideia de felicidade como impulsionadora do mundo é apresentada, além do último texto que, diretamente, trata a felicidade como um dever, compreensão decorrente de um estado de coisas pós-moderno.

Uma característica presente nos textos analisados na sequência, tanto naqueles que veem a simplicidade como o caminho, quanto nos que têm, como eixo, o par direito X dever, é o tom de aconselhamento, algo bastante marcado e que precisa ser compreendido. Nesse sentido, considerando os textos ofertados aos alunos na proposta de redação, torna-se necessário compreender que o tom de aconselhamento está presente no poema de Mário Quintana no qual, além de ser percebida a noção de simplicidade por meio da ideia de a felicidade estar debaixo dos olhos, também há, implicitamente, o aconselhamento de que a felicidade não deve ser buscada, mas sim enxergada, em um lugar pertinente ao simples da vida. Também de modo implícito, o tom de aconselhamento pode ser visto no texto de Hobsbawm, por meio da indicação da humanidade como espécie diminuída – nesse caso, tanto o aconselhamento subentendido deve ser considerado, quanto o fato de a ideia de humanidade surgir na proposta de redação, dando espaço para a compreensão do absoluto; essa compreensão permitirá que se estabeleça a contradição entre o “eu” e o “todo mundo”, já detalhada nos subitens 2.1 e 2.2. Também é possível considerar o tom de aconselhamento como engendrado na relação dialógica estabelecida entre o escrevente e o professor. Aconselhar, encaminhar, sugerir, são ações típicas da prática docente que enviesam os caminhos de escrita dos escreventes. Além disso, nos textos há o constante diálogo com o já falado/escrito, a todo momento evidenciado no tom proverbial e na voz coletiva.

Nesse sentido, o papel do outro é fundamental na compreensão dos textos, pois estes testemunham a heterogeneidade (mostrada e constitutiva) que emana na cadeia textual, denunciando as vozes várias (considerando um olhar bakhtiniano), ou mesmo o encontro de formações discursivas que ora se tocam, ora se repelem, mas que juntas permitem dizer o que será dito aqui, e em nenhum outro lugar. Assim, no emaranhado de elos que se estabelecem, o desafio da autoria reside em localizar, nas contradições, nas ligações, nas veredas que o texto levanta, os momentos em que um dizer indicia uma singularidade – na singularidade, uma ideia de autoria. A voz coletiva e o tom proverbial passam, assim, a

representar de forma mais direta e explícita o(s) outro(s) (discurso(s)) com o(s) qual(is) o enunciado está vinculado. O próprio *modus operandi* por meio do qual um provérbio seja instanciado pode ser um indício de autoria, de uma manobra, de um "jogo" estabelecido por um "eu" que pode dar ao provérbio de sempre um ar de novidade, no novo acontecimento que é o enunciado.

> "(...) o que mais interessa destacar é a diferença entre enunciar um provérbio, isto é, um discurso 'de outro' numa determinada circunstância, e *produzir* este novo enunciado, com base no material do outro discurso. Qual é a instância responsável por esta novidade? Por que não reconhecer um 'eu' com um papel ativo nestes textos, responsável pela alteração produzida sobre e a partir do discurso do outro?" (POSSENTI 2009 p. 55)[52]

2.3.1 O simples como critério

O texto seguinte, uma crônica, parte da noção de simplicidade para pensar o estar feliz na contraposição entre o ter e o ser. Nele, o dito "pobre é quem sabe ser feliz" emana como instanciação da voz coletiva.

E1: Uma <u>Simples</u> Felicidade

Todos nós passamos por altos e baixos na vida, ficamos alegres por coisas bobas que nos aconteceram, tristes por algo que não deveríamos ficar, e rimos sem saber o motivo. Mas também, acontecem coisas que nos fazem refletir sobre o que realmente é a felicidade, ou o porquê de nos estressarmos sem necessidade.

Em uma tarde de sexta-feira, **saio** de uma loja perto da minha casa, muito irritada com minha mãe, pois ela não queria me comprar um bendito sapato que achei lindo, afirmando ser muito caro e que eu já tinha muitos parecidos com aquele, o que me deixou mais brava ainda, porque ela sempre diz isso. Tenho uma discussão com ela, o que me deixa de cara fechada.

Entramos no ônibus para voltar para casa. Não troco uma palavra com minha mãe, que parece estar frustrada pelo jeito que estou reagindo a essa situação. Sentamos juntas no banco. O ônibus começa a andar e ainda estou mal humorada, pensando em como a minha mãe conseguiu estragar a minha tarde. Olho para o lado e ela também está com a cara fechada, assim como faz sempre que nós brigamos, então, já estou acostumada.

O ônibus para em um ponto e vejo uma mulher um pouco idosa subindo com dificuldade no ônibus. Sua pele era desgastada, suas roupas eram um pouco sujas, as mãos eram meio trêmulas e seus cabelos eram

[52] Em outro artigo, intitulado "O sujeito e a distância de si e do discurso", Possenti segue na análise das manobras do sujeito, às quais determina assim: "Moral da história: temos ao mesmo tempo o discurso citado e a inovação, o produto e a manobra. Para avançar minha tese, diria que o enunciado final não é um efeito automático da própria linguagem, mas que exige um sujeito / agente, um locutor que executa manobras, que trabalha sobre dados (estereotipados) de linguagem." (POSSENTI 2009, p. 102)

> grisalhos. Devia ter uns 60 anos bem sofridos. Ela se senta no banco em frente ao nosso com um pouco de dificuldade.
>
> Depois de um tempo, a observo se mexer e se abaixar para pegar alguma coisa no chão, com o ônibus ainda em movimento. Uma nota de cinco reais. Uma nota velha e bem aproveitada. Olho para seu rosto e percebo um lindo sorriso abrindo-se no canto de sua boca e um brilho em seus olhos, como se tivesse achado alguma coisa muito valiosa. Pergunto-me se isso realmente faria alguma diferença em sua vida, mas acho que sim, pelo jeito que ela encara a nota, sorridente. Olho para minha mãe e ela também está a encarar a senhora.
>
> Após alguns minutos, minha mãe sussurra em meu ouvido: **"Às vezes, quem menos tem, é quem mais sabe ser feliz com aquilo que ganha"**. Reflito sobre o que ela acabara de me dizer, pensando que fiquei chateada por uma coisa boba. Olho para a senhora e sorrio. Depois, **viro**-me para minha mãe e a dou um abraço bem apertado.
>
> (Série do escrevente: 9º. ano do EFII; gênero escolhido: crônica)

A palavra-chave do título, o adjetivo "simples", é o que contrapõe riqueza e miséria, associando simplicidade com pobreza, de modo a representar uma afirmação bastante típica do senso comum, algo como "dinheiro não traz felicidade", ou "só sabe ser feliz quem é pobre", dizeres proverbiais com os quais a crônica acima está em ação responsiva. Para representar essa ideia de simplicidade – assumindo como posição enunciativa aquela que é a da riqueza, contrária, portanto, à do simples – o escrevente trabalha com a ideia de simplicidade ao longo do texto, mas há três ocorrências – sublinhadas – que melhor se destacam: a) o adjetivo "simples" do título, associado à ideia de felicidade; b) a frase "60 anos bem sofridos", caracterizando a senhora idosa; e c) a frase "uma nota velha e bem aproveitada", que caracteriza a nota de R$ 5,00, cujo baixo valor não se mostrou suficiente para representar sua simplicidade. Por meio dessas expressões adjetivas, dá-se o encadeamento do texto, cujo objetivo é provar a simplicidade da felicidade, associada à aquisição material, não a sentimentos ou a sensações.

Da posição enunciativa de uma adolescente privilegiada, que escuta da mãe sempre as mesmas coisas, e que frequentemente se chateia, há a apresentação da simplicidade, identificada à miséria, como talvez o lugar da felicidade: no ter pouco, qualquer coisa é um alento; logo, é mais feliz quem tem pouco, pois qualquer pouco lhe agrada. É de se notar que, na tentativa de enaltecer o contentamento com pouco, a atitude da apropriação de algo alheio por parte da passageira fica desconsiderada pela escrevente. Quanto ao rico, sua infelicidade justifica-se por precisar de muito, algo que fortalece o distanciamento entre a realidade concreta e algo como realidade, compreendido no contexto de quem vê o mundo sem considerar a profundidade das experiências.

No último parágrafo, o recurso explícito ao provérbio – em negrito – colocado como discurso citado na voz da mãe é o registro que amarra a generalização iniciada com "Todos nós", no primeiro parágrafo. Essa generalização é, na sequência, particularizada na 1ª. pessoa do singular do verbo "saio" e na 1ª. pessoa do plural do verbo "entramos" (sendo o "nós" referente, aqui, apenas às duas personagens da narrativa). O provérbio do parágrafo final volta à generalização do início por meio da repetição do pronome "quem" presente na fala: assumindo um caráter de elemento indefinido, esse pronome dialoga com o "todos nós", fazendo com que o texto aponte a ausência do social, por meio do recurso à voz coletiva como assunção de verdade, a qual corrobora a imagem de que é mais fácil ser feliz sendo pobre, uma vez que o mínimo satisfaz, restando ao rico algo como o dever de ser feliz, lugar comum que é a base para a narrativa apresentada.

Já no título, "Resquícios de felicidade", o texto seguinte introduz o simples como critério para a felicidade. Em diálogo com o poema de Mário Quintana, presente na coletânea, este artigo de opinião se apoia em metáforas, no tom proverbial e na voz coletiva como estrutura para o seu encadeamento.

E10: Resquícios de felicidade

Pois é, é só às vezes que conseguimos tocar **os suaves e perolados mantos da felicidade**, que suas mãos acariciam o nosso coração, *enrubecem nossas bochechas* e nos trazem essas *aconchegantes memórias*, que vagam distraídas pelos *escombros de nossa mente*. Ela sempre chega de fininho, sem fazer barulho.

Ah, o por do sol. Ele me faz lembrar dela. Dessa felicidade que eu sinto às vezes. As irregulares pinceladas amarelas e alaranjadas, com delicados pingos brancos, prendem meu olhar. Não por muito tempo. Mas por tempo suficiente *para saciar a minha gula* por mais **uma migalha de felicidade**.

Entre os vastos campos que entrelaçam-se e formam o tabuleiro da vida, caminhamos a procura do desconhecido. *Nos infiltramos nos bosques já sonolentos, fartos de guiarem viajantes sem rumo, incrédulos, desconcertados*. A cada passo, *pisamos em nas teclas de um piano*, sem saber ao certo, quais produzirão sons harmoniosos, macios aos nossos ouvidos, e quais os farão sofrer com ondas desafinadas, perturbadoras. Quanto mais perto chegamos da estrada esburacada do futuro, *somos esmagados pelas mãos impiedosas da indecisão*, que clamam e apertam por uma escolha concreta de um rumo abstrato.

A verdade, é que a felicidade é um caminho prolixo. Flutua como uma pena, lenta, suspensa de uma lado ao outro, sem um caminho que cesse nossos anseios, que cure nossas dores, que guie nossos destinos e nos despertem da tristeza inevitável. *É um rouxinol*, que acompanha os

> desesperos de longe, só manifestando-se conforme o instinto lhe desperta. Inconstante. Indefinível.
>
> *Visualizemos a felicidade como uma balança de satisfação*. É impossível aplicar na prática o equilíbrio. Mas se alcançarmos o ápice de um dos extremos, sendo um negativo e o outro positivo, não será constante. Apenas vislumbraremos momentaneamente, a certeza de estado de espírito, a nossa existência.
>
> As irregulares alegrias, mostram-se nos mais **simples e insignificantes detalhes**, aqueles que passam-se batidos às nossas mentes distraídas. *Tais rouxinóis da felicidade, escondem pelas páginas em branco da vida*, **fragmentos de prazeres** que, a cada vez encontrados, preenchem nossos corações, nem que por um segundo, e se acumulam *nesse interminável livro de compõe a nossa história*.
>
> A busca pelo júbilo é incessante e interminável. Nunca estaremos satisfeitos, nem com a mais duradoura das reconfortantes sensações. Seguir em frente é o único caminho, e sobreviver com os **resquícios de felicidade**.
>
> (Série do escrevente: 1ª. série do EM; gênero escolhido: crônica)

A simplicidade está presente, sobretudo, nos termos destacados em negrito: "suaves", "perolados", "migalha", "simples", "insignificantes", "resquícios". Estes enunciados, por meio dos quais a coesão lexical do texto fica estabelecida, expressam, a todo o tempo, que a felicidade reside "nas pequenas coisas da vida", evidenciando, assim, a responsividade a essa voz coletiva. Somado a isso, as metáforas, destacadas ao longo do texto, em itálico, fazem a aproximação entre o sentimento de felicidade e a sensação de estar vivo, instanciando uma posição enunciativa que reconhece viver como estar feliz, em diálogo com algo como "o simples fato de abrir os olhos diariamente já é motivo para ser feliz", dizer presente no imaginário popular, relacionado ao universo da chamada autoajuda.

Ratificando essa posição, o tom proverbial das sentenças que iniciam os parágrafos 4, 6 e 7 torna a verdade defendida no texto absoluta, devido às frases declarativas que propiciam a definição do que seja felicidade. No quarto parágrafo, o uso do adjetivo "prolixo" chama a atenção pelo inusitado dessa metáfora que é a concretização de um sentido *nonsense*. A palavra "prolixo" significa redundante, desnecessário; ora, se a felicidade é "um caminho prolixo", ela é desnecessária. A preocupação com "escrever bonito", imaginário da escrita pelo qual circula este escrevente, provocou um vazio semântico que nega aquilo que o texto vinha desenvolvendo: deixa de ser o olhar para o simples, para o que a felicidade – quase personificada – oferece aos homens, e passa a ser desnecessária. De todo modo, iniciar os parágrafos de um texto argumentativo com recurso ao tom proverbial é estabelecer a verdade como global, fazendo da particularização o universal, caso em que se inclui também a interpretação do mesmo enunciado como uma metaenunciação a respeito do próprio

desenvolvimento do tema abordado: “a felicidade é um caminho prolixo”, em que o qualificativo deixa de ser *nonsense* para se aplicar bem ao caráter da escrita praticada no texto.

O simples volta a ser o eixo na dissertação abaixo. Neste texto, o tom proverbial e a voz coletiva estão somados à instanciação de outras vozes várias, por meio de exemplos e de posições de autoridade, cujo objetivo final será estabelecer o dialogismo com a máxima popular “dinheiro não traz felicidade”, na ânsia de comprovar sua irrefutável verdade. Contudo, o paradoxo entre a realidade concreta e uma imagem dessa realidade assumida pelo escrevente culminarão em uma argumentação por vezes confusa, que, na prática, não se sustenta.

E25: Procura-se a felicidade

A felicidade é o estado de quem é feliz, é composta por diversos sentimentos e emoções, que pode ser o fruto da realização de um desejo ou até um SIMPLES fato, como uma pessoa bem humorada. Dessa forma, esse sentimento é um elemento motivador para o SER HUMANO fazendo com que o INDIVÍDUO siga em frente para encontrá-la. E, por ser um estado afetivo provocado por algo, é necessário que se encontre aquilo que faça a PESSOA feliz.

A SOCIEDADE busca cada vez mais no consumo uma forma de prazer, como se o ato de consumir ou o fato de possuir dinheiro trouxesse felicidade. “**Dinheiro não traz felicidade**” disse um pedreiro de Guarulhos, São Paulo, que foi sequestrado depois de receber um prêmio de 7,8 milhões de reais da Mega-sena em dezembro de 2013.

Ademais, um provérbio inglês diz “**dinheiro não compra a felicidade. O dinheiro não traz felicidade**”. Porém, em uma pesquisa divulgada pelos economistas Betsey Stevenson e Justin Wolfers da Universidade de Michigan, que relacionava o nível da renda e da autodeclarada felicidades das pessoas, mostra que quanto mais dinheiro o INDIVÍDUO possui, maior é a possibilidade de ser feliz. **O dinheiro pode propiciar a compra de bens materiais, mas não se compra um sentimento**.

Além disso, de acordo com o filósofo alemão do século XIX Arthur Schopenhauer, “o dinheiro é uma felicidade humana abstrata; por isso aquele que já não é capaz de apreciar a verdadeira felicidade humana, dedica-se completamente a ele”. Atualmente, na SOCIEDADE o consumo e a matéria são supervalorizados. Porém, existem pessoas que possuem prestígio e dinheiro, no entanto não são felizes, como é o caso da princesa Masako do Japão. Ela era uma diplomata de carreira que se casou com o príncipe Naruhito, o primeiro na sucessão do trono japonês. Entretanto a pressão da Casa Imperial para ela dar um herdeiro foi grande, causando estresse e depressão, afastando-a da vida pública e de compromissos oficiais, por isso acabou sendo chamada de a “princesa triste”.

> Portanto, **a felicidade está presente em pequenos atos** que provocam esse sentimento, e, segundo Arthur Schopenhauer, "a nossa felicidade depende mais do que temos nas nossas cabeças, do que nos nossos bolsos". Não é necessário ter luxo, riqueza e poder para ser feliz, mas apenas de ALGO que desperte a emoção e a felicidade em CADA INDIVÍDUO.
>
> (Série do escrevente: 2ª. série do EM; gênero escolhido: dissertação)

Já no primeiro parágrafo, o jogo de palavras estabelecido entre "ser humano", "indivíduo" e "pessoa" (destacados em caixa alta) é a pista para o que discursivamente será dito. No terceiro parágrafo, ao recuperar, na voz de uma vítima de violência, a voz coletiva "dinheiro não traz felicidade", dá-se lugar ao imaterial desse sentimento. Note-se que a voz aqui fica materializada na de um pedreiro – destaque importante –, que enriqueceu e vê, no dinheiro ganho, quase uma desgraça. Importante ressaltar que o escrevente pertence a uma camada social privilegiada; o exemplo do pedreiro é discursivamente emblemático, pois ajuda a estabelecer a posição enunciativa ocupada pelo escrevente, dialogicamente estabelecida entre o enunciado "dinheiro não traz felicidade" e o implícito "pobre é quem sabe ser feliz", que dialogam, também, com a imagem de simplicidade que o texto busca ratificar.

Corroborando o pensamento do pedreiro, é retomado, no terceiro parágrafo, um provérbio popular que valoriza, pelo coletivo, o que está sendo defendido, ainda que se trate apenas de repetição – mas a repetição, nesse caso, assume caráter de autoridade pelo peso do coletivo, uma vez que uma verdade, ancorada na voz de uma massa, assume caráter aforizante e homogeneizador. Com isso, a repetição que se estabelece evidencia forte caráter argumentativo, que não apenas ratifica a tese defendida, como também permite o reconhecimento da posição enunciativa do escrevente. Também se pretende comprovar a posição por meio do filósofo Arthur Schopenhauer e do exemplo da princesa infeliz. Vale destacar, contudo, que a infelicidade da princesa não é fruto do dinheiro, tal qual foi manifestado em relação ao pedreiro. Assim, ainda que o qualificativo "supervalorizados" (quarto parágrafo, destaque em cinza) tente dar a entender que o material da felicidade precisa ser repensado, isso não fica exemplificado pela história da princesa, disposta na sequência. Ao final do texto, a expressão "cada indivíduo" fecha o raciocínio particularizando o problema, o que mais uma vez estabelece o salto entre a humanidade e a individualização. Diferentemente dos textos indicados no subitem seguinte, a felicidade aqui não é vista como dever do cidadão, sendo este o responsável pelo próprio prazer, mas como

consequência de um “algo” – destacado em maiúscula –, preferencialmente não material, que provoque uma sensação feliz.

No texto seguinte, todas as categorias percebidas no processo de análise coexistem e somam-se, de modo que a posição enunciativa do escrevente fique estabelecida. Ainda que o salto entre a natureza humana e o indivíduo também estejam presentes, nesta dissertação, isso fica somado à aproximação de diferentes temporalidades e à presença constante do tom proverbial, que dá, à voz coletiva, destaque e caráter comprovador do que é defendido.

E26: *Fugere urbem*[53]

> "O que faz você feliz?" é uma das vinhetas mais intrigantes da atual televisão brasileira. Afinal, **a felicidade é um bem imaterial** que todos nós queremos. Porém, não é de fácil acesso, pois, em controvérsia às tendência da moda, que qualquer pessoa disposta a gastar pode comprar, essa busca talvez nunca termine. É um desejo não passageiro, constante, que martela ferozmente nosso cérebro.
>
> A felicidade, para alguns, pode ser o consumo, enquanto que, para outros, pode se concretizar com um amor verdadeiro. Ou seja, **a felicidade não é uma constante**, como se diz nas exatas, e sim algo como um ponto perdido no espaço, uma luz que brilha, e depois se apaga, perdendo sua graça. A maioria das coisas que me fazem feliz, depois de um tempo, me dão aversão.
>
> Todo ser humano precisa de um desejo, para que continue sua jornada. Para nossos ancestrais, a felicidade era a chegada da primavera, o florescer, a chegada de uma nova esperança. Nesta época, a relação entre o homem e a natureza era plena. Em latim, a palavra felicidade tem o radical 'felix', que significa fértil, frutuoso. Estariam certos, então, os homens antigos que buscavam a felicidade nos campos e na vida natural?
>
> Infelizmente, hoje em dia, essa convivência não é mais possível, afinal, sofremos uma urbanização desenfreada, em que retiram-se árvores exuberantes para construir estacionamentos brutos, sem vida. Talvez, uma boa maneira de começar o caminho pela busca da felicidade seja abrindo mão de desejos supérfluos, como defendia o filósofo grego Epicuro, afinal "comprar e possuir bens materiais, não os tornaria mais felizes, como eles acreditavam".
>
> (Série do escrevente: 2ª. série do EM; gênero escolhido: crônica)

O título deste texto, “Fugere urbem” (fugir da cidade, em tradução rasa) é uma referência, considerando os currículos escolares, a conteúdos trabalhados nas aulas de literatura sobre o Arcadismo, movimento literário do século XVIII. Contudo, neste texto, a

[53] O itálico do título foi indicado pelo escrevente.

expressão foi utilizada, também – talvez, sobretudo –, em forma de diálogo com a finalização do texto (ambas referências com destaque cinza), que utiliza uma citação de Epicuro como forma de encerramento. Assim, por meio da instanciação de duas vozes, referentes a uma visão idealizada, bucólica, do campo, dá-se a premissa de que parte o texto, com a amarração propiciada pelo título e pelo encerramento: o campo é melhor que a cidade, pois o campo é o lugar do simples e do frutuoso. Uma terceira voz é instanciada no início do texto, "O que faz você feliz?" (destacada em cinza), um exemplo de discurso citado em uma referência a uma propaganda da rede de supermercados Pão de Açúcar[54], veiculada no ano de 2014, na mesma época em que o escrevente participou do concurso de redação e produziu este texto; dada a reprodução midiática desse enunciado, pode ser uma representação da voz coletiva, tomada pelo escrevente como caminho para iniciar a discussão.

Na frase, "a felicidade é um bem material que todos nós queremos" (primeiro parágrafo, em negrito), a definição de felicidade, dada em tom proverbial, estabelece outra premissa argumentativa: a imaterialidade, importante neste texto, que tenta associar felicidade a uma ideia de simplicidade e desapego. É como se a ausência de forma fosse essencial para um sentimento de felicidade verdadeira, em detrimento da felicidade vista na associação com o consumo e com a aquisição de bens materiais. Nessa ausência de forma, dá-se a contraposição pretendida entre passado e presente pelo escrevente: no passado, os sábios ancestrais viam a felicidade na simplicidade – ou algo, desse lugar de fala, entendido como simplicidade –, contudo, no presente, a urbanização, o capital e o apego a bens materiais empobrecem o homem.

Novamente, recorrendo ao tom proverbial, no segundo parágrafo (em negrito), o escrevente, tomando por base uma visão de ciência exata como algo concreto, portanto, corpóreo, faz uso dessa imagem de materialidade como reforço para o incorpóreo da felicidade, uma instanciação de felicidade como inacessível, até porque o ser humano contemporâneo – como previsto pelo escrevente – não é capaz de, tal qual o seu ancestral – novamente, na premissa do escrevente –, ver a felicidade naquilo que, neste texto, é apresentado como o que realmente importa: uma vida simples.

O texto seguinte, ainda que tenha características de uma dissertação, é, na essência, um sermão, um grande aconselhamento sobre a felicidade, construído por meio da verdade coletiva e do discurso citado, somado ao tom proverbial.

---

[54] A referência a esta propaganda ocorrerá em outros textos analisados, devido à contemporaneidade de seu acontecimento em relação à produção dos textos para o concurso de redação.

E30: Em pequenos frascos também se encontra a felicidade

A busca constante pela felicidade dia a dia corre NA MENTE DE TODA A SOCIEDADE. O desejo de ser feliz muitas vezes ultrapassa dimensões complicadas, por ser uma coisa tão **simples** muitas vezes se torna difícil de conquistar. Mas será que estamos aplicando toda essa nossa vontade de ser feliz no lugar e nas coisas certas, em que realmente nos tragam satisfação, sensação de bem estar e plenitude?

Sendo assim, é comum PESSOAS buscarem a felicidade em meios de consumo, em bens materiais, através do trabalho, da conquista de metas e etc... Mas a felicidade vai muito além de tudo isso, **a felicidade é um infinito maior que qualquer outro**, é algo pessoal, e intrasferível que muitas vezes pode ser compartilhada. E ao irradiarmos e desejarmos energia positiva podemos ajudar muitos outros ao nosso redor.

Tais fatos nos levam a querer alcançar esse contentamento, e **para isso é necessário pouco**, um pouco de cada um, de uma ação mútua e recíproca que nos ajudará a entrar em equilíbrio emocional e espiritual. DEVEMOS ter visão positiva sobre a realidade, que nos fará enxergar que **a vida não é tão dura quanto parece**. O otimismo sobre os fatos que a vida nos impõe já é um grande passo para esse caminho da felicidade.

Outro ponto também que devemos estimular é a NOSSA capacidade de ser grato, humilde e estar com SUA paz interior em dia. Não devemos ser rancorosos, mas sim gentis com todos que nos cercam. Aliás, **gentileza gera gentileza, amor gera amor, vamos fazer a felicidade gerar felicidade**. DEVEMOS sorrir atoa, sorrir a um estranho, levar uma vida leve, afinal **o medo nos impossibilita de ser felizes por completo**.

A felicidade completa está nas pequenas coisas da vida, em pequenos gestos, momentos que passamos ao lado das pessoas que amamos. **Não exija nada em troca**, **haja sempre com o coração**, tenha autoestima, pratique sempre o bem que **o universo sempre irá conspirar a favor daqueles que movem a humanidade com coisas boas**, e mudanças positivas.

Portanto, devemos respirar fundo, e sentir NOSSOS corações baterem fortes dentro do corpo, com a sensação de satisfação própria, para nos sentirmos vivos e felizes. Temos que parar de procurar fora o que está dentro de nós. Só precisamos praticar um pouco, pois é **como dizem** "**A vida não é medida pelo número de vezes que respiramos, mas, pelos momentos em que perdemos o folego... De tanto rir, de surpresa, de êxtase, de felicidade**...".

(Série do escrevente: 2ª. série do EM; gênero escolhido: texto argumentativo)

O título deste texto já apresenta o seu caráter proverbial e de aconselhamento. Ao fazer a releitura do provérbio "Em pequenos frascos, estão os melhores perfumes", o escrevente sinaliza a posição enunciativa assumida: apesar de aparentar fazer uma dissertação escolar, seu texto é, de fato, um documento de autoajuda que tem por objetivo aconselhar o interlocutor presumido sobre o fato de que a felicidade está no interior de cada um, sendo este cada um os pequenos frascos de humanidade capazes de irradiar a felicidade

para o mundo. Assim, os trechos sublinhados no texto evidenciam essa posição que tem o "eu" como centro: o "pessoal", de "dentro do corpo", ou seja, "que está dentro de nós" deve "irradiar" de modo a conseguir o melhor do universo; deve-se irradiar a felicidade do mesmo modo que os melhores perfumes espalham sua fragrância, portanto.

Assim, partindo de uma voz coletiva, que entende felicidade como aquilo que reside nas pequenas coisas, o escrevente inicia seu texto com um título bastante expressivo, que estará em diálogo com outras passagens de natureza proverbial ao longo do texto – destacadas em negrito: 1) no segundo parágrafo, na sentença "a felicidade é um infinito muito maior que qualquer outro"; 2) no quarto parágrafo, recorrendo à fórmula "gentileza gera gentileza", e mais uma vez propondo releituras dessa expressão cristalizada, que corroborem a felicidade como uma energia que contagia os demais; e 3) nas duas últimas linhas do texto, por meio do discurso citado, com aspas, que, introduzido pela locução "como dizem", materializa no texto a voz coletiva, no tom proverbial da definição apresentada.

Além disso, no quarto parágrafo, há uma alteração do pronome "nossa" para o pronome "sua" – destacados em maiúscula –, que carrega em si a carga de aconselhamento que o uso da 1ª. pessoa do plural buscava mascarar, ainda que seu uso já manifestasse a inclusão do interlocutor como participante do raciocínio apresentado, marca típica de textos cujo objetivo se centra no aconselhar, como exemplifica o verbo "devemos" e outros excertos destacados em caixa alta. Este texto, que começou aparentando ser dissertativo-argumentativo, passou a exercer função de aconselhamento, de dar direções ao interlocutor que garantissem sucesso na busca da felicidade. A mudança do pronome possessivo "nossa" para o possessivo "sua", no quarto parágrafo, evidencia o caráter do texto como pertencendo a algo como um sermão, ou a algo próximo à chamada autoajuda. Por isso, o caráter proverbial é também tão evidente neste texto, uma vez que, para aconselhar, recorre-se ao lugar comum, aquele do imaginário coletivo, de modo que o conselho dado tenha, de fato, o caráter de verdade absoluta, tão presente no gênero proverbial.

2.3.2 A contradição entre ser e ter

Os próximos dois textos possuem a simplicidade como implícito da reflexão proposta, que busca estabelecer o lugar da felicidade, ao contrapor o ser, em uma espécie de metafísica, ao ter, na ancoragem do sistema capitalista. Por esse motivo, julgo pertinente que sejam abordados neste subitem.

No texto seguinte, uma narrativa próxima a um conto, mas que aparenta truncamento devido às bruscas passagens para tipos de discurso distintos – entre o direto, o indireto e o indireto livre nem sempre é possível ter certeza sobre quem enuncia –, há a presença do fator tempo. Contudo, o que fala mais forte nele é o tom proverbial, presente desde o título "Feliz é quem o é" e reforçado pelo discurso citado do final "feliz é o velho que viu, o louco que sentiu e o poeta que criou", sobre o qual é difícil definir se se trata da instanciação da voz de outro, ou se é o registro de um pensamento da personagem velho.

E39: Feliz é quem o é

Sentou-se num banco, grande era o desgaste causado pela macromedição de Cronos. O límpido céu não refletia o estado de sua alma. Os longos anos de intenso convívio com a vida não bastaram-lhe para satisfazer uma incerteza que, desde logo, aborreceu seu caminho, ''Fostes feliz?''. Era visível a carência das luzes em seu novo compasso; um compasso descompassado que não passa de um pesar ao pensar o sopesar da vida que lhe passou.

''**A felicidade seria então como uma desconhecida em meio à multidão**: 'Verei- te hoje e depois só na eternidade?', como bem versou Baudelaire. Avista-se uma potencial amada, mas talvez esse amor nunca seja concretizado, ela anda em outro sentido, distante, vagarosa, acelerada, enfim, não em sincronia CONTIGO. Quiçá até ao seu lado, por que não seria esta bela de olhos verdes? Mas a falta de valorização e o reconhecimento impossibilitaram esse entendimento prévio. Há de ser tarde quando SEU espirito entender quem deixou-lhe, a felicidade se foi e esteve por muito tempo CONTIGO, desapercebida''.

Plúmbeo torna-se o céu que antes foi límpido.

''Falsidades, tudo o que foi imposto não passa de mascaras que ocultam o verdadeiro viver, um oscilar entre a dor e o tédio. Schopenhauer, mais sábio que os demais, foi ao reconhecer que a verdadeira felicidade não resta na criação coletiva, ou mesmos dual, mas sim na espiritual e de forma solitária. **O homem verdadeiramente feliz não é aquele que mais goza de prazeres, títulos e honrarias, mas sim o que menos sofre seja pela dor, ou seja pelo tédio**. Sozinho, o homem que, por meios unicamente intelectuais, desprovido de qualquer objeto material, completa-se, não há de ter suas expectativas abaladas ou seus desejos desaprovados, pois **dentro de seu pensar o soberano é si mesmo**. Dessa forma, será ele o único a poder denominar-se feliz, desde que goze de boa saúde, pois não há nada que lhe falte.''

Uma suave cortina d'agua encobre a vista. Os patos que estiveram a se alimentar, recolhem-se para debaixo das raízes aéreas de uma das árvores de beira. *A atenção recaiu sob aquele sentado só no banco do parque.*

''Ah meus caros amigos, VELHO E PESSIMISTA, não hemos de ser aqueles cuja fala iluminará um céu nublado. Não, hemos nós de ser aqueles cuja vista alcançará a nebulosa. Dista ela hoje medida tal que nem

os astrônomos a veem, nem os astrólogos a tem e nem os atônitos creem. Mas sejamos francos, **ESSA CHARMOSA ILUMINAÇÃO SERÁ IDEAL PARA QUANDO O IDEÁRIO INDIVIDUAL DEIXAR DE SER VENDIDO EM PRATELEIRAS**. **Um homem completo se satisfaz como em multidão, mesmo que nunca a deixe, mesmo que nunca a veja**. ***A felicidade é aquilo que alguém considera ter e ser***. Minha rosa será perfeita em minha mente, pois lá ela é completamente minha, o alvo será mais alvo quando eu bem desejar e não há tintura no mundo que supere meu pensar, *pois se empírico é, metafisico é também*.''

Aproxima-se um jovem.

-Vovô, por que o senhor está falando sozinho embaixo da chuva?

-Nada de importante, meu querido.

-Vamos, papai disse que vamos nos atrasar pra sua cerimônia de premiação se não formos logo.

-Já estou indo... ''**feliz é o velho que viu, o louco que sentiu e o poeta que criou**''.

(Série do escrevente: 3ª. série do EM; gênero escolhido: conto)

Este texto possui um narrador, em 3ª. pessoa, que dá lugar aos pensamentos da personagem velho – marcados pelo escrevente por aspas duplas – que, sentado em um banco de parque, tenta pesar a própria vida no intuito de verificar se foi feliz. Mais que o fator tempo, neste texto, o tom proverbial e o discurso de autoridade somam-se na construção de algo que seria uma reflexão sobre a felicidade. Tanto o início – tópico frasal, em negrito – quanto o fim do texto – frase de efeito também em negrito – são exemplos do tom proverbial por meio do qual se pensa a felicidade, aparentemente, como algo inerente ao "eu", produto, portanto, da metafísica. Contudo, as várias referências ao "ter" – sublinhadas – que surgem no encadeamento textual (verbos na 1ª. pessoa e pronomes possessivos) deixam aberta a questão do conflito entre felicidade como sentimento ou materialidade, algo bastante frequente nos textos. Como forma de conferir autoridade aos ditos proverbiais, são trazidas ao texto frases de Baudelaire e Schopenhauer – marcadas pelo escrevente por aspas simples –, as quais reforçam a noção de ser como o lugar da felicidade, ainda que, por mais autoridade que haja nessas vozes, o próprio texto não anule o ter como referencial.

No quarto parágrafo, há o anúncio, nas palavras do velho, de que a felicidade só é possível ao indivíduo intelectualmente preparado para lidar com a vida, que não seja apegado a nada que possa abalar o ideal de estado de espírito no qual se baseia a reflexão apresentada e ancorada em Schopenhauer. Contudo, essa voz, que nega o material da felicidade, será duas vezes negada, pelas respostas das outras vozes, que possuem caráter proverbial, devido à sua natureza aforizante: a) quando é dito que o empírico é também metafísico; e b) quando é dito que o homem feliz é aquele que considera o que é, mas não

só, também aquilo que tem – ambas as referências presentes no sexto parágrafo e apontadas em itálico.

No fim, ao apresentar, entre aspas, um dizer assemelhado a um provérbio, vê-se a voz coletiva sendo personificada no dizer outro, em um exercício de metaenunciação que corrobora a informação disposta no título. Entre "ver", "sentir" e "criar" está o ser feliz do título; apesar de o ter ser constante no texto, no encerramento, volta-se ao tom metafísico que se pretendeu dar, por meio da voz coletiva que fecha o raciocínio, conferindo a ele, portanto, alguma legitimidade. Ao contrário dos textos analisados anteriormente, neste texto a contradição não se estabelece entre o direito e o dever, mas entre o ser e o ter, elementos pertinentes à felicidade já antecipados pelos textos da proposta de redação. Aqui, há uma passagem, identificada por maiúsculas e negrito, que aponta uma tentativa de olhar o social, ao enunciar-se "essa charmosa iluminação será ideal para quando o ideário individual deixar de ser vendido em prateleiras.". Contudo, apesar desse momento, a retomada, ao final, do título "Feliz é quem o é" por meio do tom proverbial da frase de efeito "feliz é o velho que viu, o louco que sentiu e o poeta que criou" volta a marcar o individual, o "eu" como centro, que predomina nos textos em análise.

Algo semelhante ocorre no texto E40, no qual, na busca de provar que a felicidade é um sentimento do sujeito, em tese desvinculado de conquistas, o que se prova, no fim, é que é a posse, nem que seja da própria mão, que retira o vazio. O título "Epifania", atribuído a esta crônica, simboliza o momento em que a personagem se vê diante do fato de que o "vazio" experimentado ao longo da vida não existe, uma vez que a felicidade mora no interior de cada um, descoberta nomeada pelo termo "epifania".

E40: Epifania

> Vejo a chuva cair pela janela. Apesar de soar narcisista, sinto que o céu se alinhou de forma a combinar com o meu estado de espírito. **Chove aqui dentro também**. Antes, eu tinha a impressão de que havia um tornado prestes a dilacerar meus pulmões. Agora, essa tempestade tornou-se uma garoa amena, típica de dias nublados, daquelas que cai incessantemente e vai contigo a todos os lugares.
>
> Resolvo levantar da cama. Não deixo o quarto há três dias e eu decidi que estou pronta para abrir mão dessa melancolia que um dia me pareceu tão bonita e poética. O problema é que não faço ideia de por onde começar. Acredito ser a primeira vez que tenho dificuldade para adquirir algo que desejo. Provavelmente porque, por virem muito facilmente, desaprendi a atribuir o valor merecido, tanto às pessoas quanto às posses materiais que eu conquistava.

> Esse fato me atingiu semana passada, entrando pela porta que uma das pessoas mais importantes na minha vida deixou aberta ao sair para nunca mais voltar. Sua ultima frase? "Acorda, Rebeca, **dinheiro não é tudo**! Não importa o que você compre, o vazio permanecerá em você. **Não dá para comprar felicidade**", logo após isso, o que restou foi um silencio ensurdecedor, que ainda se mantém presente. **A chuva cai lá fora e aqui dentro também**. Mas não por muito tempo. Vejo resquícios do sol pela janela e estou pronta para avistá-los em mim.
>
> Minha vida inteira ouvi que **não existe formula para a felicidade**. Mesmo que seja possível alcançá-lá, ela será efêmera. **A essência do ser humano consiste em querer sempre mais**. Ao não conquistar sua atual ânsia, o vazio perdura, não sendo nem parcialmente preenchido por suas conquistas anteriores.
>
> Pensei muito sobre isso durante esse meu confinamento acidental. E uma epifania me atingiu com a força de mil trovões: não se deve olhar para a felicidade pelo grande espectro. **Ninguém é feliz o tempo todo**. Arrisco dizer que o tempo que alguém passa feliz é igual ou menor ao tempo tomado pela tristeza. E, no fim, ao olhar de forma geral, isso significa que a pessoa não foi feliz durante a vida? Absolutamente não. **A felicidade se mostra em pequenos gestos e momentos, não é algo fixo e permanente**.
>
> Além disso, por que sempre nos apoiamos em outras pessoas ou, até mesmo, em posses materiais e depositamos sobre eles a responsabilidade de trazer alegria para nossas vidas? Esse ciclo de dependência não é saudável. Eu percebi isso ao assistir meu mundo entrar em colapso e se despedaçar diante dos meus olhos apenas por ver alguém partir. Acreditava veementemente que esse sentimento duraria para sempre. Não durou. Esses longos dias fizeram-me ver que o principio da felicidade encontra-se dentro de mim. Pessoas e objetos podem ajudar a construir meu bem-estar, mas jamais serão seu alicerce. **A felicidade está nas coisas simples** e, ENQUANTO EU FOR CAPAZ SEGURAR MINHA PRÓPRIA MÃO, **tudo ficará bem**.
>
> (Série do escrevente: 3ª. série do EM; gênero escolhido: conto)

Neste texto, a fala do outro, convidado a participar no terceiro parágrafo, conforme indiciam as aspas, é um indício do atravessamento do escrevente. Contudo, não é apenas no que destacam as aspas que o outro pode ser reconhecido; o outro está em todas as passagens em negrito, nas quais a voz coletiva e o tom proverbial se manifestam, fato que corrobora a tensão entre vazio e capitalismo, ilustrada pelo trecho "Acorda, Rebeca, dinheiro não é tudo! Não importa o que você compre, o vazio permanecerá em você. Não dá para comprar a felicidade." Esse outro não passa de um qualquer outro que, em ação responsiva à visão capitalista de felicidade, questione o valor atribuído à posse. É como se a visão cordial, afetiva, do homem brasileiro se manifestasse, abertamente, na figura dessa voz, coletiva, que tenta mostrar o lado afetivo da felicidade, fantasiado nas pequenas conquistas

e, por isso, marcado pelo simples, pelas relações pequenas, do núcleo familiar, típicas de uma visão de brasileiro – cordialidade esta questionada (HOLANDA, 1979, p. 106), pois, na prática, impede que vençamos as barreiras que impedem nosso desenvolvimento social. Na voz desse outro, aparece a tensão que constrói o texto: entre o que há de humano na satisfação e o que há de adquirido – e parece fazer-nos humanos – não existe ponte ou estabelecimento. Assim como em outros exemplos do *corpus*, só é possível ou ser feliz ou render-se ao capital. Mais um exemplo de *mea culpa* motivado por pertencer ao sistema, fala mais alto o desejo de preenchimento: o vazio existe e só pode ser anulado pela presença de algo, nem que seja a presença da própria felicidade, ou ter a própria mão para segurar – trecho destacado em maiúsculas. É o ter, a posse, não importa qual, que pode, de algum modo, anular o vazio.

O começo do quinto parágrafo é o momento em que se dialoga com o título do texto, com a imagem de epifania. Considerando o conflito entre vazio e preenchimento, não se pode pensar em felicidade como algo absoluto ou, como enunciado pela personagem, como algo de "grande espectro". Segundo o dito no texto, pela natureza humana, pela necessidade de ter, a felicidade sempre será fruto de momentos de preenchimento. Ainda que sejam momentos, não se pode recusar a ideia de felicidade durante a vida, já que haverá sempre uma balança pendendo para o vazio, ou para a posse. Nessa visão de felicidade, nessa epifania, uma voz coletiva fica indiciada no fato de que a felicidade reside nas pequenas coisas e surge como solução, homogeneizante, daquilo que há de heterogêneo, no texto e na vida, uma vez que vazio e preenchimento ocorrem simultaneamente e são, de fato, opostos.

2.3.3 Ser feliz: entre um direito e um dever

Os textos a seguir também são exemplares da contradição e possuem a voz coletiva e o tom proverbial como preponderantes; porém, partem de uma outra premissa argumentativa: o par direito X dever, associado à felicidade como resultado de trabalho e esforço pessoal. Ainda que o recurso à simplicidade permaneça nos próximos exemplos, o exercício da felicidade como um direito e, mais ainda, como um dever do indivíduo é o ponto principal no qual se estabelece o encadeamento argumentativo.

No caso de E32, por se tratar de um texto argumentativo, de uma dissertação escolar, apresenta-se a defesa de uma visão de mundo que associa felicidade a dever do cidadão, dialogando com uma ética de trabalho presente no imaginário coletivo referente ao

esforço pessoal. Para corroborar essa hipótese, o escrevente recorre à voz coletiva e ao tom proverbial.

E32: CULTIVADOR da felicidade

O direito à *busca da felicidade*[55] é um significativo postulado constitucional cujas raízes mergulham, historicamente, na Declaração de Independência dos Estados Unidos da América. Assim como A Constituição do Japão, que no seu artigo 13 dispõe que todas as pessoas têm direito à *busca pela felicidade*, desde que isso não interfira no bem-estar público.

Ou seja, É DEVER E DIREITO DO CIDADÃO permanecer nesta constante busca pela felicidade e usufruir dela, pois **ser feliz é a certeza de que a VIDA vale a pena ser vivida**.

Entretanto como é possível encontrar uma coisa invisível, não palpável e imaterial? A felicidade não é algo oriundo de uma reação de elementos e também não é algo que se pode comprar no mercado[56]. É necessário se desapegar dos valores levianos de que a felicidade é fácil de encontrar; ela está sim presente no nosso cotidiano, mas não são todos que conseguem enxergá-la.

Por isso deve-se olhar o mundo assim como um detetive, prestando atenção nos detalhes, pois **a felicidade se encontra nas pequenas coisas da VIDA**, como por exemplo: num sorriso inocente de uma criança, no cheiro de café pela manhã anunciando um novo dia, nos olhares de um casal apaixonado, no abanar do rabo de um cachorro quando revê seu dono, no resultado final de um trabalho árduo ou na presença calorosa de pessoas queridas.

No entanto para poder vivenciá-la, não basta apenas enxergá-la, é preciso também CULTIVÁ-LA. Assim como alguns CULTIVAM sabores, outros CULTIVAM sons, imagens e até mesmo palavras. É necessário CULTIVAR a felicidade nos ambientes ao seu redor e esperá-la florescer, pouco a pouco, até atingir a plenitude.

A felicidade é algo raro que quando menos se espera se esvai pelos dedos como areia fina. Portanto ao CULTIVÁ-LA, deve-se ter cuidado com os olhares alheios, deve-se PODÁ-LA e REGÁ-LA com momentos, gestos e pensamentos. E sempre que possível deve-se compartilhá-la, já que a **felicidade não é algo pertencente a um só e sim a TODOS OS HOMENS**.

Desse modo estaremos exercendo nosso direito e, ao final da busca TODOS NÓS nos tornaremos CULTIVADORES da felicidade nesse jardim chamado VIDA.

(Série do escrevente: 2ª. série do EM; gênero não informado pelo aluno)

O título deste texto já anuncia uma abordagem da felicidade como exercício pessoal. Neste texto, dá-se ao indivíduo o caráter de responsável pela própria felicidade, só

[55] O destaque em itálico foi feito pelo escrevente, como marca de diálogo explícito com o tema de redação proposto, "A busca da felicidade".

[56] Neste texto, de forma indireta, o escrevente faz uma referência à propaganda da rede de supermercados Pão de Açúcar, referência que se repetirá em outros textos e já vista, de modo explícito, neste capítulo, no texto E26.

alcançável por meio do esforço próprio de quem a cultiva – imagem associada sobretudo ao trabalho com a terra, comumente entendido pelo peso de sua execução. A novidade desse acontecimento se dá na imagem do cultivo, própria da voz coletiva, pois instancia uma verdade presente no imaginário, em relação responsiva com o provérbio "cada um colhe aquilo que planta". O encadeamento textual é construído, desse modo, por referências ao cultivo – por repetição, por sinonímia, por relações de hiper e hiponímia ou por referenciação pronominal, conforme indicam os destaques em maiúsculas. No processo desse encadeamento, é possível notar a associação estabelecida entre o direito/dever da felicidade e o direito/dever da vida, sendo que "felicidade" e "vida" passam a confundir-se, o que fica materializado na ambiguidade presente no elemento coesivo "la", nas formas "cultivá-la", "podá-la" e "regá-la". Do ponto de vista da coesão textual, fica claro que o referente está em diálogo com o substantivo "felicidade"; contudo, semanticamente, uma vez que "felicidade" e "vida" passam a ser tratadas como expressões sinônimas, pode-se supor a natureza ambígua do pronome.

Assim, já no título, há o anúncio de que a visão de mundo aqui apresentada entende a felicidade como o resultado direto dos esforços individuais, tendo por base um discurso que remonta a uma ética de trabalho que vê no esforçar-se a honraria de um homem e, no ócio, o seu maior descrédito. Toda essa ética de trabalho é base para a obra "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque de Hollanda, na qual, entre as nossas matrizes, é na portuguesa, e na sua visão de trabalho associada ao pecado e à culpa, que se constitui nossa crença de que o trabalho enobrece; esta a voz que, mais forte, fala neste texto, uma vez que, a partir da aproximação semântica estabelecida entre "felicidade" e "vida", o viver de forma plena passa a ser resultado dos esforços individuais e *todos* – pronome que se repete no texto em associação à imagem do cultivo – devemos cultivar a vida e a felicidade, sem espaço, portanto, para as características sociais, históricas e culturais que constituem cada sujeito.

Outro elemento bastante presente neste texto, utilizado com a intenção de corroborar a relação entre ter felicidade e trabalhar por ela, é o tom proverbial – cujos trechos estão destacados em negrito – por meio do qual se pretende definir a felicidade e garantir a capacidade necessária para sua realização. Isso é visto, por exemplo, no terceiro parágrafo, quando, ao apresentar a imaterialidade do conceito, "A felicidade não é algo oriundo de uma reação de elementos e também não é algo que se pode comprar no mercado", o escrevente prepara para o que, na sequência, ganhará a aparência de verdade estabelecida. O tom proverbial também surge no penúltimo parágrafo, em "A felicidade é algo raro que quando menos se espera se esvai pelos dedos como areia fina", quando, atribuindo alguma

materialidade ao conceito, ele é relacionado a uma areia fina, analogia da dificuldade do ato de cultivar a felicidade. Trata-se, assim, de outra definição de felicidade ancorada no senso comum que surge como elemento que configura a certeza de que, caso não trabalhemos para encontrar e manter a felicidade, tal qual areia fina, ela nos escoará pelos dedos. Isso ocorre, pois

> "A cristalização dessas expressões [provérbios e demais expressões cristalizadas] se dá no campo do dizível e se relaciona ao fato de elas reapresentarem comportamentos ou fatos tomados como exemplo, apoiando-se, por um lado, na aprovação social (valendo-se do lugar comum) e, por outro, no que seria a experimentação histórica de sua validade, o que, paradoxalmente, significa sua validade atemporal (e, portanto, desistoricizada)." (ALVES, 2013, pp. 18-19).

Desse modo, nota-se que, por ser lugar comum na cultura brasileira entender o trabalho como enobrecedor, fica fortalecida e, portanto, impossível de ser desacreditada, a imagem de a felicidade só ser alcançada por quem a cultiva, em outras palavras, por quem trabalha por ela, o que fortalece e corrobora a argumentação apresentada no texto.

Na sequência, o título do texto "Manual de bolso da felicidade" já anuncia sua premissa, uma vez que parte do pressuposto de que há um caminho seguro para alcançar a felicidade. De fato, a premissa de um manual é ser instrucional, de modo a que todos possam executar os passos indicados para, por exemplo, instalar um telefone. No caso do texto a seguir, a felicidade passa a ser compreendida como um dever, pois as instruções garantem o sucesso da ação pretendida.

E4: Manual de bolso da felicidade

> No NOSSO dia-a-dia, ESTAMOS sempre em busca de algo: a felicidade. É o que NOS move, nos abastece para DARMOS um passo afora da casa de CADA UM. TEMOS a ideia de que ela é quase um <u>dever</u>: TEMOS que alcançá-la para NOS TORNARMOS completos.
>
> FAZEMOS essa busca das mais diversas maneiras: *seja cozinhando, vendo um bom filme, fazendo uma caminhada na praia*. A vida se acaba de repente e não a nada que possamos fazer além de poder nos orgulhar de termos conquistado a felicidade "total". E é o que HUMANIDADE tem feito durante centenas de anos. E quem disse que isso está errado? Ou certo?
>
> Cabe a CADA UM uma PRÓPRIA definição do que é ser feliz. E entre a vida e perguntas clichês de supermercados[57], sempre voltamos a nos perguntar: O que nos faz feliz? Sempre há algo. Nem adianta negar. No fundo, bem no fundo, sabemos que o que nos move, ano após ano. E essa coisa, que nos leva a uma procura intensiva em algo teoricamente tão *simples*: um sentimento positivo, um sorriso aleatório.

[57] Assim como os textos E26 e E32, mais uma vez há a referência à propaganda da rede de supermercados Pão de Açúcar.

> Porém, é claro. A busca pela felicidade, digna de enredo de centenas de milhares de filmes Hollywoodianos, acaba tendo valores modificados para os dias atuais. **No que diziam antes, era que para ser completo temos que *plantar uma árvore, escrever um livro e ter um filho***. Atualmente é algo mais como, comprar algo que desejamos, viajar para não-sei-aonde, comer tal coisa em "lugar específico". **É o materialismo que diz o que é felicidade para a maior parte das pessoas**, e acabamos nos esquecendo que, num mundo tão louco e imprevisível, essas coisas não durarão. Não são delas *as melhores memórias, as risadas mais gostosas de ouvir, dos mais carinhosos abraços.*
>
> NÓS, HABITANTES DESSE VASTO MUNDO, temos que acordar, e dar valor a verdadeira felicidade, a que **esteve debaixo de nosso nariz o tempo todo**, enquanto corríamos a procura de algo que nos fizesse feliz. **As pequenas, e melhores, coisas da vida**. Essa sim tem que ser a verdadeira busca. Mesmo que seja apenas um episódio novo de uma série boa, um hobby novo, um pouco de silêncio, ou uma um música divertida. Mesmo que seja apenas um sorriso.
>
> (Série do escrevente: 9º. ano do EFII; gênero escolhido: crônica)

O título também permite notar, desde o início, o tom de aconselhamento que estará presente neste texto, uma dissertação escolar. O enunciado "Manual de bolso da felicidade" é significativo do fato de que o texto será um documento orientador do modo pelo qual é possível alcançar a felicidade. Outra perspectiva semântica para o termo "manual" reside no fato de que seguir as instruções não é negociável, o que estabelece, de início, uma visão de felicidade como um dever. Essa hipótese fica confirmada no primeiro parágrafo, quando a palavra "dever", sublinhada, surge explicitamente no texto, ainda que modalizada por "quase", modalizador que a antecede. Ainda neste parágrafo, as palavras em maiúsculas denunciam a transição entre o "nós" – usado no texto como um plural inclusivo – e o "cada um", expressão que particulariza, colocando, mais uma vez, o "eu" como centro da ação.

Nos 2º. e 3º. parágrafos, o trânsito entre a 1ª. pessoa do plural e a expressão "cada um" fica marcado pelo substantivo "humanidade", que surge no texto como elemento máximo de generalização. Além disso, neste texto, a ideia de simplicidade, em diálogo com o provérbio "a felicidade está nas pequenas coisas da vida" permanece estabelecida, como ilustra o adjetivo "simples" – em itálico, no terceiro parágrafo –, seguido de vários exemplos do que seja essa simplicidade, todos eles destacados no texto em itálico.

Nos dois últimos parágrafos, os trechos destacados em negrito evidenciam a voz coletiva e o tom proverbial, instanciados para corroborar o ponto de vista defendido. O discurso citado introduzido por "no que diziam antes" marca toda uma visão de felicidade

enquanto simplicidade de ações que está na base da argumentação produzida. Em contraponto a ela, outro dizer de caráter proverbial, com tom de definição, estabelece a relação de responsividade, ao apresentar a propriedade material como o que determina a felicidade, quase como se ela fosse viva, o que marca uma relação de poder entre uma imagem de passado, abandonada, e uma imagem de presente, dominada por um ser incontestável.

No final, o tom de aconselhamento – pertinente à imagem de manual proposta pelo título –, como ocorre em vários outros textos, está presente, mas aqui o plural inclusivo não foi abandonado por um tom acusativo. Há uma inclusão do "eu" no processo de aconselhar, talvez estabelecido pela própria força dominante do materialismo, ao qual o "eu" também estaria subjugado. Assim, os provérbios "estar debaixo do nariz" e "a felicidade está nas pequenas coisas da vida" retornam ao texto, sendo a voz coletiva do simples estabelecida como o contraponto ao máximo poder do consumo, do material, sendo o dever de cada um buscar distanciar-se dessa imagem.

O texto seguinte também é construído na soma entre uma imagem de simplicidade e a visão de que a felicidade é um dever.

E7: Em busca do oásis interno

Chego em casa, após uma rotina incessante e cansativa. Sento-me no sofá e ligo a TV. Na tela, vejo uma família linda e sorridente à mesa de refeições dizendo: *"seja mais feliz com essa marca de azeite"*. Então, mudo de canal e deparo-me com *uma daquelas cenas de bebês gargalhando ao jogar uma bolinha para um cachorro*.

Essas duas situações causaram uma erupção no vulcão de ideias da MINHA CABEÇA sobre busca pela felicidade, que NOS persegue, por vários séculos, como um <u>dever</u>, em tradições religiosas, por exemplo, ou até em metas que muitas vezes dão um significado para a vida, impulsionando AS PESSOAS a projetarem seus sonhos.

Assistindo à propaganda do azeite, comecei a refletir sobre o desejo ilusório, instável e desenfreado de consumir para suprir a necessidade de atingir uma felicidade. O único problema da famosa frase **"A felicidade está nas pequenas coisas da vida"**, é que, hoje em dia, essas "pequenas coisas" são, na prática, dispositivos móveis, anéis e outros bens materiais.

A procura do estado de prazer a longo prazo é como uma miragem de um oásis no deserto. ANSIAMOS muito chegar até esse oásis, mas exatamente quando parece que estamos próximos, nos damos conta, para nosso desânimo, que foi somente uma miragem. Isso ocorre por nunca estarmos realmente saciados, afinal cada dia feliz é uma conquista; ou por não sabermos o que é essa tal felicidade, por parecer utópica e nebulosa demais e, talvez por isso seja tão inquietante.

> CREIO que a felicidade seja construída, feita por momentos cotidianos que dependem da SUA perspectiva para SE TORNAREM felizes, *como valorizar o riso, um belo dia de Sol e agradecer*. Não é como um bilhete premiado achado por acaso no chão No caso da cena do bebê, é rir a toa, ver a beleza do SEU presente, sem a fissura de só olhar para o futuro.
>
> Dessa forma, apesar de parecer clichê, CREIO que essa utopia, esse prazer necessário para NOSSO ORGANISMO venha de dentro para fora; não ao contrario. Sendo assim, **a busca pela felicidade sempre será incessante até ENTENDERMOS que ela se encontra, na verdade, DENTRO DE NÓS**.
>
> (Série do escrevente: 9ª. ano do EFII; gênero escolhido: crônica)

O título desta crônica recupera a imagem do oásis como lugar fértil e feliz para estabelecer, com o encerramento do texto – destacado em negrito –, mais uma vez a noção de que a felicidade reside no interior, o que, novamente, estabelece um diálogo com o provérbio "a felicidade está nas pequenas coisas da vida". Este texto também estabelece o diálogo entre a simplicidade e o material, por meio da recorrência a cenas de TV: a primeira delas, exemplar do consumo por meio de uma propaganda – em caráter de discurso citado, com aspas – que tenta vender azeite em associação a uma família feliz em volta da mesa; a segunda, o simples, na imagem de um bebê e um cachorro – não se trata de uma propaganda, mas de uma imagem típica do imaginário coletivo, que vê em bebês e animais de estimação a máxima felicidade (referências em itálico, no texto).

Tomando por base esta oposição, no segundo parágrafo, o trânsito que se estabelece entre a expressão "minha cabeça", o pronome "nos" e a expressão "as pessoas" mostra que do "eu" como centro há a passagem para a total coletividade do universo das pessoas, sem que as características de um sujeito socio-historicamente constituído sejam observadas. Ao longo do texto, outros termos estão também destacados em caixa alta, de modo a mostrar que esse trânsito ocorre a todo o tempo, estabelecendo, assim, a posição enunciativa do escrevente. Ainda no segundo parágrafo, o verbo "dever" – sublinhado – traz a felicidade como obrigação, algo exemplar nos textos em análise.

Os destaques em negrito evidenciam o tom proverbial do texto que, assim como em E4, são o lugar da simplicidade – no caso, do oásis interior. Com isso, começa a tornar-se padrão associar a imagem de simples (neste texto, exemplificada pelo trecho em itálico, no penúltimo parágrafo) às manifestações proverbiais e coletivas que emanam nas cadeias textuais, sendo a propriedade material sempre o contraponto dessa realidade. De fato, ainda que seja dominante, a propriedade material como o lugar da felicidade não é corroborada

pela voz coletiva; parece haver um domínio dele, mas uma moral que o enxerga como problemático.

Essa contradição também está nas passagens bruscas que ocorrem entre 1ª. pessoa do singular, 1ª. pessoa do plural e 3ª. pessoa do plural (destaques em caixa alta); manifesta-se, ainda, nos dois exemplos de diálogo com o leitor, marcados pelos pronomes "sua" e "seu" (em maiúsculas, no penúltimo parágrafo), momentos em que o tom de aconselhamento se torna enfático, por excluir o "eu", ao abandonar, inclusive, o plural inclusivo, que retornará no último parágrafo do texto, sendo sua expressão máxima o advérbio "dentro de nós".

Com base nas análises apresentadas neste capítulo, entendo como indícios de autoria: a) as passagens em que há a presença do social, uma vez que essa presença estabelece uma ruptura na regularidade discursiva presente nos textos analisados; b) o modo como se dá o entrelaçamento de vozes presentes nos textos, principalmente naqueles em que a voz coletiva e o tom proverbial são o registro mais forte, posto que esse entrelaçamento testemunha a responsividade e o processo valorativo envolvido na produção do texto; e c) a metaenunciação, procedimento que representa um trabalho do escrevente sobre a própria escrita, ou seja, uma manobra (POSSENTI 2002) do escrevente.

Capítulo 3: Tempo e espaço: ruptura, recomeço e ciclo da vida

A leitura investigativa dos textos apontou que diferentes gêneros textuais produziam distintas perspectivas analíticas do material com o qual se desenvolveu esta dissertação. Textos narrativos – incluindo as crônicas que mesclam reflexão e narratividade – fazem ver como a relação entre tempo e espaço é pertinente para a consideração do fato de que linearidade e ruptura, fim e recomeço, perda e reconstrução são os elementos a serem estudados no sentido de localizar indícios de autoria. Nesse contexto, nas rupturas, poderiam ser percebidas as manobras do escrevente no sentido de sua relação com a língua e com a própria escrita.

Cabe um esclarecimento quanto à noção de autoria, retomando aspectos já apresentados no capítulo 1. A noção de indício de autoria utilizada neste trabalho remonta ao trabalho de Possenti (2002, 2016) sobre a noção de autoria, sobretudo os estudos de autoria que o autor identifica como movimento tipicamente brasileiro, ao tentar enxergar autoria em produções que não compõem obra – algo essencial à visão foucaultiana de autor. No estudo de 2016, "Notas sobre o autor", recuperando seu trabalho de 2002, Possenti, com base em Foucault e no tripé fundamental da autoria, de Maingueneau, defende não ser possível pensar autoria em redações escolares (até porque estas não pertencem à instituição literária, por exemplo), mas defende, por outro lado, haver indícios de autoria em textos de escreventes em idade escolar:

> "Alunos que escrevem são obviamente pessoas; não são, no entanto, escritores, isto é não gerenciam sua vida numa instituição como a literária (ou outra: científica ou filosófica); mas é verdade que alguns talvez produzam textos nos quais são perceptíveis traços típicos dos inscritores (indícios de autoria)". (POSSENTI 2016, p. 242)

Durante as análises, ficou destacado que o tempo não poderia ser compreendido sem uma espacialidade que lhe desse materialização. Tomado da perspectiva da cronologia, do social ou mesmo do psicológico, em todos esses casos, há uma associação entre: I. tempo e presença; II. tempo e distância; III. tempo e movimento. Ou seja, sempre que temporalidades são aproximadas, relacionadas, refratadas há, concomitantemente, uma perspectiva espacial associada às temporalidades como indício das junções, das rupturas e das contradições, assumindo, inclusive, um papel de elemento materializador da estrutura espaço-temporal por meio da qual há um enredo em construção. Personagens, enredo, conflito estão imbricados na constituição espaço-temporal das narrativas, em um movimento de constituição por meio da apropriação das temporalidades – e das espacialidades, portanto

– como instanciação das posições enunciativas evocadas nas histórias da busca da felicidade. Desse modo, o "ser fictício" (CÂNDIDO 2014, p. 55) das narrativas só possui existência no escopo de uma relação espaço-temporal organizada para a sua existência e, ao mesmo tempo, sendo organizada pela existência da personagem, em simbiose que coloca também o tempo e o espaço como personagens nas narrativas a serem lidas na sequência. Antônio Cândido, no ensaio "A personagem do romance", faz um estudo sobre os tipos de personagem mais comuns e como eles são fundamentados; faz, ainda, uma breve classificação dos tipos de personagens, tomando por base os gêneros literários ao longo da história. Ao cabo de sua análise, ele conclui que

> "(...) deveríamos reconhecer que, de maneira geral, só há um tipo de personagem, a *inventada*, mas que esta invenção mantém vínculos necessários com uma realidade matriz, seja a realidade individual do romancista, seja a do mundo que o cerca; e que a realidade básica pode aparecer mais ou menos elaborada, transformada, modificada, segundo a concepção do escritor, a sua tendência estética, as suas possibilidades criadoras." (CÂNDIDO 2014, p. 69, destaque do autor).

Assim, se, por um lado, nos textos argumentativos, os textos motivadores da proposta de redação estão presentes a todo o tempo, nos textos narrativos essa presença se torna mais indireta, atravessada pelo imaginário ficcional daquilo que se pretende contar, como: a) exemplo de felicidade alcançada; b) felicidade resultante de quebra de expectativa; c) felicidade na mudança; d) felicidade na perda; e) felicidade no *status quo*; f) felicidade impossível. Em todas as nuances possíveis, a ideia de felicidade passa de leve pelo consumo, pela sua capacidade de mover o homem, pela sociedade; ela é pormenorizada em retratos de relações, os quais nem sempre consideram o social, mas que registram um modo peculiar de estar no mundo, e de entender o mundo, ainda que seja um registro recortado, universal e homogeneizante – de fato, há exemplos que tentam ultrapassar essa barreira. De todo modo, é no que há de contínuo, e de fraturado, que fica situado o trabalho do escrevente, por meio dos conjuntos espaço-temporais constituídos. Observando essa realidade, na intenção de demonstrar as zonas de contato e de distanciamento presentes no material analisado e, ainda, visando à organização das análises, assumo como critério três aspectos – complementares entre si –, mas que merecem um direcionamento: a) 3.1 o cotidiano e a fratura; b) 3.2 a perda e o recomeço; e c) 3.3 o tempo biológico.

O fundamento da análise proposta encontra embasamento na noção bakhtiniana de cronotopo, definida do seguinte modo:

> "(...) à interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura, chamaremos *cronotopo* (que

> significa ‘tempo-espaço’). (...) nele é importante a expressão de indissolubilidade de espaço e de tempo (tempo como a quarta dimensão do espaço).” (BAKHTIN 1988, p. 211)

O fim maior dessa apropriação teórica é diminuir as generalizações, de modo a buscar as características próprias de um determinado tempo e de um determinado espaço, que afetam a constituição social, cultural e histórica de um dado grupo social, ou personagem, representado ficcionalmente nas narrativas sobre a busca da felicidade. Assim, “O cronotopo determina a unidade artística de uma obra literária no que ela diz respeito à realidade efetiva.” (BAKHTIN 1988, p. 349). Essas palavras, aplicadas por Bakhtin no contexto do romance de Rabelais, por exemplo, podem ser repensadas à luz de redações escolares, no sentido de que a vida retratada nas narrativas passa a ter verossimilhança dada a construção dos espaços e das temporalidades efetivamente pertinentes ao enredo o qual, por sua vez, também é fruto da construção espaço-temporal, ainda que não estejamos no universo de um romance, pois “É no cronotopo que os nós do enredo são feitos e desfeitos. Pode-se dizer francamente que a eles pertence o significado principal gerador do enredo.” (BAKHTIN 1988, p. 355)

Além do conceito de cronotopo, são considerados aspectos semióticos da temporalidade, no que concerne aos efeitos de sentido resultantes de distintas relações espaço-temporais. Nesse sentido, é preciso entender o tempo como o que pulsa no texto pelas imagens que permite construir, no sentido do poder que assume no encadear do discurso em produção. Nesse contexto,

> “Dire que le temps est une puissance, c’est dire qu’il n’est jamais totalement en acte sauf à être réfléchi par un discours qui est l’effectuation d’une sémiose. Le temps demande à être perçu et à être dit, laissant par là ouvert l’ensemble de ses configurations possibles[58].” (ARRIVÉ 2006, p. 55)

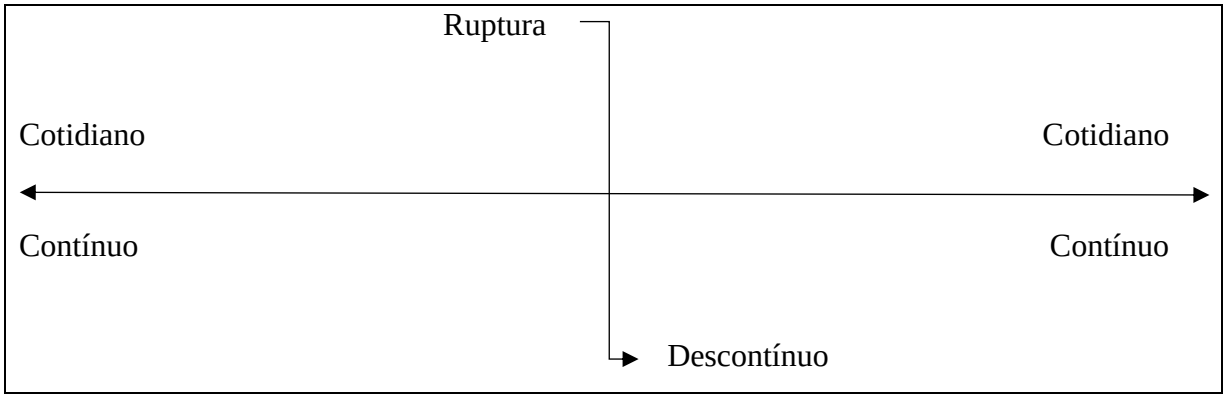
Se o tempo demanda ser percebido e ser dito, seu caráter volátil, aberto às mais variadas configurações possíveis, comprova o fato de que ele é pano de fundo e personagem das narrativas em estudo. Neste artigo, em que Arrivé expõe a tectônica do tempo, fazendo dele subclassificações em categorias que não interessa aqui destacar, por não ser o meu propósito esmiuçar os critérios por ele considerados, o tempo como força é uma

[58] Em tradução livre: Isto é, dizer que o tempo é um poder é dizer que nunca está totalmente em ação, salvo para ser reflexo de um discurso que é a efetuação de uma semiose. O tempo exige ser percebido e ser dito, deixando assim abertas todas as configurações possíveis.

compreensão relevante, por colocar o que o autor nomeou como fenômenos de conflito[59] em evidência; nesta dissertação, é no conflito que estão as rupturas que se objetiva analisar.

3.1 O cotidiano e a fratura

Entre o ordinário do dia a dia e o extraordinário do que rompe a rotina, há, no cotidiano, uma forma de diluir o tempo que se repete e, na fratura, uma forma de determinar um tempo que rasga o fluxo do repetível. O inusitado, portanto, assume função desestabilizadora, que passa a promover uma ruptura, uma quebra, um desvio. Esse é o elemento da contradição. Essa visão acerca do tempo pode ser vislumbrada a partir do seguinte esquema:



Quadro 3 – a ruptura do *continuum* espaço-tempo

No texto seguinte, o lugar da perda como oportunidade para a felicidade não se confirma, uma vez que a perda é vista como caminho para a infelicidade. Entre a continuidade da rotina – marcada por fazer algo "todos os dias", enunciado que inicia o texto – e as rupturas – pela chegada e pela perda da rosa (as indicações de tempo estão marcadas em caixa alta) –, a narrativa apresenta-se como uma defesa do direito à posse daquilo de que se gosta.

[59] "Mais l'intérêt propre de cette classification réside surtout dans les accords et désaccords entre la forme d'un temps particulier et la dynamique sous-jacente. C'est ce que nous appelons la *tectonique du temps* [destaque do autor] que met en jeu l'ensemble des éléments iconiques que nous avons mis en place, auxquels viennent s'ajouter les phénomènes de conflit." (ARRIVÉ 2006, p. 75)
Em tradução livre: Mas o interesse particular desta classificação reside sobretudo nos acordos e desacordos entre a forma de um tempo particular e a dinâmica a ele subjacente. Isto é o que chamamos de *tectônica do tempo* [destaque do autor] que envolve todos os elementos icônicos que colocamos, a que são adicionados os fenômenos de conflito.

E9: Sobre uma espécie chamada felicidade

TODOS OS DIAS, quando o Sol se punha debaixo da suntuosa Igreja, o menino desvanecia de quaisquer que fossem suas obrigações e ocultava-se por dentro da mata até o onde não havia mais como prosseguir. Então, como de costume, quando o Sol se aproximou da Igreja, caminhou rapidamente por dentre o verde das folhas até chegar nas rochas, onde costumava instalar-se para contemplar o vasto oceano azul, e apenas azul, em sua frente.

Porém, QUANDO JÁ DISPOSTO ENTRE AS ROCHAS OBSERVOU UMA PEDRA E, EM CIMA DESTA, UMA ROSA VERMELHA. Note que o menino havia ido procurar a paz que só encontrara na infinidade imutável do mar e agora observava algo completamente diferente. Apesar disso, a rosa não tirava-lhe a paz que a contemplação trazia-lhe. Definitivamente não. Porém, nutria outras sensações que nunca dantes lhe foram sentidas.

OS DIAS PASSARAM-SE na sua lentidão usual, mas, para o menino, o Sol parecia negar-se a se pôr. Não parara de pensar em sua rosa nem um minuto sequer depois que a vira *(**veja** que ele a denominara como sua, pois uma vez lhe fora dito que gostar é provavelmente a melhor maneira de apoderar-se de algo).*

NO PRIMEIRO DIA GELADO DO ANO, enquanto o menino atentava-se em analisar as diversas tonalidades da rosa, a rocha, na qual a divina flor habitava, levantou-se do oceano em uma rocha dividida em duas partes menores e pontudas e, como se mergulhasse na imensidão azul, DESAPARECEU DA VISTA DO MENINO.

Ele partiu ANTES MESMO DO SOL SE POR, porém, no caminho o menino encontrara um homem e logo percebera que o conteúdo em suas mãos era tua rosa. Perguntou-lhe onde havia conseguido tal façanha e o homem lhe apontou uma roseira disposta no caminho. Esse perguntou se a roseira pertencia ao menino e, percebendo que a nova sensação de compartilhar algo que antes julgara teu foi-lhe melhor ainda que possuir a rosa só para ti, respondeu-lhe:

-Se tu gostas destas rosas pode possuí-las uma a uma, pois gostar é provavelmente o melhor jeito de ter.

(Série do escrevente: 1ª. série do EM; gênero escolhido: conto)

Neste texto, a primeira ruptura na linha do cotidiano ocorre no momento em que a rosa nasce, em lugar inesperado, estabelecendo a perda do contínuo da imensidão azul. Com isso, um novo cotidiano surge, marcado pela contemplação diária da rosa, sendo posteriormente, também ele, fraturado, quando a rosa é engolida pela imensidão azul – uma nova ruptura que acrescenta à narrativa a noção de perda.

Além disso, o título deste texto introduz uma posição a ser destacada acerca da felicidade, ao personificar o sentimento por meio do termo “espécie”. Entender a felicidade como um ser materializa o sentimento e confere-lhe *status* tangível, fato que anuncia a posição enunciativa do texto, uma vez que a felicidade receberá tratamento material em

diálogo com algo que pode ser possuído. Esse fato fica indiciado ao longo da narrativa: o enunciado que encerra o terceiro parágrafo – destacado, no texto, em itálico – é um movimento do escrevente sobre o próprio dizer, por meio do qual ele faz uma explicação do que havia sido anunciado antes. A metaenunciação que se constrói nessa passagem, marcada pela presença de parênteses, além de assumir papel explicativo, também convida o leitor a participar do texto, com o uso do imperativo "veja" (em negrito) e insere, ainda, a voz coletiva no texto, por meio do tom aforizante do que é dito: primeira menção explícita à relação estabelecida entre a sensação de felicidade e a posse, sendo a segunda menção obtida pela reescrita que encerra o texto.

Os dois textos seguintes registram uma situação de conquista. O primeiro deles (E15) é um conto que aproxima diferentes espaços e corporalidades por meio da passagem do tempo – nesse caso, uma releitura do mito bíblico do gênesis, associada à construção do mundo do eu textual em sete dias (todas as referências à construção do mundo estão sublinhadas). É um conto que retrata a conquista do ser amado e que, por isso, estabelece um diálogo com o texto E31 – embora, em E15, a narrativa seja construída da perspectiva do conquistador e, em E31, a história seja narrada da perspectiva de quem é conquistado. Em E31, uma crônica, apresenta-se o instante como centro da noção de temporalidade, por meio do paradoxo entre aquilo que é entendido como comum, a rotina – no caso, de uma adolescente na escola – e o inusitado nessa espaço-temporalidade, a sua ruptura, sendo este o momento da felicidade.

E15: <u>Libras</u>

Estou apaixonado. Não necessariamente feliz **(ainda)**, mas em êxtase!

Ela não sabe que a amo, mas <u>eu vou provar em sete dias</u>.

<u>No primeiro dia</u>, dou a ela flores e tempo.

Fiz flores de origami com um sorriso no rosto, porque não são meras flores, VOU DAR A ELA MEU TEMPO. Em cada dobra, uma mensagem. Coloco todas em seu armário na escola.

<u>No segundo dia</u>, dou a ela palavras e definições.

Não falo com ela, faço uma lista de palavras que amo:

ISOCRONIA – SINCRONIZAÇÃO ENTRE TEMPO NARRATIVO E O TEMPO DA HISTÓRIA;

Eufórico – experimenta, provoca euforia;

Vítreo – feito de vidro.

Ela me responde com uma palavra sua num singelo bilhete na minha mesa:

Literogratifelicidade – Obrigada pelas palavras.

<u>No terceiro dia</u>, DOU A ELA ESPAÇO.

Uma margarida na porta da sua casa, porque ela precisa pensar, eu também.

No quarto dia, dou a ela uma música.

Meu amigo tem voz, ele canta. Eu a vejo feliz, sorrindo. Ela sabe que sou eu. Eu sorrio de volta.

No quinto dia, dou a ela filmes.

Compro rolos de filmes, em preto e banco e coloridos. Em cada caixa, escrevo citações de fotógrafos famosos. Eu sempre amei as fotografias dela.

No sexto dia, dou a ela cartas.

UMA EM CADA HORA DO MEU DIA, para que saiba todas as vezes em que pensei nela.

No sétimo dia, ME DOU A ELA.

Faço isso indo até lá e dizendo oi. Faço isso DISSOLVENDO A DISTÂNCIA ENTRE NÓS.

Talvez essa seja a única coisa que ela retribui.

Ela faz isso falando comigo do meu jeito, em libras.

(Série do escrevente: 1ª. série do EM; gênero não informado pelo aluno)

E31: Dança

Eu entro na sala de aula pronta para mais um dia comum como todos os outros. E realmente, não me surpreendo. São sempre as mesmas piadas, sempre as mesmas risadas. Existem aqueles que não gostam, existem aqueles que nem falam nada. Eu dou risada. Eu acho gostoso esse comum, porque quando você menos esperar, alguém pode chegar com UMA PIADA NOVA, OU UMA RISADA NOVA.

No meio do dia sinto que algo está errado. TEM UM OLHAR DIFERENTE EM MIM. Olho pros lados, mas não vejo nada, apenas pessoas copiando a matéria dada. Engraçado, ALGO ENCHE MEU PEITO, não consigo identificar o que é.

Quando me arrumo para ir embora, o sentimento não vai embora. A sensação fica ainda mais forte quando a sala vai esvaziando. Olho para os lados quando não vejo mais ninguém sair. Então o vejo. DAVID ESTÁ LÁ, me encarando ao lado dos armários. Com meus livros na mão, pronta para guarda-los, me aproximo calmamente.

— O que ainda faz aqui? — pergunto.

— Não acha que esqueci, certo? — ele diz sorrindo, um sorriso que faz aquela sensação crescer no meu coração. — É seu aniversario, Emily!

Eu dou risada do tom animado dele. Guardo meus livros e depois me volto para ele. Quando vejo que ele está com um colar na mão, pronto para me dar. E eu dou um passo para trás.

— Não tenha medo, é só um presente. Eu sei que você merece muito mais, mas foi só isso que eu consegui até agora.

David me vira de costas para ele, afasta meu cabelo e coloca o colar em mim. AGORA O PESO DAQUELA SENSAÇÃO ESTÁ BEM MAIS NOTÁVEL. Quando me viro, ele está sorrindo para mim, mas ainda assim está meio sério.

> — Eu falo sério quando digo que você merece muito mais. **Eu quero que você encontre a felicidade**.
>
> — **E eu estou em busca dela**? — dou risada enquanto toco o colar. David agora está realmente sério.
>
> — **Todo mundo procura a felicidade**. Eu desejo tudo isso para você. Amor, risada, muita amizade, APENAS UMA PROPOSTA E UMA DANÇA.
>
> Ele tira o celular do bolso e fica quieto por um momento. Quando ele coloca o celular sobre a mesa e a MINHA MUSICA FAVORITA começa a tocar, David me puxa contra seu corpo e COMEÇAMOS A BALANÇAR NO RITMO DA MELODIA.
>
> — VAMOS COMEÇAR PELA DANÇA... — ele sussurra olhando para mim.
>
> E SINTO AQUELA SENSAÇÃO SE ESPALHAR PELO MEU CORPO TODO. Não preciso mais procurar. A FELICIDADE ESTÁ BEM AQUI.
>
> (Série do escrevente: 2ª. série do EM; gênero escolhido: conto)

O texto E15, “Libras”, bem como o texto E31, “Dança”, trata de uma situação de conquista amorosa. Em ambos, há um personagem dedicado a conquistar o ser amado. A diferença está na abordagem por meio da qual isso ocorre: em “Dança”, há uma cena de sedução, motivada por um presente de aniversário e uma surpresa; em “Libras”, há um processo marcado pela passagem do tempo – na textualidade, o fato de o título coincidir com a última palavra (termos sublinhados) é o registro da construção do mundo do eu textual em sete dias – e pelo modo como, sem poder expressar-se por palavras, o personagem monta uma sequência de presentes que culminam, assim como no texto E31, na concretização de um ato físico, metaforizado por uma dança, em E31, e por dar-se de presente ao ser amado, em E15. São dois modos distintos pensados para a sedução: em E15, o ato de seduzir torna-se cotidiano no tempo do processo, sendo possível pensar uma ruptura que antecede o enredo, considerando que há uma mudança na rotina do conquistador, para quem a conquista passa a ser o ordinário; em E31, ao contrário, é a ruptura do ordinário que permite a sedução, uma vez que o texto registra o momento em que a rotina escolar é quebrada.

Entre outros aspectos, vale ressaltar, sobre E15, as linhas 9 e 11, nas quais, por meio das palavras escolhidas pelo personagem para manifestar seu apreço por elas – “isocronia”, “eufórico” e “vítreo” – há um movimento de metaenunciação: cada uma dessas palavras, ao mesmo tempo que são explicadas, possuem um papel relevante na própria narrativa, a começar por um personagem surdo que confessa amar palavras. A autocorreção presente na primeira linha por meio do advérbio “ainda”, em negrito, já anuncia o sucesso – a felicidade alcançada – ao cabo do processo. Ao dispor o advérbio entre parênteses, o

escrevente dá destaque à autocorreção realizada, pois ela também contribui para a estruturação temporal, uma vez que início e fechamento estão em comunhão para materializar – no correr de sete dias – a felicidade encontrada (na passagem do tempo, o eu textual constrói o próprio mundo em sete dias, em diálogo com o mito do gênesis).

Já em E31, o eixo da narrativa é construído entre o paradoxo do "comum" (estão sublinhadas as referências feitas, no texto, à rotina) e do "algo" além desse comum – os pronomes demonstrativos e indefinidos são as pistas linguísticas do anúncio do diferente neste texto: o "algo" do segundo parágrafo aparece retomado por "aquela sensação", por "daquela sensação", e novamente por "aquela sensação", na penúltima linha (referências em caixa alta). Assim, ainda que o comum não seja visto como desagradável, há a diferenciação entre a rotina – acontecimento do qual o eu-lírico diz gostar – e o instante – este compreendido como o diferente e o inusitado, indiciando uma fratura do contínuo. Ainda que se apresente como satisfeita com a rotina e, portanto, aparentemente feliz, só na última linha do texto, quando aquilo que foge à rotina típica de uma adolescente na escola – mesmo que represente o sonho de amor de muitas delas – ocorre, é que a felicidade, que se dizia não procurar, se concretiza como experiência.

No texto seguinte, a imagem de um trem – meio de transporte que aproxima e distancia – é utilizada como base para uma narrativa que pretende aproximar vivências e expectativas por meio da suposição.

E34: A história DOS OUTROS

É incrivel pensar nas histórias das PESSOAS QUE PASSAM POR UM **TREM**. Quando se está lá dentro, PESSOAS SAEM, ENTRAM, FICAM, PASSAM. Tantas vidas DISTINTAS, esperanças e ansiedade acumuladas **num MESMO espaço**. Porém, a figura de um simples homem parado na frente da plataforma principal, lugar em que meu trem sairia as **22:54**, cativou a minha atenção.

Esperava com uma rosa branca alguém que amava. À primeira vista, era somente um apaixonado que esperava. Mas olhando profundamente aquela cena aparentemente comum, vi na altura de seus joelhos um cesto com um bebê. Seu filho. Uma criança que por si só, era uma prova de amor. *Seu amado filho que esperava junto com seu pai, sua amada mãe*.

Tentei imaginar quem seria a mulher da vida daquelas pessoas. Com muito amor e muita saudade ele esperava alguém, assim como eu, que, muito mais jovem, mas com os MESMO sentimento, esperava a chegada do **meu trem** que me levaria ao homem da minha vida. **Saudade, quando se passa muito tempo longe de alguém especial, é a maior prova de amor que posso pensar**; um abraço de reencontro é o ato de amor que prova a sinceridade e a compatibilidade de dois corações, que batem ansiosos um

> pelo outro. E esse homem que segurava uma rosa teria **esse momento**. E eu teria esse **mesmo momento em pouco tempo**.
>
> Mas o que é **um segundo** na ansiedade de reencontrar os lindos olhos do amor da sua vida, ou um abraço **de um século de duração contados no tempo de um casal apaixonado**? **Tempo é uma questão de tempo**. E **este não passava** para mim ou para o homem que chamou minha atenção.
>
> **22:50**, **hora de achar um lugar no trem** que me faria sentir o mesmo que um homem, que nunca mais vou ver, mas nunca vou esquecer, sentiu.
>
> (Série do escrevente: 2ª. série do EM; gênero não informado pelo aluno)

O título "A história dos outros" indicia um movimento para a alteridade – por isso, o termo "outros" destacado em caixa alta –, por meio do cronotopo que se estabelece na imagem de encontro, reencontro e desencontro presente no que se entende por uma plataforma em uma estação de trem, ambiente – a espacialidade – que remonta às noções de partida e chegada, de começo, fim e recomeço – as temporalidades (destaques em negrito). Contudo, neste texto, esse possível movimento eu/outro ignora distintos valores sociais, o que promove apenas uma transferência da subjetividade do "eu" que enuncia nesta crônica para o outro, de modo que ambos, apesar de os marcadores linguísticos (destacados em caixa alta) estabelecerem a distância, sejam representações de uma mesma subjetividade.

Entre as linhas 3 e 4, no primeiro parágrafo, há a instauração de uma contradição, por meio da aproximação do adjetivo "distintas" e do pronome "mesmo" – termos destacados em caixa alta –, que manifesta, na língua, o caráter homogeneizante que há entre o "eu" que enuncia no texto e o "outro" para quem esse eu olha. No terceiro parágrafo, a observação "muito mais jovem" (sublinhada) é outro enunciado que tenta garantir o distanciamento entre o "eu" e o "outro" – este, apresentado no primeiro parágrafo pela expressão "um simples homem", também sublinhada. Na sequência, a construção adversativa "mas com os mesmo sentimento", sublinhada no terceiro parágrafo, corrobora a anulação do distanciamento do "eu" e do "outro". De fato, houve, neste texto, uma tentativa na exposição do diferente que não se concretizou; uma tentativa em explorar diferentes temporalidades e momentos de vida que, na cadeia textual, tornou-se homogeneizada, pois não há, de fato, diferença. Além disso, as duas últimas linhas do penúltimo parágrafo, iniciadas com a máxima "Tempo é uma questão de tempo", também indiciam a anulação das diferenças, pensadas, *a priori*, como o título do texto aponta.

Desse modo, com base nas análises apresentadas, é possível compreender a ruptura do ordinário como um indício de autoria, uma vez que a quebra propicia a percepção de um possível lugar ocupado pelo escrevente. Além disso, também a construção do tempo

como processo traz à tona indícios do trabalho do escrevente – sempre inconsciente e atravessado – no momento da própria escrita se fazendo.

3.2 A perda como recomeço

A passagem do tempo assume caráter transformador tanto na ruptura do cotidiano, quanto na perda. Na perda, contudo, esse aspecto metamorfoseante do tempo passa a ser visto de modo mais aprofundado, ao considerar-se o peso da perda na experiência da personagem. Porém, nem sempre a perda concretiza um efeito transformador, pois, em alguns casos, como detalham as análises na sequência, a perda, por provocar dor, é algo que se deseja não experenciar.

O texto seguinte, um conto, mostra, de início, duas realidades díspares, personificadas na relação entre um pai alcoólatra e o filho que o odeia, mas ama a mãe – em uma abordagem quase edipiana. Apesar de recusada a princípio, o eu textual rende-se à fraqueza do pai, rendição que, ao cabo, historiciza cada uma das realidades apontadas, as quais, ainda que sejam distintas, aproximam-se em um momento de comunhão.

E2: Tal pai, tal filho

NAQUELA NOITE percebi que deveria escolher um rumo para minha vida. Enquanto olhava o rosto febril de minha mãe, deitada em sua cama, eu imaginava onde seu marido deveria estar. Digo "seu marido", pois este nunca fora um pai para mim, e não gostaria que tivesse sido. Onde ele estava, todos da cidade já sabiam: o bar. **Aquele covarde se escondia dos seus problemas atrás das garrafas**, e perguntasse por que ele o fazia, ele lhe respondia com duas palavras: **"Ser feliz"**.

Por muito tempo, aquelas foram as palavras mais falsas de todas para mim. NAQUELE INSTANTE, vendo minha mãe definhar de febre, estava tão convicto da falsidade delas quanto estava convicto de sua melhora. *Ela sempre fora uma boa mãe, atenciosa e trabalhadora, que buscava a felicidade de um jeito diferente de seu marido: por meio de suas realizações pessoais e, principalmente, em mim.* AO ENTARDECER, porém, o médico fez o diagnóstico. Tuberculose seria o seu fim, e não havia chances de melhora.

Por algum motivo, talvez por minha inocência, não acreditei que aquele seria seu fim. Pensei nos rumos que poderia tomar QUANDO ELA SE RECUPERASSE, **tendo sempre em mente a felicidade**.

AO AMANHECER, quando acordei, percebi que sua febre havia acabado. E que sua pele estava fria. Quando assimilei os fatos, senti algo como nunca antes, um vazio no peito, misturado com desespero. Perdi-me, não sabia o que fazer. Não demorou a me render aos soluços e lágrimas que

> nada ajudavam no momento. **Parecia que eu nunca mais seria feliz de novo**.
>
> No auge do desespero, sem noção ou capacidade de julgamento, **fui para o último lugar que iria no mundo inteiro**. Ao entrar, imediatamente vieram à tona imagens de minha infância: meus pais gritando um com o outro, os cortes no pé ao pisar nos cacos de garrafa de vidro, que se encontravam em abundância em nosso chão.
>
> Me saudaram e cumprimentaram, dizendo coisas como "Finalmente", "Já estava na hora" e "Tal pai, tal filho". Fui conduzido a um banco rústico de madeira, no qual sentei e esperei. O sujeito do lado, por alguma razão, me chamava de "filho". **Pela primeira vez, Theodoro e seu filho se sentaram no mesmo bar**.
>
> **Apesar de não ser do jeito que esperava, naquela garrafa de vinho barata eu encontrei novamente a felicidade**.
>
> (Série do escrevente: 9º. ano do EFII; gênero escolhido: conto)

Este conto tem sua estrutura baseada em duas realidades diferentes: a do filho, cuja representação inicial é a do desgosto e da responsabilidade, e a do pai, um indivíduo desconsiderado que, ao que tudo indica, nunca foi pai, não pelo menos naquilo que o filho entendia como pai. Essas duas realidades corporificam estatutos sociais distintos e estabelecem uma quebra de expectativa: ainda que pai e filho dividam a mesma temporalidade – o presente – a espacialidade desse presente, com todas as suas características, é distinta, fato que dá sentido diferente a cada um desses presentes vivenciados. No primeiro parágrafo, a frase "Digo 'seu marido'" (sublinhada) representa um exercício metaenunciativo, de volta sobre o dizer, em que a explicação do dito introduz a posição enunciativa e estabelece a expectativa diante da relação social pai/filho aqui pensada. Esse exercício de avaliação do dizer ocorre, também, na primeira linha do segundo parágrafo, no julgamento das palavras do pai como falsas, um processo valorativo que estabelece o modo como se enxerga, ou não, a paternidade e a felicidade.

De fato, ser o centro da existência da mãe (destaque em itálico) cria para esse filho um ambiente de dependência, em uma relação de laços de comunhão; nesse sentido, a doença e a posterior morte da mãe alteram o equilíbrio da balança dessa relação, restando ao filho, aparentemente, o outro modelo de felicidade que se apresenta na fala do pai, ao final do segundo parágrafo, quando explica porque bebe: "Ser feliz" (destacada em negrito). Em negrito, também estão marcados os demais trechos que instanciam a transição por que passa a personagem em seu processo de busca da felicidade. Linguisticamente, o paradoxo entre as realidades distintas fica explicitado no par "naquela noite", marcador temporal com o qual se inicia o texto, e "ao amanhecer", marcador com o qual se inicia o quinto parágrafo (esses marcadores temporais, e todos os demais elementos de passagem de tempo, estão destacados

no texto em caixa alta). Essa relação é importante, porque, apesar de anunciar que a decisão seria tomada na noite do diagnóstico, a virada anunciada só ocorre ao amanhecer, com a morte da mãe. Há ainda um aposto, no início do sexto parágrafo, que reitera um ato impulsivo: "sem noção ou capacidade de julgamento" (destacado em cinza).

O final confirma a reunião anunciada no título e promove o encontro de duas corporalidades, duas espacialidades que, de certo modo, sempre estiveram em contato, o que fica marcado pela mudança de pessoa verbal no enunciado em negrito "Pela primeira vez, Theodoro e seu filho se sentaram no mesmo bar". No paradoxo entre essas duas realidades, o encontro se dá no clichê de uma garrafa de bebida como caminho para o esquecimento e, portanto, para a felicidade. Assim, neste texto, a perda surge como um recomeço, mesmo que o recomeçar ocorra na contramão das expectativas de sucesso comumente associadas a isso, já que é o vício em álcool que permite atribuir à perda valor de oportunidade. O clichê do álcool como consolador também ocorre no texto E41, "Black Label para dor na vida" – analisado no capítulo 2 –, no qual a personagem está em recuperação.

O texto seguinte, cujo título é "Barco sem remo", traz, por meio desse título, a metáfora de um carro desgovernado – um barco sem remo está à deriva, sem controle, do mesmo modo que um carro, ou trem, desgovernado, perdeu o controle. Trata-se de uma narrativa de sucessão de fatos – cujo encadeamento textual também pode ser pensado sob o prisma de um barco sem remo –, uma vez que ele representa um retrato de gêneros textuais em atravessamento: começa parecendo ser um conto, torna-se uma sucessão de fatos e encerra-se como um aconselhamento. Também o conteúdo passa por esse constante atravessar: de início, a mudança era vista como saída para não ser engolido pelo tempo que passa; ao cabo, é o conformismo diante das circunstâncias que será evocado como o caminho para a felicidade, já que a instabilidade provocada pela mudança se torna um prejuízo à sensação de estar feliz – neste texto, equiparada a uma imagem de paz e tranquilidade. Ou seja, neste texto, a perda não é vista como oportunidade.

E21: Barco sem remo

> Tudo de início após seu aniversário de 48 anos, **foi** ali que Ricardo aígue **começou** a pensar. Claro que a saída de seu único filho de casa ajudou, mas **foi** depois de seus 48 anos que **começou** a sentir falta de vontade, como se tudo que **fizera fosse** tempo perdido. Quando **estava** em casa só **pensava** no trabalho, quando **estava** no trabalho se **apressava** para poder chegar logo em casa, enquanto isso ele **era ameaçado** pelo tempo.

> Ricardo nunca **gostou** de seu emprego, não **amava** mais sua mulher e seu único filho não **ligava** mais para ele. Aquilo não **podia** continuar assim, mas ele **era** incapaz de fazer algo, sua mulher e seu trabalho **eram** ancoras; se **parasse** de nadar para não **afunda-LA** ele iria se afogar. Porém, já **chegara** a hora em que Ricardo **fica** cansado e **solta** as correntes da razão que o **prendia** a ancora. **Decidiu** fazer tudo o que **tinha** vontade e não **fez**. Primeiro **pediu** demissão, depois como explicação para sua mulher simplesmente disse: "Não sei como dizer isso, mas... vamos viajar","Amor, esqueça essa ideia pensei que você estava diferente, mas agora tenho certeza. Você está passando pela crise da meia-idade", respondeu. Após fazer uma reflexão de dois segundos respondeu: "Não venha generalizar e tentar me convencer que isso é só uma fase".
>
> Depois de sua mulher reprimir repetidamente suas ideias Ricardo pela primeira vez **explodiu** e **soltou** as correntes: "Porque eu não posso fazer o que quero?! A minha vida inteira senti que não fiz alguma decisão por mim mesmo! A verdade que não gosto do meu emprego, meu pai gosta, era o sonho dele! Ele me conduziu a isso. Nunca quis ter um filho com você e não te amo mais!", depois de perceber o que falou tentou explicar: "Eu sinto que eu só fiz tudo o que queriam que eu fizesse não o que eu gostaria. A verdade é que... não gosto mais de você... não é mais a mesma pessoa"."Eu também não te amo mais... <u>Acho que precisamos de um tempo</u>".
>
> O próprio sentimento de tentar melhorar a vida **cria** a insatisfação, para **aproveitar** a vida **faça** o possível para não **pensar** em **aproveitar** o máximo.
>
> (Série do escrevente: 1ª. série do EM; gênero escolhido: conto)

As oscilações dos tempos verbais – em negrito – são o indício de que a narrativa em construção pode ser pensada também como pertencente à metáfora de um barco sem rumo, pois permitem o registro, na escrita, do processo de estruturação do raciocínio do escrevente. A princípio registrada no passado, a narrativa passa a ser pensada sob a perspectiva do tempo presente, o que traz ao texto uma atualidade que o tempo passado parece mascarar. Essa atualidade instancia a posição enunciativa, posto que evidencia uma visão da vida adulta que, para além do que seja ficcional, está materializada em uma constante que só o marco temporal do presente pode projetar. O maior registro desse processo está indiciado pelo par "ele era ameaçado pelo tempo", no fechamento do primeiro parágrafo, em contraposição ao imperativo "faça o possível para não pensar em aproveitar o máximo", que encerra o texto.

Há, nessa mudança, também as marcas de gêneros textuais distintos que se respondem no texto em construção, cujo sentido anunciado *a priori* como a necessidade de mudança para ser feliz termina com um convite – mais que isso, uma ordem – de

permanência no *status quo*, em uma evocação do senso comum como o lugar seguro no qual reside a felicidade. A ambiguidade presente no pronome oblíquo “la”, em caixa alta, no segundo parágrafo, cujo referente é vazio – poderia ser a felicidade, a vida, a esposa – também é um indício do atravessamento marcado tanto no conteúdo, quanto na forma. A personagem Ricardo, assim, é abandonada – pelo enunciador – na finalização da narrativa, o que parece indicar a dispersão provocada pelo cruzar de diferentes formações discursivas: a da mudança, da necessidade do movimento; a da manutenção de um estado de coisas. Outro par a ser destacado é o enunciado “ele era ameaçado pelo tempo”, no primeiro parágrafo, em relação a “Acho que precisamos de um tempo”, no fechamento do penúltimo parágrafo (as referências ao tempo pertinentes a esse caso estão sublinhadas). No primeiro caso, o tempo surge personificado no texto, de modo que faz referência ao tempo da vida no sentido cronológico; a segunda ocorrência desse termo, contudo, esvaziada pelo indefinido “um”, coloca esse tempo como distância, em uma visão espacial do tempo. Entre a temporalidade da vida e a espacialidade de um tempo que distancia, há, também, a dispersão entre o ser consumido pelo tempo – o que exige mudança para alcançar a felicidade – e o tempo da separação que provoca tristeza, fruto de um movimento pela mudança, que culmina em um aconselhamento final no sentido de permanecer inalterado. Assim, a perda não é vista como oportunidade, mas como justificativa para não buscar a ruptura.

Além disso, este texto estabelece um diálogo como o texto E24 (cuja análise será apresentada no subitem 3.3), de título “Todos aprendem a remar.”, no sentido em que aproximam metaforicamente pessoas e barcos; também aproximam-se ao ser considerado o tom pessimista a que suas conclusões direcionam o problema da felicidade; neste texto, ser feliz é resultado de profunda resiliência; em E24, ser feliz seria possível se todos aprendessem a remar, algo que, de fato, não é defendido.

O texto E23, também um conto, trata de duas temporalidades: a juventude de um neto em contraponto com a velhice e a morte do avô. Há uma tentativa de aproximar essas temporalidades, mas ela não se concretiza, pois avô e neto são resultado de diferentes conjunturas sócio-históricas.

E23: Um último encontro

> Observou o avô agonizar lentamente. **NUNCA O CONHECERA**, e estava longe de suas capacidades reconhecer o que se passava na mente daquele ser que presenciava a chegada inevitável da morte.
>
> Nunca saberia se o avô QUE NÃO CONHECERA abraçaria a morte com medo ou prazer. Por um instante, QUIS QUE TIVESSE

CONHECIDO AQUELA POBRE CRIATURA. Talvez pudesse adivinhar agora como era morrer. Mas não importava. Era como UM ESTRANHO MORRENDO, não havia qualquer sentimento de tristeza. Talvez, um pouco. Uma ligeira, **mas incômoda tristeza**.

Viu lágrimas formando-se nos olhos do avô. Remorso, talvez. Ou até mesmo medo. Ninguém poderia dizer.

- Hnn... – o velho balbuciou -. Você.

Estaria aquele vestígio de vida chamando-o? Os outros que esperavam pela morte do senhor na maca movimentaram-se, tensos.

- Sim?

- Sabe, você era uma linda criança. Queria ter passado mais tempo com você... – o idoso tossiu -. Faz-me uma promessa, sim?

- Sim -, respondeu, hesitante.

- Seja um avô melhor que eu.

Uma inusitada torrente de tristeza **inundou os dois corpos**. Um, à beira da morte, cheio de arrependimento e dor misturados a uma cálida alegria, ansiando pela morte e pela vida. O outro, na flor da mocidade, preso às preocupações de todo jovem adulto na faculdade, **mas infeliz**.

Contudo, **algo unia-os**. Não o desgastado laço sanguíneo, mas a compaixão mútua. **Não se conheciam, não se compreendiam. Porém, sentiam a mesma ternura**.

Por fim, a agonizante criatura quedou-se morta, mas com um espetáculo final, estilhaçando de um só golpe a atmosfera negra e ritual da morte com um sorriso.

Era a semente. A semente da esperança que, plantada no vale da morte, nasceria brilhante para que fosse pelo neto colhida.

Inundado pela alegria e tristeza confundidas num dolorido sentimento, **o neto viu sua própria vida refletida no avô**, e soube, com toda a certeza, que, como ele, **seria feliz**.

Com uma lágrima escapando por seu rosto, ele sorriu de volta.

(Série do escrevente: 2ª. série do EM; gênero escolhido: conto)

Este texto é um conto cujo fio condutor se baseia na contradição estabelecida entre a impressão de não ter conhecido e, de fato, conhecer o avô. Entre a juventude do neto e a morte do avô, duas temporalidades opostas que coexistem no espaço de um quarto de hospital, a narrativa é construída na tentativa de aproximar realidades distantes no tempo, segundo a posição enunciativa assumida aqui – de um jovem universitário, na flor da idade. Ao longo do texto, os enunciados destacados em negrito vão, progressivamente, mostrando a anulação da distância e do desconhecimento das duas personagens: o neto, jovem, mas infeliz; o avô, agonizante, que se manifesta arrependido da ausência, ao mesmo tempo em que acolhe a morte com um sorriso (sublinhado no antepenúltimo parágrafo). Nesse sentido, esse texto retrata a perda – no caso do avô, da vida; no caso do neto, do avô – como sendo, também ela, lugar da felicidade, uma vez que permite o recomeço.

Outro fato é o destaque para a afirmação de que neto e avô não conviviam, destacada pela presença de frases como esta, presente na primeira linha, "Nunca o conhecera, (...)", reforçada por passagens do segundo parágrafo: "(...) que não conhecera (...)"; "(...) quis que tivesse conhecido aquela pobre criatura."; "Era como um estranho morrendo, (...)" – referências em caixa alta. Porém, os parágrafos dois, onze e doze são fechados por enunciados adversativos (em negrito) que, a todo tempo, apontam não para a distância entre os dois personagens, mas para sua aproximação, a qual tem no sentir a mesma ternura a anulação das diferenças. É o momento que registra a cumplicidade, a parceria e a afeição que unem as duas temporalidades no presente em se fazendo no quarto do hospital.

O final dá conta de promover, de fato, o encontro anunciado: no décimo segundo parágrafo foi dito que "algo unia-os" (em negrito), o que, no fim, fica confirmado pelo sorriso devolvido. No penúltimo parágrafo, após o último suspiro da personagem, é dito que "(...) o neto viu sua própria vida refletida no avô, e soube, com toda a certeza, que, como ele, seria feliz." De fato, a contradição anunciada entre vida e morte, velhice e juventude, presente e passado deixa de existir no instante mesmo do recomeço – seja em vida, seja na morte.

A crônica seguinte é um exemplo de uma tentativa de retratar o social de modo a contemplar o conjunto sócio-histórico de um sujeito. Contudo, apesar desse exercício de olhar para fora de si, há, aqui, mais uma vez, uma corporalidade que, no registro do instante, individualiza por meio da generalização, ao partir de pressupostos como: todos sofrem diante de um hospital; a felicidade é contagiante; há felicidade na desgraça; contraposição entre dor e alegria.

E27: Felicidade encontrada

Ao visitar meus parentes em Itapeva, cidade localizada no sul do estado de São Paulo, fiquei algum tempo **na casa de uma tia avó**, casa essa **que ficava na frente da Santa Casa**, com uma praça entre elas. Então, enquanto esperava o almoço ficar pronto, peguei-me olhando para a janela, vendo as pessoas da praça.

Algumas pessoas pareciam estar apenas passeando, mas minha atenção foi captada por alguns que obviamente estavam por causa de conhecidos na Santa Casa. Como um homem e dois meninos que, presumo, eram seus filhos, o homem parece abatido, e o mais velho angustiado, enquanto o mais novo parecendo não entender o que acontecia ria olhando as borboletas.

Vi dois gêmeos abraçados, cada um na tentativa de consolar o outro, um homem com um nariz tão grande que na maioria das situações seria cômico, mas não naquela, visto a quantidade de lagrimas que

escorriam sobre ele. Havia próximo a minha janela um casal com um filho, OS TRÊS CHORANDO, um perto do outro, mas cada um com seu pranto solitário, que juntos faziam uma triste, PORÉM BELA SINFONIA.

Por último, havia uma única mulher, que aparentava ter trinta e poucos anos, e olhava toda hora para o relógio, a personificação preocupação. Uma hora, ela adentrou o prédio, e enquanto entrava, algumas pessoas encararam-na com piedade.

Poucos minutos depois ela saiu gritando do hospital, exultante de alegria, ria e gritava para todos que ele iria ficar bem. Nunca descobri quem era ele, ou sua história, nunca mais vi a mulher. Enquanto ela comemorava pela praça sua alegria contagiou o outros, e o narigudo sorriu, os gêmeos ergueram a cabeça, o pai e seu filho pareceram encher-se de esperança e o casal e seu filho cessaram o pranto. *Enquanto isso, eu me admirava, pois parecia que aquela mulher, após quase sofrer um desastre havia conseguido encontrar a própria felicidade*.

Me chamaram para o almoço, antes de ir, dei uma última olhada na mulher, e vi ela atravessando a praça, passou perto **da minha casa** enquanto falava no telefone sobre a sua preocupação com **as mudanças que teriam que ser feitas na vida deles devido a nova condição dele**.

(Série do escrevente: 2ª. série do EM; gênero escolhido: crônica)

Neste texto, o "eu" textual, *a priori*, não olha para si mesmo, mas para as pessoas (todos os observados estão destacados por sublinhado no texto) que circulam pela praça que fica em frente à janela por onde espia. Por meio desse ambiente prototípico, o escrevente olha para fora de si e passa a observar o outro – em negrito, há a indicação de uma discrepância com relação ao espaço de observação, pois, no primeiro parágrafo, tratava-se da casa da tia; no último parágrafo, passa a corresponder à casa do eu textual, em um movimento em direção ao eu que, antes, olhava para o outro.

Recorrendo a uma outra imagem prototípica de felicidade, a da boa notícia, o escrevente transforma a alegria de uma pessoa no motivo gerador da felicidade em outras, ignorando a força dos motivos para que cada um desses personagens estivesse, instantes antes, sofrendo. Outro indício presente nesse trecho é o fato de que a admiração pelo encontro da felicidade volta para o eu (destaque em itálico), evidenciando a posição enunciativa que se estabelece, de um observador que vê a felicidade na desgraça, fato já anunciado no terceiro parágrafo (trechos em caixa alta), quando, ao fazer referência a três pessoas chorando, a adversativa "porém uma bela sinfonia" indicia também a desgraça como o lugar da felicidade – não apenas por alguém ter tido uma boa notícia, mas já pressuposta a beleza inerente à tristeza. Com isso, ainda que, neste texto, não haja o relato de uma perda concretizada, a tristeza já é apresentada em sua beleza e a ação de "contagiar" (sublinhada, no 5º. parágrafo), por sua vez, inaugura o recomeço como possibilidade.

Na maioria das análises apresentadas, a perda, em vez de derrota, manifesta-se como oportunidade de recomeçar, ainda que o recomeço possa frustrar as expectativas naturalmente associadas à imagem de reinício. Nesse sentido, por não seguir a premissa de perda como derrota, esses textos podem testemunhar um trabalho do escrevente e, com isso, pode ser possível compreender esse trabalho do escrevente como uma estratégia e, portanto, como um indício de autoria.

3.3 O tempo biológico

A última percepção do tempo é o registro do modo como o passar do tempo é pormenorizado pelos escreventes no sentido do envelhecer, do amadurecer, do transformar-se a si mesmo. Nesse sentido, o tempo biológico fica representado pela compreensão não apenas dos aspectos físicos referentes às marcas do tempo, mas também considerando a perspectiva social atrelada a essa imagem, em comunhão ao que psicologicamente se compreende do passar do tempo – esse entendimento passa pela visão de mundo do escrevente e pelo modo como as etapas biológicas do desenvolvimento humano são associadas, a partir da posição enunciativa assumida, a uma imagem de felicidade, de frustração, de fracasso, entre outras emoções evocadas.

No texto E24, cujo título é "Todos aprendem a remar.", por meio de uma metáfora que apresenta os seres humanos como barcos (destaques sublinhados), o escrevente faz uma aproximação entre diferentes temporalidades – passado, presente e futuro – e a possibilidade de ser feliz. Ignorando o sujeito e entendendo qualquer barco sob o mesmo ponto de vista, o texto encerra com uma mudança de conjugação verbal ("aprendem" X "aprenderiam"), que ratifica um julgamento feito pelo escrevente acerca da humanidade – julgamento já anunciado no ponto final que encerra o título, dando a ele caráter regulatório.

E:24 <u>Todos</u> APRENDEM a remar.

> <u>Como se as pessoas fossem barcos</u>. <u>Aqueles</u> que, periodicamente, devem se ausentar da segurança que seus portos proporcionam e ir atrás de algo que conduza à felicidade. Mas <u>eles</u> não vão encontrar. A maioria não acha. Não pelo fato de ela não existir, mas sim de <u>os barcos</u> permanecerem incessantemente buscando algo que está sempre presente e que <u>nenhum deles</u> vê.
>
> E navegavam. Navegavam focados em recriar o **passado** que não retornava mais, pois esse havia sido muito melhor do que o **presente**. E na esperança de que, no **futuro**, ao alcançarem seus objetivos e encontrarem

terra firme, houvesse um sentimento de contentamento existente **anteriormente** e retirado pela chegada do **"agora"**.

Assim, presos a coisas que fizeram parte de suas jornadas e que, por algum motivo, já não faziam mais, acabavam causando a própria infelicidade, uma vez que se tornavam cegos às oportunidades presentes. Como o vento, passava a felicidade e nada disso bastava. Não bastava porque era gelada demais para aquecer a insatisfação de cada um.

Da mesma forma que o futuro traria aos barcos soluções para questões presentes, a felicidade viria. Esperar a vinda de um sorriso sincero era muito mais fácil do que aprender a remar com os instrumentos certos. E além de não saberem remar, pesquisavam aqueles feitos de materiais mais fortes, que venceriam correntezas mais intensas quando, na verdade, os barcos procuravam nos remos características ausentes neles mesmos, apoiando-se, portanto, a objetos tangíveis e não em si mesmos.

Dessa forma, preenchidos com vazio e repletos de tudo - menos daquilo que procuravam -, tornavam-se inseguros, fazendo suas viagens baseadas em uma única coisa: a preparação para o **"amanhã"**, por mais incerto que fosse, caso algo imprevisto ocorresse e tivessem que se agarrar a uma única boia.

E assim velejavam infelizes por um sorriso impossível de ser encontrado, **dado que o fizeram invisível devido a uma infindável sede por aquilo que já havia passado e pela expectativa do que ainda viria, mas nunca pelo o que estava presente**. Consequentemente, viviam pensando na hipótese de terem que se agarrar a uma última boia quando, na verdade, caso se entregassem às águas do mar, APRENDERIAM a remar.

(Série do escrevente: 2ª. série do EM; gênero escolhido: conto)

Este texto, uma crônica, apresenta uma metáfora para a felicidade: ela só é possível ser experenciada no tempo presente, representado pelo mar, e, como anuncia o título, "Todos aprendem a remar.". Contudo, apesar de o aprendizado ser dado como certo no título, a frase final do texto, que pretendia retomar essa ideia, diz outra coisa: "aprenderiam a remar.". A mudança do tempo, e do aspecto, do verbo "remar" (indicada por caixas altas no texto) é um indício importante para estabelecer a posição enunciativa do escrevente: ao longo da reflexão, é feito um juízo, uma avaliação, dos barcos – metáfora para seres humanos (todas as indicações aos seres humanos foram sublinhadas). Nessa avaliação, o ser humano – assim, no absoluto – é visto como incapaz de ser feliz por ser ou saudosista, ou preso ao futuro, ou ambos (as referências às temporalidades estão apontadas em negrito), mas nunca atento ao presente, tempo representado pelo mar no qual os barcos remam e, conforme o texto, lugar da felicidade. Implicitamente, há, nessa visão, uma crítica ao mundo adulto, incapaz de enxergar a felicidade, uma vez que não se entrega ao presente.

Assim, pelo fato de as temporalidades serem entendidas como espaciais, pode-se perceber que o tempo é apresentado neste texto como ambiente, quase que materializado, marcador de realidades e estabelecedor de visões de mundo. Essas diferentes temporalidades são apontadas como simbolizantes ou de prisão (no caso do passado e do futuro), ou como libertação, no caso do presente. A noção de tempo empregada é cronológica e pautada por uma visão de mundo que condena o peso da memória e do planejamento, mas que, retomando algo como uma espécie de "carpe diem" – expressão conhecida popularmente –, vê o presente como o lugar da felicidade, associando-a à ideia de experiências. Entre as diversas marcas temporais, duas, por estarem sinalizadas por aspas, merecem destaque. No fim do segundo parágrafo, o uso do termo "agora", entre aspas, é emblemático, pois indicia um outro olhar para o presente: não é mais o presente libertador defendido como salvação na voz do escrevente, mas o presente visto pelos "barcos" como aniquilador do passado, lugar onde vivem as boas memórias. Outra ocorrência é o termo "amanhã", também entre aspas, forma de deixar explícita a condenação feita aos barcos que não vivem o presente. Esses dois termos destacados por aspas representam um movimento do escrevente sobre a própria escrita, o qual deixa indiciada a posição do escrevente por marcar, ideologicamente, a visão de cada temporalidade anunciada na cadeia textual.

Outra ocorrência é o texto seguinte, uma crônica que tenta associar a passagem da vida e os momentos de felicidade, muitas vezes pouco reconhecidos. Por isso, a felicidade passa a ser inalcançável, sendo a sua procura interminável.

> **E33: À procura**
>
> Não te conheço, mas digo com toda a certeza que **você** passou o finzinho da INFÂNCIA querendo ser ADOLESCENTE. E a ADOLESCÊNCIA querendo ser ADULTO. Quando, enfim, se tornou ADULTO, só queria voltar no tempo, trocar as responsabilidades por um balanço. Curioso mesmo é que em todo esse tempo, **voce** sonhou com o momento que seria feliz, completa e plenamente.
>
> *Se a felicidade fosse uma pessoa, certamente seria uma dessas apressadinhas,* que passam correndo, sem dar muita explicação, tropeçam no **seu** pé, **te** jogam de lado e as vezes até viram aquele momento de ponta cabeça, só para depois **te** deixar com a pulga atrás da orelha, **"mas para que tanta pressa?"** *Pressa, por que a vida é feita de momentos, de sorrisos, de encontros e reencontros.* De lagrimas, de magoas e de decepções. Tudo passa rápido demais e permanece por mais tempo aquilo em que prestamos mais atenção, a "pessoa" (ou o sentimento) em que resolvemos nos agarrar
>
> As chances de ser feliz andam por ai, nas menores situações, e, quando encontradas, costumam ter algo em comum: *o sorriso. Ah, os sorrisos!* Se verdadeiros, são como a forma física da felicidade. *Eles tentam ultrapassar os limites do rosto assim como ela quer ultrapassar os limites*

> *do corpo*, como se a alma fosse sair voando para procurar mais ainda, para ser ainda mais feliz.
>
> Não tenho a formula da felicidade, mas talvez olhando melhor pelas ruas seja possível vê-la passando. Quando acontecer, **agarre** e **peça** "fica mais um pouquinho".
>
> (Série do escrevente: 2ª. série do EM; gênero escolhido: crônica)

No início do texto, o escrevente parte de uma visão pré-concebida do interlocutor (as referências ao interlocutor estão destacadas em negrito), o qual ele imagina como um reflexo de si mesmo, ao ter a certeza de que o interlocutor responderá positivamente à afirmação feita. Isso ocorre, pois o interlocutor previsto, e pressuposto, representa o senso comum, a verdade coletiva de que a felicidade é algo sempre procurado, mas nunca encontrado. Ao longo do primeiro parágrafo, as referências ao tempo segundo a ordem natural da vida estão associadas a diferentes temporalidades: o presente – sendo este o momento atual do "você" a quem o texto se destina; o passado – ordem natural da vida, compreendido como "todo esse tempo"; o futuro – o qual possui duas leituras distintas: o futuro da vida adulta, associada ao sonho da liberdade (também frustrado pelo desejo de voltar a ser criança); o futuro do "momento", do instante mesmo do onírico, o "sonho", espaço da felicidade.

Ao longo do segundo parágrafo, a personificação da felicidade – trechos destacados em itálico – como um indivíduo apressadinho, que chega sem avisar e vai embora correndo, fortalece a noção de tempo por meio da qual se estabelece o texto e a ideia de felicidade como momento. O tempo estabelecido parte de uma imagem de felicidade que é passageira. Para isso, o escrevente faz referências ancoradas na voz coletiva e no tom proverbial, como a frase "porque a vida é feita de momentos" (em itálico, no segundo parágrafo) comprova. Também marca a reflexão feita o diálogo estabelecido com a própria felicidade em "Mas para que tanta pressa?" – em negrito e sublinhado –, no qual a presença das aspas indicia um locutor para essa sentença, que não é necessariamente o eu que enuncia no texto, mas sim o interlocutor "você" a quem se dirige a reflexão proposta e que é a representação de que todo ser humano se comporta da mesma maneira em relação à vida experenciada. De fato, em qualquer fase da vida – fases entendidas, neste texto, com base no que o senso comum determina – a felicidade não é alcançada, por não ser percebida.

No texto seguinte, a construção concomitante de dois quadros – o quadro do tempo no rosto da personagem idosa; o quadro do texto em se fazendo no presente – é a manifestação da contradição, já que o presente do texto é também o presente da escrevente,

no qual a juventude se manifesta como força motriz e realidade que sustenta a posição enunciativa.

E37: O quadro

ERA UMA MANHÃ DE OUTONO. OUTONO? OU SERIA PRIMAVERA? De qualquer forma, **não há tempo para clichês**: estava quente, não chovia. Despertou lentamente, atentando-se em sentir o lençol puído dobra por dobra, RUGA POR RUGA. Levantou. CALÇOU OS CHINELOS SURRADOS PELO TEMPO e arrumou seu lado da cama. Há tempos que arrumava apenas um lado da cama.

Caminhou a passos vagarosos até o banheiro. Enxaguou o PÁLIDO DO ROSTO e penteou O PRATEADO DOS CABELOS. Atravessou a porta em direção ao corredor, e desceu as escadas, degrau por degrau. Sentou-se a mesa e percebeu, mais uma vez, que estaria sozinha. Preciso passar um café, disse num murmúrio baixo, uma tentativa - **miseravelmente falha** - de calar o silêncio que transbordava a pequena cozinha mal iluminada. Os móveis eram de uma madeira escura que sempre detestara, porém nunca mudara. Talvez por falta de tempo, falta de vontade, falta de um cigarro. Acendeu o primeiro cigarro da manhã, e segurou o vício entre os dedos trêmulos. A fumaça acalentou os pulmões, tranquilizou O ÂMAGO DILACERADO PELOS VERÕES PASSADOS. **Sorriu. Um sorriso pouco expressivo**, sequer enrugara os olhos. Preciso passar um café, repetiu, dessa vez em tom firme.

Levantou-se, fez seu café. O cheiro da bebida preencheu-lhe por inteiro. Estufou o peito, inflou as narinas e absorveu todo o calor que poderia lhe ser proporcionado. E funcionou. Sorriu novamente. Desenhou uma curva bonita nas maçãs do rosto. Traçou poucas linhas no canto dos olhos. Abaixou a cabeça, como que envergonhada pelo desenho que traçara… O peso era grande. Os dias, vagarosos. Sentia-se culpada e talvez não devesse desenhar coisa alguma. Queria mesmo que outra pessoa desenhasse sorrisos em seu rosto, e que traçasse linhas inteiras no canto de seus olhos. Era custoso por demais tentar ser artista sozinha.

Resgatou outros pensamentos. Esticou-se na ponta dos pés e se inclinou sobre a pia de mármore para abrir as janelas. Fazia um dia bonito: céu azul com poucas nuvens e o sol, ainda tímido, arrebatou seu olhar por alguns segundos. Um vento fraco soprou em seu rosto e trouxe consigo um pouco de saudade, um pouco de lembrança.

Eles eram jovens. Ela, apenas 23 anos. Ele, 25. Casaram-se, não tiveram filhos, e por 37 anos foram felizes. Felizes? Alguns dias… Outros, nem tanto. Ela descobrira, AO LONGO DE TANTAS LUAS, que a alegria que sentia sempre fora tênue, frágil. Havia dias que se sentia plena, completa. Em outros, estava em frangalhos. Impreterivelmente, nunca deixara de ser uma alma delicada, débil, fraca.

As saudades sufocavam-lhe por inteiro. Acendeu mais um cigarro: tragou as lembranças. Pôs café numa xícara qualquer: sorveu suas dores. E então, desenhou um sorriso por inteiro. Traçou linhas perfeitas por todo o semblante. Sorriu, artista que pintava sua própria felicidade.

(Série do escrevente: 3ª. série do EM; gênero escolhido: conto)

Já na primeira linha, tem-se a presença da entrada do tempo na narrativa (as passagens que fazem referência ao tempo estão em caixa alta), ancorada em imagens de fluidez entre o passado (da personagem) e o presente (tanto da personagem, quanto da escrevente). Na dúvida que se estabelece entre ser outono ou primavera, está o anúncio de que haverá um diálogo entre o tempo como urgência e o tempo como vagar, como uma divisão entre duas perspectivas de tempo que, na narrativa, se complementam: dois quadros que se constroem no diálogo entre o tempo da escrevente e o tempo que se pensa – conforme imagens do senso comum – adequado a uma idosa sozinha.

Ao longo da narrativa, é possível perceber que os tempos que aqui se mesclam têm a seguinte forma: na urgência, na juventude, a felicidade, traços por meio dos quais é possível ouvir a voz da escrevente, que fala deste lugar, não de outro, na tentativa de atender o tema de redação proposto – a busca da felicidade; no vagar, uma outra felicidade, que se desenha, como um quadro, na face da protagonista. São dois cronotopos que, *a priori*, parecem opostos entre si, mas cuja distância é anulada, quando, por exemplo, a voz da escrevente atravessa a construção do quadro, enquanto rosto da personagem marcado pelo tempo, ao aproximar a imagem de felicidade às lembranças da juventude.

Ainda no primeiro parágrafo, a dúvida que se estabelece entre ser outono ou primavera (aquele representando a entrada do inverno, o cair das folhas; esta representando as vésperas do verão, o nascer das flores), e a autocorreção[60] relacionada a essa oposição, presente na segunda linha ("não há tempo para clichês" – em negrito), testemunham um trabalho da escrevente, um debruçar-se sobre a linguagem, o qual é o prenúncio dos dois quadros em construção: a) o próprio texto, no registro do presente; e b) o rosto da protagonista, no qual se testemunha a passagem do tempo.

Outros trechos também indiciam pausas sobre o dizer: o uso de adjetivos como "puído" e "surrado", em maiúsculas, além da volta sobre o dizer "miseravelmente falha", são indícios dos valores associados à velhice que, no texto, podem fazer alusão à voz da escrevente e ao conflito de temporalidades que aqui se manifesta. No início do quarto parágrafo, o tópico "resgatou outros pensamentos" (em itálico) marca o retorno ao passado, feliz, da juventude, quando havia companhia, presença e o silêncio impactava menos. Nesses momentos, há uma intersecção entre uma visão de felicidade, marcada pela ausência de solidão, presente na juventude – da personagem e da escrevente – e da tristeza, marcada pela

[60] A autocorreção está entendida aqui como uma das formas de paráfrase presente nos movimentos de autorreflexividade teorizados por Authier-Revuz (1995).

velhice, aqui representada pela profunda solidão. Um outro exemplo de volta sobre o dizer ocorre também no segundo parágrafo (destaque em negrito), ao fazer-se uma avaliação do sorriso dado pela personagem, no trecho “Sorriu. Um sorriso pouco expressivo...”, trecho em que aquilo que se narra faz referência à velhice, ao momento do presente da personagem.

De fato, a dupla construção desses quadros se estabelece pela relação entre o “ser vivo” e o “ser fictício” (CÂNDIDO 2014, p. 55), sendo a concretização deste último manifestada por meio da personagem (CÂNDIDO 2014, p. 55). Essa relação estabelecida por Cândido é aquilo no que se baseia, em seu artigo, um romance. Não se fala, nesta dissertação, em autoria do ponto de vista de uma obra, como na visão Foucaultiana, algo que pode ser pensado, quando se considera a abordagem de Cândido, cujo trabalho debruça-se sobre grandes produções do cânone. Nesta dissertação, o olhar volta-se a redações escolares, e em ser, ou não, possível enxergar nelas indícios de autoria – sobretudo do ponto de vista do discurso e da ideologia. No texto E37, contudo, nas historicidades marcadas entre o “ser vivo” (a escrevente) e o “ser fictício” (a personagem), há um movimento entre diferentes temporalidades que se aproximam, marca de contradição que pode ser considerada um indício de autoria, já que, no fim, a personagem encontra a felicidade nas marcas deixadas pela vida.

Com base nas análises expostas, é possível perceber que tempo e espaço podem ser considerados como personagens da narrativa, posto que estabelecem os parâmetros e atuam nas narrativas como elementos que permitem encontrar as brechas na regularidade que fazem vir à tona as rupturas que testemunham os momentos em que se pode reconhecer o trabalho do escrevente – seja em uma volta sobre o dizer, seja nas vozes que se respondem, seja na presença do social, seja na ruptura do cotidiano, seja no recomeço, seja na quebra do paradigma com o qual o tempo biológico é comumente pensado. Desse modo, tanto no cotidiano, quanto na perda ou na consideração cronológica do tempo, é nas rupturas, nas contradições e na escrita de si que o sujeito se faz notar.

4. Considerações finais

Ao longo do desenvolvimento desta dissertação, apresentei análises do material que tornaram possível considerar a existência de regularidades discursivas acerca da percepção da felicidade na conjuntura sócio-histórica e cultural em que estão inseridos os escreventes. A base para a análise do que é, ou não, repetível, no fio dos discursos, foi o diálogo, primeiramente, estabelecido com a) a proposta de redação entregue aos candidatos do concurso; e b) com os outros discursos próprios à compreensão da busca da felicidade, em se tratando de escreventes pertencentes a uma específica camada social. Todo o esforço do trabalho dirigiu-se à tarefa de elencar aspectos do conceito autoria, o que resultou na opção pelo, não propriamente da noção de autor, mas de indícios de autoria (POSSENTI 2002) nos textos escolares analisados. Particularmente nos capítulos referentes à análise, o trabalho alcança mostrar que, na repetibilidade enunciativa, há ruptura; e, nesta, situam-se os momentos que podem permitir a percepção de indícios de autoria.

No capítulo 2, fiz o agrupamento e a análise dos textos em que a) a **centralidade do eu** era a primazia; b) havia uma passagem direta do **individual** para o **universal**, sem a consideração do social; c) havia uma entrada sutil no social, posto que o reconhecimento da novidade era feito a partir da transferência de uma outra realidade, pré-concebida; d) o social era levado em consideração e apresentado no texto; e e) havia a presença da voz coletiva e do tom proverbial. No que concerne à natureza genérica dos textos analisados, a problemática da presença, ou não, de uma consideração do social ficou mais evidente nos textos de natureza argumentativa – dissertações, artigos de opinião, crônicas –, ainda que a narrativa, mesmo como exceção, pôde também ser analisada sob esse prisma. Na intenção de retomar os casos, construo, abaixo, com base nos textos E28, E35 e E36[61], um quadro comparativo fruto do aproximar de referências – aqui, destaco em negrito as referências mais características da **centralidade do indivíduo**; não retomo a análise:

E28	E35	E36
1. "Em um mundo *contemporâneo* **como o nosso**" (2º. parágrafo) 2. "**Ser humano**" (2º. parágrafo)	1. "a concepção de felicidade é **mutualmente individual e coletiva**, uma vez que **todos** querem alcançá-la, mas acreditam	1. "Na **minha** escola, há **pequenos homens**. **Todos** perdidos, vendidos, comprados." (1º. parágrafo)

[61] Estes textos estão, respectivamente, nas páginas 79, 82 e 84 desta dissertação. Foram escolhidos por representarem, na ordem, a ausência do social, a presença parcial do social e a presença plena do social, além de marcas proverbiais.

3. “a vida com as pequenas coisas que ela **nos** dá” (3º. parágrafo) 4. “Ser feliz depende mais do **empenho individual** que da vontade dos outros” (5º. parágrafo) 5. “Afinal, **todos** temos esse direito” (6º. parágrafo)	em **meios diferentes** de atingi-la.” (3º. parágrafo) 2. “Independente da dose de cinismo, **todos** querem o prazer, o contento e os meios para obtê-los.” (3º. parágrafo)	2. “Chegando em casa, a televisão me diz: ‘Seja **original**: seja como **todos os outros**. Não saia do **padrão** – mas seja **autêntico**.” (3º. parágrafo) 3. “Mas à noite, quando **todos** se aconchegam em sonhos anticristãos, estou **acordada, perturbada**.” (5º. parágrafo)

Quadro 4 – a presença, ou não, do social

O texto E28, por meio dos 5 enunciados destacados, representa um perceptível diálogo com a coletânea de textos presente na proposta de redação, uma vez que a argumentação é construída por meio da concepção de felicidade como direito, e dever, de todos os cidadãos, sendo o empenho individual a raiz do sucesso. O texto manifesta uma posição que desconsidera o social, já que a centralização do eu é concebida como verdade absoluta do ser humano – no mundo contemporâneo. Já no texto E35, uma crônica em que a metaenunciação é o eixo de leitura, há, além disso, passagens reflexivas em que ficam evidenciadas compreensões sobre o aspecto social; contudo, o atravessamento – do universo do escrevente, da realidade concreta, da proposta de redação – promove um retorno à generalização. O texto E36, por sua vez, é um exemplo de crônica em que o social é considerado, pois há uma clareza em relação ao “todos” (item 1) a que se refere: os meninos do grupo social a que pertence. É tomando como premissa a própria verdade social, reconhecida como uma verdade, que o escrevente desenvolve sua reflexão acerca das contradições que se estabelecem entre os desejos e o mundo concreto; nessa perspectiva, o final, destinado aos desejos, é o lugar em que a regularidade volta a aparecer, já que o “todos” do item 3 não é o mesmo “todos” do início; a generalização retorna ao fio do discurso, o que comprova a força presente na transferência do eu para um quase estado de natureza. Independentemente disso, o fato de os textos E35 e E36 apresentarem rupturas no contínuo da regularidade é o que permite que eles instanciem indícios de autoria, uma vez que manifestam um trabalho do escrevente sobre a própria escrita e uma reflexão sobre o mundo que se distancia de verdades pré-concebidas – inclusive pelo direcionamento, de início, dado pela proposta de redação.

Ainda no capítulo 2, a força da **voz coletiva** e do **tom proverbial** permite observar que, em sua maioria, os textos manifestam a centralidade do eu. Para tanto,

subdividi a análise em três partes: a) o simples como critério (nesse caso, a máxima "dinheiro não traz felicidade" permeia os textos analisados); b) entre o ser e o ter; e c) o entendimento da felicidade como um direito e um dever (nesse caso, há um diálogo mais explícito com os textos da proposta de redação e com o imaginário de a felicidade ser uma dádiva que, portanto, deve ser aproveitada). Assim como nos demais textos do capítulo 2, há, nesse caso, a predominância de textos argumentativos; esse fato comprova o valor da voz coletiva como estratégia de argumentação, além de evidenciar as manobras possíveis do escrevente e a instanciação de posições enunciativas marcadas. Na sequência, proponho mais um quadro analítico, de modo a destacar a voz coletiva e o tom proverbial, tendo como referência os textos E26 e E32[62]:

E26	**E32**
1. "***Fugere urbem***" (título) 2. "a felicidade é um bem imaterial" (1º. parágrafo) 3. "a felicidade não é uma constante" (2º. parágrafo" 4. "TODO SER HUMANO" (3º. parágrafo) 5. "*como defendia o filósofo grego Epicuro, afinal 'comprar e possuir bens materiais, não os tornaria mais felizes, como eles acreditavam'.*" (4º. parágrafo)	1. "O **direito** à busca da felicidade" (1º. parágrafo) 2. "é **dever e direito** do cidadão" (2º. parágrafo) 3. "ser feliz é a certeza de que a vida vale a pena ser vivida" (2º. parágrafo) 4. "a felicidade se encontra nas pequenas coisas da vida" (4º. parágrafo) 5. "TODOS NÓS nos tornaremos cultivadores da felicidade nesse jardim chamado vida." (7º. parágrafo)

Quadro 5 – o simples, o direito e o dever

Os enunciados destacados são registros da continuidade e da regularidade, não havendo neles elementos de ruptura. Independentemente de abordar a simplicidade do ato de ser feliz (personificada, por exemplo, na referência ao enunciado "*fugere urbem*", sendo o campo o exemplo da felicidade), ou de apresentar a felicidade como direito e dever do cidadão (no caso de E32, de modo explícito por meio do uso dessas palavras), em ambos, a centralidade do eu, somada à generalização, manifestam-se como continuidade. As verdades coletivas em que se pautam os dizeres, somados ao tom proverbial que apresentam, manifestam a instanciação de uma posição sujeito ancorada na ilusão da verdade absoluta,

[62] Estes textos estão, respectivamente, nas páginas 99 e 108 desta dissertação. Foram escolhidos por serem representantes singulares da força da simplicidade e do caráter obrigatório, e pessoal, da felicidade vista como um dever.

ou seja, na vontade de verdade (FOUCAULT 2009, p. 15) de que a felicidade é simples e, por isso, um direito e um dever. Nesse sentido, o discurso citado, recorrente nesses textos, ora referindo-se a uma forma de autoridade, ora referindo-se à voz coletiva, é, ele mesmo, um indício do repetível dos discursos.

No capítulo 3, os textos narrativos – contos e crônicas – foram analisados na consideração **do tempo** e **do espaço**, uma vez que as temporalidades nunca devem ser pensadas sem a consideração da espacialidade que a elas dá suporte. O tempo e o espaço propiciam a instanciação das posições enunciativas, o que se verifica em enunciados sobre: a) a assunção do instante como quebra de rotina; b) a perda como oportunidade de recomeço; e c) a compreensão da felicidade a partir do entendimento biológico da passagem do tempo. Abaixo, exponho um quadro comparativo e analítico dos elementos com base nos textos E15, E2 e E37[63]:

E15	**E2**	**E37**
1. "eu vou provar em sete dias." (2º. parágrafo) 2. "dissolvendo a distância entre nós." (20º. parágrafo)	1. "Naquela noite percebi que **deveria escolher um rumo para a minha vida**." (1º. parágrafo) 2. "Parecia que eu **nunca mais seria feliz de novo**." (4º. parágrafo) 3. "fui para **o último lugar que iria no mundo inteiro**." (5º. parágrafo) 4. "**Apesar de não ser do jeito que eu esperava**, naquela garrafa de vinho barata eu **encontrei novamente a felicidade**." (7º. parágrafo)	1. "NÃO HÁ TEMPO PARA CLICHÊS." (1º. parágrafo) 2. "Calçou os chinelos SURRADOS PELO TEMPO" (1º. parágrafo) 3. "o âmago dilacerado pelos VERÕES PASSADOS." (2º. parágrafo) 4. "ao longo de TANTAS LUAS" (5º. parágrafo) 5. "artista que pintava sua própria felicidade." (6º. parágrafo)

Quadro 6 – as rupturas no espaço-tempo

No quadro acima, cada um dos textos teve as passagens que me interessava destacar identificada por uma marca gráfica: I. em E15, sublinhei as referências à passagem do tempo, na ruptura do cotidiano; II. em E2, destaquei em negrito as sensações de medo,

[63] Estes textos estão, respectivamente, nas páginas 120, 125 e 136 desta dissertação. Foram escolhidos por serem representantes de cada uma das categorias analisadas no aspecto espaço-temporal.

perda e recomeço; III. em E37, as referências ao passar do tempo estão identificadas em caixa alta. O texto E15 – um conto no qual a metaenunciação é frequente – é exemplar da quebra da rotina como meio de alcançar a felicidade. Por meio de uma sequência em sete dias – em diálogo como o mito do gênesis bíblico –, a personagem promove a ruptura do próprio cotidiano – e do cotidiano do ser amado –, de modo a criar as etapas necessárias para a conquista. Com isso, ao mesmo tempo em que há a instauração da ruptura, há também a inauguração de uma nova sequência de acontecimentos – que se tornam o cotidiano dos envolvidos, pelo menos no prazo de sete dias. Por meio dos instantes diários de surpresa, de quebra, dá-se a conexão de um novo envolvimento, da criação do amor para as personagens envolvidas e, por extensão de sentido, da felicidade. Nesse caso, os indícios de autoria podem ser entendidos como resultado do modo como o escrevente estabelece a progressão temática do texto, pensando cada um dos momentos de cisão como um passo a mais, um direcionamento para a conquista da intimidade, do amor e da felicidade – do ato de dar flores e tempo, como simbologia da distância, ao dar-se em plenitude, no encerramento. Nesses elementos, a heterogeneidade mostrada (o mito bíblico) e a heterogeneidade constitutiva, permitem a percepção das manobras que o escrevente faz entre o mostrado e o constitutivo, vislumbrado no passo a passo dos sete dias. No caso do texto E2, a perda da mãe torna-se o fato que permite a aproximação do pai, uma forma de recomeço, ainda que ocorra na quebra de expectativa – na ruptura entre o previsto (o clímax óbvio da narrativa, por assim dizer) e o imprevisto (o anticlímax, nascido de o desfecho dos fatos ocorrer em um bar): aquele que condena o alcoolismo do pai recomeça a própria vida no bar, na companhia do pai. Mais uma vez, na ruptura dos acontecimentos, da regularidade e do previsível, há a instanciação de uma posição sujeito que permite reconhecer indícios de autoria. No caso do texto E37, no aproximar da construção de dois quadros – o do rosto marcado pelo tempo; o do texto em se fazendo –, entre a metalinguagem da construção do texto e a reflexão das marcas do tempo, há o reconhecimento da velhice e de seu peso. No fim do texto, uma nova ruptura indicia a percepção de felicidade na velhice, presente na verdade das marcas do tempo como registro das experiências, “pintadas” pela própria personagem. Na ruptura, mais uma vez, a possibilidade de entrever indícios de autoria.

Considerando a autoria em redações escolares como vinculada a indícios instanciados na relação continuidade/ruptura, este trabalho confirma a presença de indícios de autoria em redações escolares como marcas resultantes da instanciação de posições enunciativas que operam nas rupturas do dizível, em cisões visíveis daquilo que no conjunto

dos textos se mostra como regularidade. São, como diz Possenti (2002), manobras do escrevente realizadas entre o mostrado no fio do discurso e o constitutivo dele.

Esse resultado permite vislumbrar a contribuição que este trabalho pode oferecer à pesquisa e ao ensino de redação nas escolas quando se consideram os indícios de autoria de uma perspectiva discursiva. Quanto à pesquisa, essa contribuição se dá pela insistência em, escolhida uma perspectiva teórica, evitar a simples aplicação de categorias de análise provenientes da teoria, o que significa atribuir à perspectiva teórica o papel de iluminadora de uma região do dizer – naturalmente, a mais abrangente possível – de modo a poder ver mais do texto analisado (e não só das categorias teóricas vistas como reaplicáveis mecanicamente aos textos). Quanto ao ensino, a contribuição se dirige ao ângulo de visão dos textos dos alunos: o horizonte ampliado de visão do professor deixa de ter como limite os critérios de correção de redação que lhe chegam dos vestibulares e de diferentes instituições avaliadoras – frequentemente marcados por uma perspectiva preocupada sobretudo com características formais ou padronizadas do texto –, mas com a atenção ao texto de cada aluno e ao conjunto de textos da clientela por ele atendido, de tal modo que, podendo vislumbrar nos textos o trabalho do aluno (e do grupo) para além dos limites institucionalizados para a (e pela) escola, possam professor e aluno iluminar regiões mais opacas e fazer emergir novas possibilidades críticas para os textos. O modo como enxergo o trabalho com a redação busca, assim, um duplo efeito: não apenas formar alunos que saibam escrever, mas também permitir a orientação de cidadãos inseridos em seu tempo.

Referências bibliográficas

ALVES, Glauce de Oliveira. **Marcas proverbiais em redações de vestibular**. São Paulo, 2013.

ALVES, Marco Antônio Sousa. **A questão da morte do autor em Foucault**. *in* CARVALHO, M.; FIGUEIREDO, V. (orgs.) "Filosofia contemporânea: Deleuze, Guattari e Foucault". São Paulo: ANPOF, 2013, p. 183-190. Anais do XV Encontro Nacional da ANPOF, 2012, Curitiba.

_____. **O autor e a obra como funções do discurso em Michel Foucault**. *in* "Outramargem: revista de filosofia". Belo Horizonte. Número 1, ago / dez 2014, pp. 124-138.

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira. **A digressão como estratégia discursiva na produção de textos orais e escritos**. *in:* "Abralin – Boletim da Associação Brasileira de Linguística". Niterói. Volume 14, pp. 425-434, 1993.

ARRIVÉ, Michel. **Le 'T'emps dans la réflexion de Saussure**. *in*: "Régimes sémiotiques de la temporalité". Org. Denis Bertrand *et* Jacques Fontanille. France: Ed. PUF, 2006.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo**. Trad. Daniel Costa da Silva. *in:* "Caleidoscópio". São Leopoldo. Volume 6, n. 2, pp. 107-119, 2008.

_____. **Ces mots qui ne vont pas de sois – boucles réflexives et non-coincidences du dyre**. Paris: Larousse, 1995, pp. 3-45.

_____. **Heterogeneité montrée et hétérogeneité constitutive: élémentes pour une approache de l'autre dans de discours**. DRLAV 26, Paris, 1982, p. 91-151.

_____. **Le fait autonymique: langage, langue, discours – quelques repères**. DRLAV 26, Paris, 1982, p. 91-151. *in:* Authier-Revuz et al. (eds). *Parler des mots – le fait autonymique en discours*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 6ª. Edição, 2011.

_____. **Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica**. São Paulo: Unesp, 1988.

_____. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1ª. Edição, 2016.

BARROS, D.L.P. & FIORIN, J.L. **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. 81p.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. **A ética é possível num mundo de consumidores?**. Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BLOMMAERT AND FINA. **Chronotopic identities: on the timespace organization of who we are.** *in:* "Tilburg Papers in Culture Studies". Tilburg. Volume 153, pp. 1-28, desembro, 2015.

BOCH, Françoise. GROSSMANN, Francis. **Sobre o uso de citações no discurso teórico: de constatações a proposições didáticas**. *in:* Assis, Juliana Alves. BOCH, Françoise. RINCK, Fanny (orgs.) *Letramento e formação universitária: formar para a escrita e pela escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2015.

BRAIT, Beth. **Estilo**. *in:* BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin – conceitos-chave*. São Paulo: Ed. Contexto, 5ª. edição, 2014.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. Trad. J. Guinburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. São Paulo: Perspectiva, 3ª. edição, 2014.

CÁLIS, Orasir Guilherme Teche. **Quando as memórias são a matéria: memoriais de professoras alfabetizadoras e instabilidade genérica.** Tese de doutoramento apresentada em 2015 à Universidade de São Paulo – FFLCH/DLCV.

CÂNDIDO, Antônio. **A personagem do romance.** *in:* Cândido, Antônio *et* al.. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 13ª. edição, 2014.

CAPRISTANO, Cristiane Carneiro. **Um entre outros: a emergência da rasura na aquisição da escrita.** *in* "Linguagem em (Dis)curso". Tubarão. Volume 13, n. 3, set / dez 2013, pp. 667-694.

CHACON, Lourenço. **Instabilidades da linguagem: discurso, língua e suas relações**. Marília, 2017.

CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. **Dictionnaire d´analyse du discours**. Paris, Éditions du Seuil. 2002.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **A heterogeneidade na constituição da escrita: complexidade enunciativa e paradigma indiciário**. *in* "Cadernos da F.F.C.". Marília. Volume 6, n. 2, jul / dez 1997, pp. 165-186.

_____. **Bases teóricas para o ensino da escrita**. *in* "Linguagem em (Dis)curso". Tubarão. Volume 13, n. 3, set / dez 2013, pp. 481-513.

_____. **Leitura e produção de textos: processos interferentes**. *in* "Estudos Linguísticos XXIII". Volume 1,1994, pp. 104-110.

_____. **Linguagem e comunicação social: visões da linguística moderna**. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. **Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português**. *in:* SIGNORINI, Inês (org.) *Investigando a relação oral/escrito e as teorias de letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

_____. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos**. *in* "Trab. Ling. Aplic.". Campinas. Volume 45, n. 2, jul / dez 2006, pp. 205-224.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: Ed. EDUFSCAR. 1ª. Edição, 2009.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar Editor, 1ª. Edição, 1988.

DUBOIS, Jean *et alii*. **Dicionário de Linguística**. Trad. Izidoro Blikstein (diretor e coordenador geral) *et alii*. São Paulo: Ed. Cultrix, 4ª. Edição, 1991.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Ed. Pontes, 1ª. Edição, 1987.

FARACO, Carlos Alberto. **Autor e Autoria**. *in:* BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin – conceitos-chave*. São Paulo: Ed. Contexto, 5ª. edição, 2014.

_____. **Linguagem e diálogo**. As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

FIORIN, J. L. **Polifonia textual e discursiva**. *in:* BARROS, D. L. P. e FIORIN, J. L. (Orgs). *Dialogismno, polifonia, intertextualidade*. S. Paulo, Edusp. pp. 29-36. 1994.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** – aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 18ª. Edição, 2009.

_____. **Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 8ª. Edição, 2016.

FUCHS, Catherine. PÊCHEUX, Michel. **A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas**. *in* "Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux". *org.* Françoise Gadet. Tony Hak. Trad. Bethania S. Mariani [*et al*]. Campinas: Ed. da Unicamp, 3ª. edição, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Apres. Fernando Henrique Cardoso. São Paulo: Global, 51ª. edição, 2006.

GALLO, Solange Leda. **Autoria: questão enunciativa ou discursiva?** *in* "Linguagem em (Dis)curso". Tubarão. Volume 1, n. 2, jan / jun 2001.

GUINHAGEM, Sara *and* MARTINS, Luiz Paulo Leitão. **O problema do autor e a invenção do homem: Foucault, Barthes e a modernidade**. *in:* "Revista Abralin". Niterói. Vol. 15, n. 2, p. 147-163, julho/dezembro 2016.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 26ª. edição, 1995.

KLEIMAN, Angela B.. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. *in:* KLEIMAN, Angela B. (org.) *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A propósito: existem mesmo digressões?** *in:* "Caderno de estudos linguísticos". Campinas. Vol. 19, p. 123-126, julho/dezembro 1990.

_____. **A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional**. *in:* "Caderno de estudos linguísticos". Campinas. Vol. 41, p. 75-89, julho/dezembro 2001.

KOMESU, Fabiana *and* GALLI, Fernanda Correa Silveira. **Práticas de leitura e escrita em contexto digital: autoria e(m) novos médiuns**. *in:* "Revista Abralin". Niterói. Vol. 15, n. 2, p. 165-185, julho/dezembro 2016.

LEMOS, M. T. de. **A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição de linguagem**. 1994. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1994.

MAINGUENEAU, Dominique. **Autoralidade e Pseudonímia**. Trad. Sírio Possenti. *in:* "Revista Abralin". Niterói. Vol. 15, n. 2, p. 101-117, julho/dezembro 2016.

_____. **Discurso Literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

_____. **Doze conceitos em análise do discurso**. Org. Sírio Possenti *and* Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. Trad. Adail Sobral [et al]. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes / Editora da Unicamp, 3ª. edição, 1997.

MERÇON, S. A. A. *and* NEMR, K. **Gagueira e disfluência comum na infância: análise das manifestações clínicas nos seus aspectos quantitativos e qualitativos**. *in*: "Revista do Cefac". São Paulo, vol. 9, n. 2, 174-179, abri-jun 2007.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Ed. Pontes, 2ª. edição, 1997.

_____. **Semântica e discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1975.

PICCARDI, T. **O sujeito da AD: um conceito em transformação**. *in:* "Revista Intercâmbio". São Paulo: LAEL/PUC-SP. Volume XV, ISSN 1806-275X, 2006.

POSSENTI, Sírio. **Dez observações sobre o sujeito**. *in*: “Linguagem em (Dis)curso”. Tubarão. Vol. 3, Número Especial, p. 27-35, 2003.

_____. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **Indícios de autoria**. *in* “Perspectiva”. Florianópolis. Volume 20, n. 1, pp. 105-124, jan / jun 2002.

_____. **Notas sobre a questão da autoria**. *in* “Matraga”. Rio de Janeiro. Volume 20, n. 32, pp. 239-250, jan / jun 2013.

_____. **Notas sobre o autor**. *in:* “Revista Abralin”. Niterói. Vol. 15, n. 2, p. 219-244, julho/dezembro 2016.

_____. **Observações sobre o Interdiscurso**. *in* “Revista Letras”. Curitiba, UFPR, n. 61, pp. 253-269. 2003.

_____. **Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

RIO, Ana Carla Carneiro *and* FERNANDES JUNIOR, Antonio. **Uma autora que não ousa assinar o próprio nome: discurso e autoria em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. *in:* “Revista Abralin”. Niterói. Vol. 15, n. 2, p. 121-145, julho/dezembro 2016.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Concepções não-valorizadas de escrita: a escrita como “um outro modo de falar”**. *in:* KLEIMAN, Angela B. (org.) *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

SALGADO, Luciana Salazar. **A transitividade das autorias nos processos editoriais**. *in:* “Revista Abralin”. Niterói. Vol. 15, n. 2, p. 187-215, julho/dezembro 2016.

SCARPA, Ester M *and* FERNANDES-SVARTSMAN, Flaviane. **A estrutura prosódica das disfluências em português brasileiro**. *in:* “Caderno de estudos linguísticos”. Campinas. Vol. 54, n. 1, pp. 25-40, jan / jun, 2012.

_____. **Aquisição da Linguagem**. *in:* MUSSALIM, Fernanda *and* BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à Linguística*. São Paulo: Cortez, 8ª. edição, 2012.

_____. **Disfluências e estrutura prosódica na fala adulta e infantil**. *in* “Revista Prolíngua”. Paraíba, Volume 10, n. 1, pp. 30-42, jan / fev, 2015.

_____. **Sobre o sujeito fluente**. *in:* “Caderno de estudos linguísticos”. Campinas. Vol. 29, pp. 163-184, julho/dezembro 1995.

SIGNORINI, Inês. **Estilo e agentividade na escrita**. *in:* TFOUNI, Leda V. (org.) *Letramento, escrita e leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

_____. **Letramento e (in)flexibilidade comunicativa**. *in:* KLEIMAN, Angela B. (org.) *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

SOBRAL, Adail. SOLIGO, Rosana *and* PRADO, Guilherme do Val Toledo Prado. **A subjetividade em textos acadêmicos: algumas considerações**. *in:* "Nonada: Letras em Revista". Porto Alegre. Vol. 1, n. 28, p. 174-193, maio 2017.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. trad. BAGNO, Marcos. São Paulo: Parábola Editorial, 1ª. edição, 1992.

TENANI, Luciani. **Letramento e segmentações não-convencionais de palavras**. *in:*

TFOUNI, Leda V. (org.) *Letramento, escrita e leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

TFOUNI, Leda Veridiani. **A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para um teoria do letramento**. *in:* SIGNORINI, Inês (org.) *Investigando a relação oral/escrito e as teorias de letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

_____. **Adultos não-alfabetizados: o avesso do avesso**. São Paulo: Pontes Editores, 1988.

_____. **Autoria: um lugar à espera?** *in:* "Estudos linguísticos". São Paulo. Vol. 37, n. 3, p. 71-77, setembro/dezembro 2008.

_____ *and* PEREIRA, Anderson de Carvalho. **Letramento, heterogeneidade e alteridade: análise de narrativas orais produzidas por uma mulher não-alfabetizada**. *in:* "Alfa". São Paulo. Vol. 49, n. 1, p. 31-49, 2005.

_____. **Letramento – mosaico multifacetado**. *in:* TFOUNI, Leda Veridiani (org.). *Letramento, escrita e leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

Anexo 1

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de História

DECLARAÇÃO

São Paulo, 2 de março de 2017

Declaro, para os devidos fins, que Thais Rosa Viveiros desenvolve a pesquisa “Indícios de disfluências: uma proposta para a noção de autoria”, pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP. O projeto, apresentado a esta Comissão de Pesquisa, foi considerado isento de análise por um Comitê de Ética por apresentar baixíssimo risco. A pesquisadora apresentou documento em que detalha procedimentos e assume o compromisso de esclarecer os participantes e garantir a confidencialidade.

Declaro, ainda, que o desenvolvimento da pesquisa será acompanhado por esta Comissão de Pesquisa por meio de relatório semestrais fornecidos pela pesquisadora.

Profa. Dra. Ana Paula Magalhães Tavares Magalhães Tacconi
Presidente da Comissão de Pesquisa – FFLCH/USP